EVANGELHO ETERNO (Apocalipse, 14, 6)

PRINCÍPIO OU DEUS – Essência Divina Onipresente, Onisciente e Onipotente, que tudo origina, sustenta e destina, e cujo destino é a Reintegração Total. O Espírito e a Matéria, os Mundos e as Humanidades, e as Leis Relativas, retornarão à Unidade Essencial, ou Espírito e Verdade. Se deixasse de Emanar, Manifestar ou Criar, nada haveria sem ser Ele, Princípio Onipresente. Como o Princípio é Integral, não crescendo nem diminuindo, tudo gira em torno de ser Manifestador e Manifestação, tudo Manifestando e tudo Reintegrando. Eis o Divino Monismo.

ESPÍRITO FILHO – As centelhas emanadas, não criadas, contêm TODAS AS VIRTUDES DIVINAS EM POTENCIAL, devendo desabrochá-las no seio dos Mundos, das encarnações e desencarnações, até retornarem ao Seio Divino, como Unas ou Espírito e Verdade. Ninguém será eternamente filho de Deus, tudo voltará a ser Deus em Deus. Esta sabedoria foi ensinada por Hermes, Crisna e Pitágoras. Jesus viveu o Personagem Inconfundível de VERBO EXEMPLAR, de tudo que deriva do UM ESSENCIAL e a Ele retorna como UNO TOTAL. O Túmulo Vazio é mais do que a Manjedoura. (Entendam bem).

CARRO DA ALMA OU PERISPÍRITO – Ele se forma para o espírito filho ter meios de agir no Cosmos, ou Matéria. Com a autodivinização do espírito, ao atingir a União Divina, ou Reintegração, finda a tarefa do perispírito. Lentíssima é a autodivinização, isto é, o desabrochamento das Latentes Virtudes Divinas. Tudo vai aumentando em Luz e Glória, até vir a ser Divindade Total, União Total, isto é, perdendo em RELATIVIDADE, para ganhar em DIVINDADE.

MATÉRIA OU COSMO – A Matéria é Essência Divina, Luz Divina, Energia, Éter, Substância, Gás, Vapor, Líquido, Sólido. Em qualquer nível de apresentação é ferramenta do espírito filho de Deus. (É muito infeliz quem não procura entender isso).

OSVALDO POLIDORO

Nos Planos da Morte

OSVALDO POLIDORO

Nos Planos da Morte

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a Vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruzes.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando Nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

ÍNDICE

CAPÍTULO I 7
CAPÍTULO II 15
CAPÍTULO III 25
CAPÍTULO IV 33
CAPÍTULO V 41
CAPÍTULO VI 53
CAPÍTULO VII 63
CAPÍTULO VIII 81
CAPÍTULO IX 91
CAPÍTULO X 109

CAPÍTULO I

Quando Catarina assomou à porta do quarto, onde seu marido de há muito sofria as torturas de mal incurável, sentiu passar por si alguma coisa estranha, uma espécie de gélida aragem. Como tudo estivesse fechado, sem possibilidade alguma de corrente de ar, Catarina procurou atinar com o que fosse aquilo, posto que o fenômeno fora intenso. Não encontrando explicação nas leis físicas, embrenhou a mente nas suposições espirituais, concluindo pela morte do esposo, clamando em brados alarmantes, acordando sua mãe e os dois filhinhos, que, assustados, vieram ter a ela.

Eu, seu filho mais velho, contando então dezesseis anos, acordado que estava e na cozinha, tomando a primeira refeição, a fim de rumar ao trabalho, acorri aos apelos, encontrando-a debruçada sobre meu pai, que de fato estava morto.

Seguiram-se os trâmites ordinários. Afinal, depois de todos os choques e entrechoques da opinião humana, as leis fundamentais cumprem os desígnios do Supremo Autor, endereçando as criaturas aos devidos fins. Diz velho refrão que Aquele que mais sabe mais calado fica. Realmente, enquanto as criaturas berram conceitos e preconceitos, empinando concepções e mais concepções, entre si as mais contraditórias e paradoxais, a Soberana Vontade executa Seus programas, através de leis básicas, sem ruído, sem alardes nem empavonamentos.

Meu pai sofria havia muitos anos; com isso gastamos tudo quanto fora possível, acumulando ainda algumas dívidas. A medicina havia dito, pela experiência de criteriosos esculápios, não haver recurso para o mal. Quanto ao credo por todos esposado, o Catolicismo, ele nada dissera, nem teria o que dizer, mudo e surdo, cego e materialista como era e como continua a ser. A única pessoa inquirida por minha mãe, e que lhe dissera estar tudo perdido, fora uma senhora benzedeira, muito acatada pelo povo, mas bastante atacada pelo pároco, que a tinha em conta de feiticeira.

Após a tempestade, a cruenta movimentação telúrica, tinha de vir a bonança; e a bonança veio, lenta e segura, até que terminamos por achar bem feita, a obra de Deus. Comparando as torturas e os inúteis esforços de antanho, com as pazes feitas junto às noites bem dormidas e os dias de paz e trabalho, concordamos com a Sabedoria Suprema. Foram quatro anos e meio de rotina pacífica, apenas curtindo saudades imensas, lanços de pranto, porque meu pai fora um homem bom, humanamente bom.

O exemplo que dera, durante a enfermidade, infundira profundo respeito; sua paciência parecia não ter limites! Quando alguém lhe exaltava a condição de sujeição ao mal, ele invariavelmente respondia:

– Tenho certeza de que a alma é imortal; portanto, além dos critérios humanos, acima dos recursos da medicina, pairam os desígnios de Deus. Se a morte for total, terei ganho a vantagem do homem decente, daquele que não escandaliza nem mesmo o sofrimento. E se a morte for aparente, continuando a viver o espírito, então receberei de Deus a recompensa de filho obediente. Além destas cogitações, é necessário lembrar que podem existir outros motivos para a vida e suas consequências, motivos que eu por ora desconheço, porém motivos que não serão ignorados por Deus. Por tudo isso, basta-me ser paciente, aguardando pelo que vier, quando e como Deus o queira.

A última vez que assim falou, foi a resposta dada ao farmacêutico, havendo este retorquido, cheio de dúvidas:

– É filosofia que serve... Mas, quem sabe?... Se ao menos as almas voltassem!...

Meu pai, que era assíduo leitor da Bíblia, respondeu-lhe:

– É disso que a Escritura está cheia, não?

O senhor Juvelino fez um esgar, balbuciando a meio tom:

– Ora a Bíblia!...

– Duvidas? – perguntou-lhe meu pai.

Ele encolheu os ombros, emendando:

– Entre dois erros, prefiro ficar com o menor: se a Bíblia é verdadeira, onde estão aqueles grandes avisos do Céu? Onde foram parar os anjos, os espíritos, tudo quanto ela diz que acontecia naqueles tempos? Prefiro que minta a Escritura, antes que eu o faça, compreende? Porque eu vivo do melhor modo, procurando fazer o bem, evitando todo e qualquer mal...

Meu pai atalhou-o:

– Jesus não falhará!... Jesus não falhará!...

O farmacêutico acrescentou, evasivo:

– Talvez... Talvez, Bonifácio... De tudo aquilo só resta a idolatria e a exploração humana... Se Jesus teve por missão fazer isso que anda por aí, que é a continuação de tudo aquilo que de formalismos, idolatrias e explorações já havia antes, creio que Ele foi apenas o mártir da inconsciência, da própria inconsciência. Ou teriam adulterado a Sua Doutrina, posteriormente? Se o fizeram, como se poderá saber e consertar a coisa? E mesmo que se venha a saber e a poder consertar, quantas gerações passaram e foram enganadas? Quem iria, depois de tudo isso, resgatar as legiões de ludibriados?

Lembro-me de que a conversa por aí terminou, ficando ambos a meditar, até o momento em que alguns parentes apareceram, tendo-se ido o farmacêutico, pensativo e triste, como quem deseja aquilo que não pode conseguir, a verdade reconfortante que se vislumbra ao longe e parece inatingível.

Durante o velório, à noite, o senhor Tristão, esse o sobrenome do farmacêutico, ao vir a mim para dar os pêsames, comentou:

– Quero crer na imortalidade da alma, faço até algum esforço para isso. A questão é que não posso, não consigo. Quando morre alguém, conhecido e amigo de tantos anos, como o seu pai, fico dias e dias a meditar, a cismar. Se é gente mais de perto, ou do sangue, adoeço, vou parar na cama.

Amargurado como estava, comentei-lhe, sentindo o peso da afirmativa:

– É certo, senhor Tristão... Fica-se com a alma congestionada, contrita a mais não poder. Hoje, por exemplo, parece-me ter a morte na garganta!...

Ele revidou, de pronto:

– Bem, não é a morte que me ataca e faz estrago; é a incerteza da religião, é a isenção de recursos práticos confirmativos da imortalidade que me faz mal. O ferreiro lida com o ferro e prova com fatos o que faz; a costureira não cobra por aquilo que não produz; eu, como farmacêutico, por exemplo, troco o remédio e os meus serviços pelo dinheiro do freguês. E assim por diante, normalmente a Humanidade trabalha e reparte os benefícios que vive a cambiar. Com a religião dá-se o contrário, nada se prova e quem procura saber dos resultados é herético!...

Em minha simplicidade, e ferido em cheio pelo querido defunto ali presente, achei por bem ser apenas conformista:

– É real. Todavia, senhor Tristão, Deus sabe o que faz, não é?

Homem simples, usando sempre de franqueza para todos os efeitos, retrucou:

– Pelo menos, Teodoro, Deus nada cobra nem dá opinião. Eu falo é dos que cobram e exigem respeitos exagerados, pelo que fazem de salamaleques a título de religião ou de coisa válida perante Deus! Sabe que um dia destes, perguntando ao pároco a respeito de provas a dar, a fim de justificar as cobranças que faz e os respeitos que exige, deu-me ele, como resposta, o conselho de jamais fazer semelhante pergunta a quem quer que seja?! Não acha você, menino, que é pedir muito pelo nada que prova?

Ainda julgando estar certo, apresentei a minha sugestão:

– Devemos ter fé... Se ainda me lembro, Jesus pediu para termos fé.

– Em quem, Teodoro? Em Deus, ou nos donos de religiões?

Expus o meu pensamento, com acanhamento evidente:

– Em Deus... Em Jesus... Eu penso que deve ser assim.

O farmacêutico abanou a cabeça, emitiu o seu sorriso entredentes, aventando:

– Logicamente, Teodoro, a chamada Criação testemunha um Emanador, um Princípio, um Deus, seja lá como for, Substância, Energia, Espírito, sei lá!... Também é certo que os livros dizem que Jesus fez grandes coisas, milagres, ou coisas que o valha. O que se lê dos Apóstolos, diz que também fizeram prodígios, que andaram curando, fazendo milagres, etc. No entanto, que fazem os tais de padres, esses homens que se apresentam empalhaçados, cheios de gestos fingidos, criando atitudes formais e obrigando a idolatrias, a fim de garantir as vantagens do bolso e do estômago, do orgulho e da vaidade? Será que o Deus de Verdade, que em tudo e para tudo se comprova à base de leis justas, de fatos concretos, em matéria de religião perdeu a noção de equilíbrio e de moralidade? Ou será que o erro humano pôs a perder a Excelsa Doutrina vivida por Jesus?

Não fora estar angustiado de corpo e de alma, teria perguntado, naquela época, ao senhor Tristão, que importância teriam aqueles problemas para a vida. Afinal, tudo quanto eu sabia dava

para pensar deste modo: crentes ou descrentes vivem e morrem! Todavia, naquele transe, estava contrito, cheio de temores e obrigações, motivo por que apenas aduzi:

– É isso mesmo... Acho que o senhor tem razão.

Animado de estranha convicção disse, quase num ralho mal disfarçado:

– Pondere, menino, que a coisa é bem grave. Que tem visto e sabido até hoje, à custa de ir à igreja? Viu mais do que homens fantasiados, pedras e paus, gesso e barro, simulacros e rituais inventados por homens? É nisso que devia dar a Doutrina de Jesus, segundo como rezam as Escrituras?

– Mas eu não sei que coisas rezam as Escrituras, senhor Tristão!... Minha gente crê em Deus, em Jesus, nos Santos... Para crer não é preciso nada disso, a gente sente...

Contrariado com as minhas primeiras palavras, interrompeu-me:

– Não pode ser! Então, Teodoro, enquanto uns acreditam cegamente, outros podem explorar maliciosa e grosseiramente, chegando a trair a Lei? Foi esse o exemplo do Cristo? Demais, se o Cristo tivesse feito isso, ou se isso por que aí está fosse o que Cristo deixou, não teria feito Ele coisa ridícula, sacrificando a vida a bem de erros que já estavam degradando a inteligência e envergonhando as consciências desde milhares de anos?

Não tendo o que dizer, verdadeiramente acuado pela força de argumentos que eu não poderia refutar, pela falta de conhecimento de causa, monologuei a esmo:

– Bem... Bem, todos falam em Deus, no Bem, na Verdade...

Quando eu gaguejava o que rematar, emendou ele, sorrindo:

– Eu sei, eu sei; também os ladrões de cavalos falam em Deus!... Todos querem ter um Deus, nem que seja para fazê-Lo responsável de seus erros! E não faltam os que mentem e roubam, fraudam e impingem grossas estultices, já não digo em nome do Criador, mas francamente à custa do Criador. É necessário lembrar o seguinte: há muita diferença entre crer em Deus, ou fazer um comércio e obra de preservação da ignorância.

Deu-me uma palmadinha nas costas, enquanto fez breve silêncio, para em seguida indagar-me:

– Deus quer a ignorância e a idolatria? Deus teme a sabedoria do homem? É justo que em nome de Deus se imponham farândulas e se conservem exércitos de parasitas sociais?

Dei graças a Deus de haver-se avizinhado um mulato que, sorrindo afavelmente, acenava com a cabeça e mostrava uma fila de alvíssimos dentes. Eu estava no barranco, sem beco nem saída, pois nunca havia pensado em religião e, muito menos ainda, em comparações que pudessem e devessem ser feitas. Como quem passa fogo ao vizinho, sorri como pude ao novo interlocutor, continuando calado. O senhor Tristão, cumprimentando o mulato sorridente, perguntou-lhe:

– O senhor, que acha?

Com a voz bem timbrada, respondeu o simpático mulato:

– Eu sou protestante... O senhor tem razão, pois o Evangelho diz...

Num repente, meio nervoso, o senhor Tristão interrompeu-o, obtemperando:

– O Evangelho só não diz que Jesus passou pela vida falando muito e sem fazer ou provar coisa alguma! É outra forma de ser conformista com a cegueira, nada mais! Vocês pregam, falam, cantam belos hinos, etc.; mas nada fazem e nada sabem daquilo que Jesus sabia e fazia, ensinou e deixou no mundo!

Pretendendo ser lógico e paciente, o protestante revidou:

– O senhor tenha paciência, tenha calma...

O senhor Tristão, vivamente embalado, replicou-lhe:

– Paciência e calma eu tenho bastante, meu amigo; o que não tenho e não pretendo ter, lembrem-se, é tolices no cangote!

O mulato aparteou, convicto:

– Diz um provérbio chinês que aquele que perde a paciência é porque já perdeu a razão...

O farmacêutico refutou, enfático:

– Esse chinês, meu amigo, viveu no tempo em que os cachorros não sabiam para que serviam as linguiças... Se ele fosse vivo hoje, e tivesse um pouco de senso crítico para aplicar na vida, certamente cortaria o pescoço antes de dizer tamanha asneira. Diga, isso sim, que a mentira religiosa cativa mais do que a pinga, vicia mais do que o jogo e brutaliza mais do que o analfabetismo!

O mulato virou as costas e foi andando, dizendo coisas que se não podiam ouvir. Eu, aproveitando a oportunidade, entrei para dentro de casa, alegando que me estavam chamando. E o senhor Tristão, por sim ou por não, ficou onde estava, fumando o seu cigarrinho de palha, fedorento como ele só. Estava, porém, satisfeito.

CAPÍTULO II

A vida, numa cidade pequena do interior, concorre para que se arraiguem e demorem os registros emotivos, pela falta de movimentação e distrações. O número de conhecidos e de amigos é avultado, obrigando a rememorar os fatos e as comoções, prolongando as amarguras.

Em face da morte, é claro, até os ateus pensam com respeito; se os crentes o fazem pela significação da responsabilidade, o ateu o faz pela perda de tudo que lhe tem valor, que é a vida consciente, fundamentada nos mancais do afeto e da razão. Todos, porém, encaram a morte com respeito, ainda que uns veiculem o respeito pelos prismas do temor, enquanto que outros o fazem pelas vielas dos sentimentos humanos, onde a simbiose razão e sentimento, forja um estado traumático de abandono e lassidão. Entre os que acreditam em Deus e na imortalidade prevalecem os sentimentos de continuidade, embora em tom místico e funéreo, muitas vezes supersticiosos e até macabro. Os que pretendem matar a vida com a transformação da matéria, quase sempre mais abrutalhados, embora também quase sempre mais humanos, o sentimento de negação os faz modificar mais depressa o estado de choque.

Assim foi que ouvimos conversas de variantes matizes concepcionais: uns afirmando que a morte põe cabo a tudo; outros dizendo que até o Juízo Final de nada adiantaria pensar; outros afirmando que as missas garantiriam melhor estado ao morto; outros repetindo que, a morte não existindo, cumpria cogitar do bem estar dos trespassados, assim como fosse possível, segundo leis e recursos conferidos por Deus.

A questão é que cada qual fala de seus conhecimentos recalcados, esquecendo o efeito das tradições alheias em benefício de suas tradições, muitas vezes de concepções que chegaram a admitir com tremendos esforços, depois de cruentas lutas íntimas de ordem consciencional. O que levaram tempos a adotar, pretendem que os outros o façam de pronto; o que curtiram dolorosamente, magoando convicções de longa tradição, desejam que os demais resolvam em cinco minutos.

Todos sabem dizer o que os outros devem fazer, até mesmo aqueles que nada fazem. Afirmam com toda a certeza outros tantos, sobre as verdades da morte, como nenhuma certeza conseguem ter de coisinhas da vida mundana. A vontade pura e simples de auxiliar, em casos tais, faz de muita gente séria apenas criaturas ridículas.

Todavia, o reduto familiar estava prevenido, sabendo ouvir, calar e decidir por si mesmo, sem alardes. Dizer algumas palavras de consolo e apoio a uma viúva com três filhos menores é bastante humanitário; mas pretender impor condições de crença e modos de agir é estupidez. Entretanto, foi isso o que nos fez manter a linha mais aconselhável. Uma única vez minha mãe respondeu a alguém, sobre a conveniência de guardar para si toda a sabedoria que armazenava a respeito das verdades de Deus. A piedosa mulher vinha e convidava para irmos ao culto de sua igreja, um dos ramos do protestantismo. Como fosse minha mãe dizendo que não, pois confiava em que Deus não devia gostar de bajulações e engodos, a tal senhora repetia que, por isso, as coisas para nós sempre iriam mal. Minha mãe fez-lhe ver que depois da morte de meu pai, morte que a todos cabe de direito, a única importunação vinha de suas insinuações não reclamadas. Foi o fim daquela amizade, porque a tal senhora era mais sectária do que evangélica.

Aos poucos, como sói acontecer normalmente, os trâmites da vida tomaram conta de todas as cogitações, tendo fim o período de conselhos salvadores. Um dia, ao jantar, perguntei a minha mãe:

– Ninguém mais fala sobre como se vai ao Céu pelo caminho mais curto?

Minha mãe respondeu-me:

– Agora é que eles todos acertaram... Deixar os outros em paz é bem o que Deus deve apreciar.

– Ainda bem! – interveio minha irmã Anita.

Ocorrendo-lhe lembrar o caso, minha mãe perguntou-lhe:

– Foi ontem benzer o sol na cabeça?

– Fui, sim senhora. Dona Alzira mandou-lhe muitas lembranças.

Lúcia, a irmãzinha mais nova, aludiu:

– Foi a melhor amiga... Ensinou o que fazer, sem dar conselhos não pedidos.

Como de hábito, incentivando o respeito pelo próximo e a gratidão pelas amizades, minha mãe observou:

– Sempre que a conduta de uma pessoa não atinge as alturas da impertinência, tudo o mais é boa vontade e merece respeito. Cada qual ofereceu o que tinha e pode, embora alguns com moderação e outros com excessivo ardor temperamental. A senhora Alzira sabe coisas... Por isso, fala menos e faz mais, não dá conselhos a quem não os pediu e não ensina certas verdades a quem julga não merecê-las. Na vida de relações, meus filhos, há que se pôr prudência em tudo; quanto ao que conhecemos sob o nome de religião, muito mais há do que julgam os homens existir. E como sobre tudo se pode falar ou não, segundo como se fale e a quem se fale, em matéria de religião tudo sobe de monta e responsabilidade.

Recordando as palavras do senhor Tristão, durante o velório de meu pai, ventilei:

– O farmacêutico é um tipo interessante, julgado religiosamente; de tudo fala em tese, procurando uma Verdade que deve existir ou ser, ficando sempre à margem das religiões. Discute sempre e nunca manda fazer isto ou aquilo. Sua Verdade é teórica, abstrata, existe no plano dos ideais irrealizáveis. Por isso, vive em luta íntima constante, esbravejando contra o mundo, brigando com todos e nada fazendo de prático. Todavia, é um homem bom, humanitário.

– Quem lhe falou assim? – inquiriu-me ela, sorrindo.

– Meu professor – respondi.

– Quem o fez abordar a questão? – tornou ela, inteligente.

– Eu...

– Por quê?

– Porque a conversa que tivemos, no dia da morte de papai, fez-me pensar e muito. Consultei o meu professor sob alguns pontos, depois das aulas, por noites a fio. Como é versado em Filosofia, andou a me relatar teorias e mais teorias, terminando por dizer que se Deus fosse como certos homens pensam, tudo poderia ser, menos Deus. Quanto ao farmacêutico, senhor Tristão, disse que tem ideias ocultistas, porém que lhe faltam melhores instruções.

Minha mãe referiu-se ao professor, com palavras amáveis:

– O professor Lago é amigo de muitos anos. Fomos colegas na Escola Mista durante alguns anos, antes de me casar, quando abandonei o magistério. É um homem honestíssimo, que a si mesmo promete retidão de conduta e não transige. Discute as filosofias, mas conserva a sua filosofia. Crê num Deus, num Princípio, procurando senti-Lo através da chamada Criação e compreendê-Lo através dos fenômenos da vida. Não conseguindo admitir outros caminhos que não sejam os da Justiça, do Bem, da Verdade, da Harmonia e do Amor sublimado, pauta a vida com retidão. Não acredita em petições formais, não se sujeita a rituais, achando que isso tudo é material profano, material que ludibria a uns em proveito dos interesses subalternos de outros. E justifica sua convicção com o recurso de fortíssima dialética, pois enquanto afirma que os mais devotos são aqueles mesmos que procedem na maioria das vezes com mais indecência, afirma também que Deus sempre demonstra agir através de leis e de fatos, como a chamada Criação o comprova.

Satisfeito de ouvi-la assim falar, e admirado por não havê-lo feito antes, indaguei:

– A senhora jamais abordou semelhantes fatos, nem disse antes uma palavra sequer sobre o professor Lago. Conhecendo-o tão bem, e sabendo algumas verdades interessantes, por que não conversou antes a tal respeito? Não sei se é por influência da morte de papai, ou se apenas pela conversa do senhor Tristão, mas a realidade é que me sinto voltado para os pensamentos mais avançados, para as coisas de caráter acentuadamente espirituais.

Tomando ar de quem medita em questões sérias, respondeu-me ela:

– Primeiro foi a doença de seu pai, enquanto você, meu filho, sendo o mais velho, ganhava os dezesseis anos. Depois, segundo o meu modo de pensar, queria vê-lo atingir a idade propícia a esses assuntos. Quero dizer, agora que o sei envolvido em pensamentos e questões tão úteis e interessantes, que não é tudo ficar com os saberes e as concepções do professor Lago; há mais, em Deus, para Seus filhos, do que apenas isso que agora lhe parece muito. Dê-me algum tempo e fá-lo-ei conhecer outras teorias e outras práticas. Enquanto for esperando, como é jovem e os jovens são facilmente maleáveis, tenha sempre em mente que além daquilo que ouvir, que os outros lhe disserem, embora lhe pareçam tais insinuações

muito justas e até mesmo únicas verdades, lembre-se, meu filho, que todos somos filhos de Deus, que Deus nunca faz a ninguém favores nem desaforos e que as portas do conhecimento jamais serão por Ele fechadas a quem quer que seja. Mantenha a sua mente acima de insinuações, à margem de exigências sectárias, longe das estreitezas do mundo religioso formal. Nenhum conhecimento, neste mundo, é mais erradamente aplicado; porque em nome da religião se fazem todas as asneiras, se dizem todos os impropérios; quem compra ofertas de homens não é melhor do que aqueles que vendem. E, de modo geral, perante Deus todos somos iguais em natureza e finalidade. Saiba ouvir, assimilar o quê for bom e nunca perder a sua personalidade. O verdadeiro saber faz criaturas livres e não escravas. Os verdadeiros mestres passam adiante os ensinos, jamais querem coagir e dominar.

Ela estacou, em certo momento, para meditar um pouco; enquanto ela raciocinava, minha irmã Anita adiantou-se, meio revoltada:

– O padre disse, domingo, que Dona Alzira é feiticeira. Eu acho que o padre não sabe que ela benze os doentes... Se ele tivesse alguma doença, e precisasse, não diria essas coisas de Dona Alzira.

Entretido naquilo que minha mãe iria dizer, nada lhe respondi. Minha mãe também não o fez, concentrada que estava no assunto que lhe tomava toda a atenção. E quando falou, foi para dizer:

– Quando você completar dezoito anos, permitirei que leia alguns livros que herdei de meu pai, seu avô. Como já lhe disse, meu pai morreu no mar, pois fora marinheiro da esquadra francesa. Os livros que deixou, dedicados a mim, sua filha única, foram as luzes que me guiaram na vida. São livros cheios de sabedoria, extratos de grandes livros ocultistas; resumiu, também, outros tantos ensinamentos, a fim de facilitar a compreensão. Como eu pretendo que vocês todos aprendam o idioma francês, pretendo também que venham a conhecer verdades melhores, verdades que livram, não isso que por aí anda, em nome de Deus e do Cristo, coisas idólatras que servem de meio de vida a muitos parasitas, a homens que exigem a ignorância de seus semelhantes, para se garantirem vida farta e cômoda.

Minha irmãzinha volveu a perguntar:

– Dona Alzira é feiticeira?

Minha mãe sorriu, abanou a cabeça em sinal de desaprovação, dizendo:

– Filhinha, você ainda não pode compreender certas coisas... Todavia, lembre-se, Jesus foi acusado de feiticeiro e crucificado. No Talmud, livro de leis dos rabinos israelitas, está escrito que Jesus, na véspera da Páscoa dos Judeus, foi crucificado por ser feiticeiro. Assim O julgaram os padres daquele tempo, da mesma sorte que assim fazem os padres de hoje, quando alguém sabe e faz aquilo que excede aos formalismos e às negociatas idólatras. Todavia, nunca diga o que lhe estou a dizer, pois ainda é cedo para fazer isso. Dia virá, porém, em que a mentira ruirá por terra, retomando a Verdade o seu devido lugar.

Volvendo aos livros prometidos por minha mãe, falei-lhe:

– Desta hora em diante contarei os dias, até que chegue a hora de poder manusear os livros que o vovô lhe deixou. Enquanto isso, quero ir ouvindo as falas dos senhores Tristão e Lago, procurando reter o que for bom, sem me deixar influir em demasia. Serei um bom policial de minhas ideias e de meus impulsos emotivos.

– Antes de mais nada – interpôs minha mãe – procurem vocês todos aprender bem o francês. Tenho um documento manuscrito, deixado pelo vosso avô, que é a cópia de um grande livro, em rolo, que fora encontrado através de escavações feitas nos locais onde viveram por muitos séculos os Essênios, isto é, a Escola de Profetas hebreus. Vocês irão ver, quando puderem ler, que essa Escola foi a mais importante de todas as chamadas Escolas Antigas, fundadas por grandes missionários, como os Budas, Rama, Crisna, os Zoroastros, Hermes Trismegistro, Orfeu, Apolônio de Tiana, etc.

– É formidável, mamãe! – bradei, entusiasmadíssimo.

– E que diria você, meu filho, se soubesse o que fez Jesus, e que posteriormente os homens corromperam? Já pensou na Igreja Viva de Jesus Cristo, sem cleros exploradores, sem fantasias temporais, sem idolatrias; enfim, toda ela fundamentada na Moral da Lei e nas luminuras da Revelação? Pois vocês irão ler e saber, meus filhos, que importa conhecer a Verdade e repelir a mentira, essa mentira que vige no mundo religioso, apenas para gáudio de seus donos, homens gananciosos que tudo querem para si, propriedades e domínios de toda sorte, homens que ficam nas portas, como disse Jesus, que não entram e proíbem a entrada dos que poderiam fazê-lo...

Lúcia, a caçula, perguntou-lhe, admirada:

– Entrar onde, mamãe?!

Houve risos, é claro, por causa daquela pergunta simples e intempestiva, partida de quem partiu. Após o momento de hilaridade, minha mãe prosseguiu:

– Muitos grandes missionários vieram ao mundo, antes de Jesus Cristo, para revelar da Verdade o possível; Jesus veio para completar a medida, fundando Sua Doutrina sobre a Moral da Lei e as consolações da Revelação informadora. Foi como escancarar as portas da Verdade, ou rasgar o véu dos tempos! Deixou, pois, a Doutrina Excelsa, Doutrina que afirmou ser do Pai, não Sua, por ser Ele apenas o seu transmissor. A Doutrina conduz à Verdade, ao conhecimento; aqueles que ficam nas portas, segundo Jesus, são aqueles que têm interesses clericais, sectários, idólatras e supersticiosos. Para eles a ignorância é sabedoria, a mentira é verdade, e a Verdade maiúscula é como se fosse coisa de satanás.

Anita interrompeu-a:

– Mas o papai não dizia que satanás não existe, que é figura empregada como significando o símbolo do Mal?

Minha mãe repetiu as palavras de que meu pai sempre fazia uso:

– Quem havia de ser satanás, minha filha, sem ser o Mal? Em nome do que fizeram aquilo com Jesus? Quem o fez? Lembre-se, filhinha, que ninguém pode ser a favor e contra a Verdade a um só tempo. E o mundo ainda está cheio de homens, e homens que pretendem ser os donos da consciência alheia, que nada mais fazem do que praticar tremendos erros. Tudo quanto é contrário ao interesse de seus grupos, no assanhamento de seus institutos, onde os fingimentos e os simulacros tudo fazem e tudo valem, porque nada esclarecem e tudo sacrificam, impondo a ignorância; tudo, repito, que é pela Verdade, para tais institutos e tais homens é diabólico, é de satanás. Assim fizeram com Jesus e assim farão com todos aqueles a quem a Verdade interessar de fato, porque os homens que transformam a fé em meio de vida terminam transformando a Verdade em coisa insuportável! Dão para inventar rituais, dogmas, simulacros, vestes fingidas; e arrogarem-se toda a autoridade possível. Aberram tanto, de tal modo se pretendem senhores do pensar e do sentir alheios, que perdem as estribeiras quando são contestados.

Apesar de ter ouvido algumas verdades da boca do professor Lago, referentes à Doutrina de Jesus, e os erros que posteriormente surgiram no mundo, através de Roma, quando no quarto século deram fim ao verdadeiro Cristianismo, implantando a idolatria no lugar da Revelação, eu estava admirado das palavras da minha mãe, de seus conhecimentos e convicções.

– Admira-me – disse-lhe – que sabendo o que sabe, tenha calado até hoje; de minha parte, se vier a ter bons conhecimentos, afianço que os farei conhecidos o quanto puder. Faz poucos dias que vivo a pensar nas coisas de Deus e do espírito; no entanto, pelo que tenho ouvido e sentido, o mundo sofre a falta de melhores conhecimentos, parece que deseja saber e não tem como adquirir o conhecimento. Creio que as pessoas de boa vontade e conhecimentos deviam se organizar, para enfrentar a ignorância que domina sobre os filhos de Deus.

– É perigoso, por ora, falar sobre algumas verdades. – respondeu ela – Mas virá o dia, estamos informados, em que as questões espirituais não serão focalizadas pelo prisma das clerezias nem dos simulacros que às clerezias interessam. Problemas do espírito devem ser tratados espiritualmente, sem fingimentos e sem engodos, de espírito para espírito e com a simplicidade e severidade com que se devem acionar as realidades do cérebro e do coração. Quando a mente e a consciência das centelhas estiverem funcionando livres de idolatrias, ou superiormente, a Humanidade caminhará depressa no rumo dos melhores dias.

– Estão informados por quem? – consultei-a.

Esquiva, ela respondeu:

– Por quem pode e deve informar... Todavia, hoje não quero falar sobre isso. Digo-lhe, apenas, que outros tempos virão, em que para conhecer e amar a Verdade não serão impostos aos filhos de Deus homens empalhaçados e idolatrias. As realidades do espírito serão cultivadas através das virtudes espirituais, isentando-se as criaturas de todo e qualquer formalismo pagão. Lembre-se, meu filho, que ninguém chega a ser grande perante Deus, sem ser espiritualmente sábio e amoroso; e que essas potências derivam do espírito, não de engodos e idolatrias. Se Jesus mandou amar a Deus com toda a força do coração e de toda a inteligência, por ser Deus Espírito e Verdade, assim é que se deve adorar. Os simulacros e os demais engodos, que os homens buscam fora de si,

provam simplesmente a falta de virtudes íntimas, a distância em que se acham da Verdade.

Eu estava sob o império da curiosidade, da mais espicaçante curiosidade. Não me seria possível deixar de perguntar-lhe:

– Como a senhora pratica a sua religião, pensando assim? Tenho-a visto, na igreja, entrar e sair sem ajoelhar, sem persignar, sem usar água benta.

Contrafeita, esclareceu:

– É difícil vencer neste mundo, rompendo de uma vez com o ramerrão circulante e por quase todos reverenciado; fosse possível, por estar numa cidade grande, tomaríamos outras resoluções. Aqui, nesta cidade, pequena como é, e com o seu pai doente de mal incurável quase que desde o nosso casamento, não seria possível enveredar para outros caminhos, rompendo com a corrupção e a mentira. Demais, consideramos que vocês haverão de crescer, quando então faríamos coisa diferente, mudando para lugar mais propício. Já que me perguntou, saiba que sou contra tudo quanto é idolatria, tudo quanto é simulacro, seja de vestes, de rituais, de enganosas atitudes. Todavia, lembre-se, mantém a sua boca em silêncio, até que chegue a hora, até que se possa amar a Deus em Espírito e Verdade, tendo por base Moral a Lei e por instrumento informativo a Revelação.

– Revelação!... Em que sentido devemos compreender a Revelação? É a Revelação trazida por Jesus, ou é outra que terá de vir?

Minha mãe levantou-se, dizendo:

– Por hoje basta, meu filho. E não me pergunte mais sobre estas questões, antes de saber bem o idioma francês, compreendeu? E quanto à Igreja de Jesus, é Viva por causa da Revelação e não morta por via da idolatria. Mais tarde terá de saber outras coisas, aí então falaremos mais. Agora, trabalhe durante o dia e estude à noite, para que amanhã seja um bom filho de Deus e não um corrupto, um homem que cultiva a decência e não alguém que se entrega à inverdade.

CAPÍTULO III

A custa de muitos esforços fomos rumando a vida para melhores dias. As irmãs foram crescendo, eu me fiz homem, a nossa progenitora apresentara os seus primeiros cabelos brancos.

Daquela data, em que minha mãe dissera para não mais falar no assunto enquanto não soubesse bem o francês, de fato nada mais lhe perguntei. Todavia, três pessoas ficaram gravadas em minha retentiva: a senhora Alzira, o senhor Tristão e o professor Lago.

A senhora Alzira demonstrava, pelo semblante sereno e grave, saber coisas de que não tratava com qualquer pessoa; sua bondade emanava de nobres sentimentos, suas ações refletiam elevado grau de consciência espiritual. Não sendo letrada, a sua casa era visitada por gente merecedora de melhores créditos, mormente quando algumas desgraças lhes atingiam a vida. O pároco dizia que era feiticeira, mas a palavra do pároco produzia efeitos contrários, porque enquanto ele fazia salamaleques e mandava ajoelhar diante de imagens, e seguir rituais, coisas que de nada valiam nem coisa alguma podiam produzir, a senhora Alzira aconselhava e atacava os fatos em cheio, instruída por quem ela dizia que sabia onde tinha o nariz. Andei por longos dias a lhe vasculhar as redondezas, perguntando a seu respeito às pessoas que lhe pediam auxílio espiritual.

Algumas pessoas diziam que estavam procurando melhoras, que ainda lhe não conheciam os poderes; outras pessoas emprestavam-lhe grandes forças, diziam que tinha valores para auxiliar, mas que julgava os propósitos para prometer auxílio. O maior número confiava em seu caráter superior, pois sendo na juventude muito formosa, e tendo tido muitas ofertas de casamento, mantivera a sua liberdade individual, afirmando que sua vida era devida aos objetivos de Deus. Quando eu completei vinte anos, fui-lhe ao encalço, perguntando-lhe algumas coisas referentes ao meu destino em geral.

– Eu sabia – disse-me ela – que você viria até mim quando a hora chegasse. Agradeço a Deus por isto que vem de ocorrer. Mas, conforme o dito por sua mãe, é melhor que faça estudos melhores,

antes de saber algumas verdades práticas. Sua vida é para ser bem empregada, como a de todos os filhos de Deus. Depois disso, é bom considerar, terá ainda o direito de relativa liberdade, para enveredar por rumos que bem quiser, em matéria espiritualista.

Adiantei:

– Quero seguir a trilha exemplificada por minha mãe...

Antes que eu terminasse, aparteou-me:

– O exemplo de sua mãe é louvável; mas a melhor conduta é você mesmo saber e decidir. Não fale já em nome de conceito algum, porque antes dos trinta anos a sua mentalidade não estará pronta. Lembre-se, Teodoro, daquilo que ora lhe digo, eu que tenho seguido seus passos dentro e fora da carne, observando sua conduta, apreciando seus esforços. Vá, meu rapaz, procurando sustentar bem alto o pálio da Pureza e da Sabedoria. Sem Moral elevada nada se consegue perante Deus, embora o mundo terreno possa vir ao nosso encontro, para nos ofertar todos os bens possíveis. Também o Conhecimento deve ser procurado, porque a ignorância é o único diabo que realmente existe. Cumpre amar a Deus com todas as forças do cérebro e do coração. Fora disso, Teodoro, os homens se fazem joguetes nas mãos das idolatrias e das explorações inventadas por criaturas sem pejo.

Eu estava encantado, porque sua voz parecia vir dos confins do Infinito. Sua fisionomia revelava tremenda segurança daquilo que dizia. Seus olhos grandes e bonitos, amendoados, falavam mais do que a sua boca. Ela se aquietou, em certa ocasião, para me oferecer a palavra. Eu calei, porque senti que ela tinha muito para dizer, enquanto eu tinha tudo para ouvir.

Dando-me a mão em sinal de despedida, adiantou:

– Estude o quanto puder, sem se deixar influir, pois importa que a sua futura conduta represente o melhor de suas convicções. O mundo prepara-se para novos tempos, quando a Doutrina de Jesus deverá ser reposta no lugar e em todas as partes da Terra. Vá, meu rapaz, e que Deus lhe ilumine a mente.

Fui, com a alma transbordante de alegria. Aquela mulher parecia alguém vindo das alturas celestiais. Sua casa não tinha imagens, suas maneiras eram limpas e severas; a impressão que causava era ótima, embora um tanto advertencial. Ela deixava na gente um sentimento de precaução, qualquer coisa que significava atenção

nos mínimos detalhes da vida, como se fosse fiscalizar a conduta das pessoas que com ela procurassem entendimento.

O senhor Tristão fora por mim fartamente abordado. Eu nada lhe disse de minhas pretensões, nem de coisa alguma observada por minha mãe. Notei, entretanto, que ele procurava a Verdade, mas por todos os caminhos possíveis, em grosso ou em linhas gerais, sem se deter nos pormenores, nas nuances doutrinárias. Era de todo anticlerical, como toda e qualquer pessoa vastamente lida em matéria de espiritualismo fundamental. Sabia que a função dos cleros, verdadeiramente, era truncar nas gentes a melhor formação religiosa, por ensinar e impor idolatrias, a fim de manter as instituições, a subsistência e todas as regalias sociais derivantes.

Nem a título de tolerância suportava a Igreja Católica, afirmando que a ela se deviam os erros religiosos em que se chafurdara o mundo ocidental. Salientava o fator Revelação como sendo o alicerce do Cristianismo do Cristo, mas entulhava o interlocutor com suas queixas, achando que nada era possível fazer, sendo, como era obrigado pelas circunstâncias da vida a morar numa pequena cidade, onde todos se conhecem e falam uns dos outros.

Eu queria acesso à sua biblioteca, mas nada consegui; ele sempre tinha algumas desculpas, ora achando que não desejava influir sobre a formação dos mais jovens, ora dizendo que tinha ciúme de seus livros, porque na maior parte lhe haviam sido ofertados por amigos, com dedicatórias.

Vivia, portanto, à sua maneira de ser, aviando receitas e esbravejando contra um mundo de coisas, sem fazer nada de sério e seguro. Era um temperamental, nada mais, com alguns esclarecimentos. Com pouco ficava, e não muito bem, porque não possuía o condão de se decidir. Para ele, o pároco era um gatuno dos corpos e das almas, porque tirava materialmente o que as gentes ganhavam com sacrifício, enquanto que espiritualmente impunha conceitos que constituíam transgressões da Lei de Deus. Em compensação, o pároco dizia dele coisas fortes, menos em questões de moral, que ele sabia viver decentemente, mas a respeito de religião, afirmando que fazia tresmalhar alguns do seu rebanho. O pároco preferia dizer do rebanho do Cristo, para realçar a sua autoridade; mas os elementos mais cultos, ouvindo o pároco falar, sabiam que as lãs do rebanho ficavam ali mesmo com ele, pois do pensamento do Cristo nem ele pároco nem paroquiano algum jamais tivera notícias confirmativas.

Quando alguém lhe dizia das arremetidas do pároco, clamando por Deus e pelo Cristo contra o farmacêutico, este argumentava que devia antes apelar ao diabo, se o diabo existisse, porque é o tutelar dos inimigos da Lei de Deus. E avançava em argumentos, pois entendia que a Humanidade estaria bem mal, se tomasse o exemplo do pároco, uma vez que vivia à custa de um comércio a que jamais tinha obrigação de prestar contas ao Senhorio, nem de dar satisfação dos resultados aos consumidores de suas maquinações. Assim, dizia, enquanto por aqui estiver, de Deus e do Cristo pretende ter a devida autorização, enquanto que a ninguém presta contas, nem do Alto nem cá de baixo, sobre estar sendo honesto ou desonesto.

De fato, assim pensavam muitos, mal andaria o pároco, se lhe fossem exigidas algumas prestações de contas, de maneira prática; não conseguiria provar a realidade do seu ministério nem a eficácia do seu trabalho. Poderia provar, quando muito, que ficava a dever contas a Deus e aos paroquianos, mas contas pelas quais responderia mais tarde, longe das vistas de todos, menos de Deus. Assim, afirmava o senhor Tristão, era o único comerciante que não pagava impostos, como era também o único que podia entregar ou não as respectivas mercadorias, perfeitas ou deterioradas, sem ter que dar satisfação de modo algum.

Nada me aproveitou o contato com o senhor Tristão, contato muitas vezes provocado, porque ele sempre argumentava e nunca chegava a concluir. Sua vida, no entretanto, estava acima de cogitações no plano moral; e fazia, de maneira elegante, a sua obra de solidariedade. Os pobres tinham nele um bom amigo e benfeitor. Para nós, por exemplo, fez aquilo que só Deus lhe poderá ao certo apreciar e recompensar.

O professor Lago era tido como filósofo; não lhe votava o pároco prevenção alguma. Ele, por sua vez, entrava nas igrejas todas, protestantes ou católicas, de todos fazendo bons amigos em humanidade. Suas teorias, quer sobre o chamado Criador, quer sobre a chamada Criação, ou sobre as leis e as virtudes, eram simplesmente monistas. Tudo intrínseco, tudo íntimo, sem distâncias de ordem local entre o Pai e os filhos, fossem espirituais ou materiais. Todavia, manifestava sempre a sua preferência a dois grandes vultos – Crisna e Hermes Trismegistro. Jesus lhe era acima de cogitações, porque dizia que Lhe haviam corrompido a Doutrina, deixando por todos os foros de ser o responsável por isso que a Humanidade

pensa que é Cristianismo. Ao lhe perguntar diretamente o que pensava que fosse o Cristianismo do Cristo, respondeu-me que só sabia ter sido a Doutrina estabelecida sobre a Revelação, vindo posteriormente a ser desvirtuada, em Roma, a bem do Império.

Foi ele quem me atendeu, sem saber, a fim de que eu entrasse para o conhecimento de algumas verdades bíblicas sobre a Doutrina de Jesus. Deu-me uma Bíblia toda assinalada; tudo quanto dizia respeito a Jesus estava marcado em azul, desde os Profetas; e tudo quanto se referia ao derrame de Espírito Santo ou Batismo de Espírito Santo, também. Além disso, fizera anotações à margem, chamando a atenção para os pontos correlatos, citando os textos que deviam ser lidos e confrontados, para efeito de análise e conclusão.

Devo a ele um grande serviço, pois creio que ninguém mais poderia ter feito aquilo, com tanta justeza e segurança, quando ainda faltavam dez anos para o século vinte inaugurar seus domínios no circuito das eras em trânsito. Quando aos vinte anos minha mãe permitiu-me entrar nos assuntos daqueles tais livros e manuscritos, eu estava saturado fortemente das verdades do Cristianismo, de sua base fundamental, constituída de Moral e de Revelação.

É certo que aprendi muitas lições interessantes, vindo a saber que Grandes Mestres da Verdade haviam já passado pelo mundo, quando Jesus veio trazer a graça da Revelação ou Batismo de Espírito Santo, a fim de facilitar aos filhos de Deus em geral as extensões do consolo que é o intercâmbio entre os dois planos da vida. A realidade, entretanto, é que eu comecei a desejar ardentemente saber como seria possível entrar em contato com os espíritos, assim como o fizeram Jesus e os Apóstolos, e todos os cristãos, até o quarto século, como afirmava o professor Lago, fundamentado na Escritura e outros documentos.

Quando lhe pedi para ler algumas obras de sua biblioteca, ao invés de se alegrar com o meu propósito, ficou bastante triste, grave e concentrado, antes de falar. E quando falou, foi para dizer:

– Teodoro, este mundo anda aos trambolhos desde que existe, com os homens a corromper e a conspurcar as leis e os ensinos derivados de Deus. Receio que você, como tantos outros, venha a saber algumas verdades, para logo mais transformá-las em objeto de pouco caso, talvez de motejo. A meu ver, rapaz, creio que deve ir pensar um pouco, antes de procurar tais conhecimentos. É melhor ser um ignorante sincero que um conhecedor escandaloso.

Notando que suas palavras me feriram fundo, até às lágrimas, deu-me um abraço forte, prometendo:

– Teodoro, você é um jovem que promete; venha buscar os livros.

Naquele dia dei entrada aos mais vastos conhecimentos filosóficos, conhecimentos que, encimados pelas verdades evangélicas, deram-me a certeza de que somos de Deus parte e relação. E ao falar em Evangelho, peço que me entendam como de fato penso, em bases morais e revelacionistas, éticas e experimentais, aplicando o cérebro e o coração com o maior ardor possível, para concluir com justeza, acima de suposições supersticiosas, idólatras e conchavistas.

Creio, com toda a sinceridade que, para haver melhora no plano geral do Cristianismo, basta se faça uma rigorosa revisão nas bases conceptivas; que se deixem de lado os misticismos passivos, que em nada resultam, colocando acima de tudo o conhecimento das leis regentes e o reconhecimento de que em Deus não prevalecem as manobras que se fazem em nome da fé. Porque o sentimento passivo de uns é sempre campo de exploração para outros; e, assim, enquanto duas partes cometem faltas, a consequência geral é a imoralidade do ambiente humano.

Se tiver de falar no extrato, na súmula doutrinária, devo dizer que transformo as bases do Velho e do Novo Testamento em uma única chave; porque enquanto no Velho Testamento ressalta a Lei de Deus, que manda adorar a Deus em Verdade e Justiça, tendo como elemento intrínseco informativo a Revelação, também o Novo Testamento ordena amar a Deus com todas as forças do cérebro e do coração, tendo por encimação final o Batismo de Espírito Santo, a Revelação para toda a carne.

Que há, pois, de mais ou de menos entre os dois, sem ser que antes havia Revelação para um pequeno grupo, enquanto depois passou a haver Revelação para toda a carne? Se tomarmos, como de fato devemos tomar a Jesus como tendo sido a Lei viva, não é certo que assim mesmo a base Moral é a mesma Lei? E tudo não fica, de novo, nas bases da Lei e da Revelação?

Considerando, também, que a corrupção surgida em Roma desvirtuou o Cristianismo, e que o Espiritismo lhe é a restauração predita pelo Cristo, não temos de novo as mesmas bases, a Moral da Lei e os informes da Revelação, formando o eixo a mover todo o mecanismo doutrinário?

E se formos por aí, seguindo a trilha justa, não iremos encontrar o espírito postado em frente ao dever único, que é se tornar moralizado segundo a Lei e sábio através da Revelação? A síntese não fica sendo Amor e Sabedoria?

Havendo, consequentemente, que fazer um simples exercício analítico, não iremos encontrar as clerezias, as vestes fingidas, os simulacros, os dogmas, os rituais, tudo isso que é exterior e formal, como entraves ao progresso das almas? Não é certo que, enquanto olham para fora, e fazem ginásticas idólatras, e sustentam legiões de homens e mulheres parasitas, esquecem os graves problemas de consciência? Em que coisas depositam fé? Em que aplicam a esperança? Ao que fica a caridade reduzida?

Já disse um grande pensador, de séculos atrás, que quando a idolatria toma conta do homem, o homem se esquece da fraternidade; nada mais justo, pois o vício da idolatria enceguece mais do que a miopia, embrutece mais do que a ignorância e degrada mais do que os vícios do álcool e do jogo. Porque enquanto alguns outros vícios ferem a criatura de fora para dentro, a idolatria aniquila-o de dentro para fora! Ou se adora em Espírito e Verdade, ou se faz obra de mentiroso, eis a Lei!

CAPÍTULO IV

Quando fui ter com a senhora Alzira, tempos depois, já referto de conhecimentos fundamentais, sabendo o suficiente acerca dos maiores filósofos, estando grimpado nos Grandes Reveladores e cimentado nas verdades evangélicas, disse-me ela, assim que me teve pela frente:

– Reconheces, bem sei, que nenhuma grandeza pode existir fora das virtudes fundamentais. O ideal seria podermos falar na Virtude Integral... Mas, consideremos, não é tempo ainda para semelhantes grandezas. Tratemos de render graças pelo que temos conseguido, sabedores que somos de que o mais tudo virá, não sem esforços, porém seguramente.

Ordenou-me sentar à sua frente, em uma cadeira tosca, a dois metros dela:

– Senta-te, meu rapaz, que a hora é chegada. Antes, porém, quero dizer-te mais uma vez: não esperes, como fazem os tolos, que a dor te encaminhe; faça o possível para avançar, usando os instrumentos que são o Amor e a Sabedoria. Deixa aos tolos que se valham dos recursos dolorosos, grosseiros e estúpidos.

Dito isso, mandou-me concentrar o pensamento em meu pai, dizendo:

– Quando Jesus andou pelo mundo, como homem de carne e de ossos, para exemplificar a Lei e Batizar em Espírito Santo, manteve contatos perenes com o mundo dos espíritos. Por essa razão, diziam-lhe os padres levitas que Ele tinha pacto com Belzebu, pois vivia a falar com os mortos. Jesus, no entretanto, avisou-os, sem resultado algum, que para Deus ninguém morre, que todos vivem e são como os anjos do Céu.

– Eu sei – disse-lhe – que Jesus veio edificar a Igreja Viva sobre a Revelação, porque a finalidade é fazer conhecer, para que a Verdade seja de todos conhecida e reverenciada, vindo a harmonia a reinar em todas as partes, na Terra e nos outros planos da vida.

Ela prosseguiu:

– Estás envolvido por uma aura amarelo-dourada, muito brilhante... Vem aí aquele que foi o teu progenitor, na última encarnação... Procura sentir-lhe a chegada... Oferece-lhe acesso...

Senti que brumas deslumbrantes me foram envolvendo, até certo ponto. Depois nada mais pude sentir, porque perdi a consciência de mim mesmo.

Ao dar acordo de mim, ali mesmo estava, sonolento e sublimado, como se tivesse dormido o mais celestial dos sonos. Parecia que a voz da senhora Alzira vinha de longe, dos confins do Infinito. Aos poucos, no entanto, estava normalizado.

– Esta noite – avisou-me ela – terás um encontro com o teu pai. Será o início de uma grande jornada, se o quiseres. Lembro que és inteligente e culto, e que maior será a tua soma de responsabilidades. Muitos gostariam de possuir os conhecimentos que adquiriste, para mais poderem produzir; vê, pois, que não venhas a perder esta grandiosa oportunidade. Bem sabes, pelo que já leste, que muitos pedem reencarnações e não as conseguem, porque as esbanjaram com os embrutecimentos do mundo... Cultiva a Moral; não te faças impuro nem egoísta; tem piedade, no entanto, daqueles que erram por falta de melhores conhecimentos. Diante das dores e das tremendas dificuldades que medram pelo mundo, não te esqueças da Lei que a tudo controla e da Justiça que a tudo põe cobro... O mundo vê pouco, pode quase nada, aborrece muito e fabrica escândalos; não te deixes envolver pelas artimanhas da animalidade, nem pelos gozos da fortuna temporal. Tenhas a Jesus como Exemplo, Ele que venceu o mundo! Quanto aos que falam em Deus e no Cristo, mede-os pelos exemplos, nunca apenas pelas palavras que proferem, pois aqueles que discursam muito quase sempre pouco ou nada fazem.

Ao levantar-se, concluiu, com voz grave e cariciosa:

– Podes ir, por hoje... Teu pai dirá quando aqui deves retornar. Enquanto aqui não vieres, procura ser útil ao próximo; ama o trabalho, preza a ciência e aplica-te à moralidade. Porque sem trabalho nada se consegue, nem pureza nem sabedoria; e sem esses recursos fundamentais, jamais alguém será verdadeiro profeta.

Ao sair de diante daquela alma encantadora, tantas eram as razões de graças a render, que eu chorava copiosas lágrimas. Entrei num bosque vizinho, sentei-me por longo tempo, até que a grande emoção passara. Ao chegar em casa, procurei minha mãe,

relatando-lhe o que ocorrera. Cheia de alegria, ela chamou minhas duas irmãs, passando-lhes a informação. O ambiente fremeu, vibrou intensamente, vindo outra vez aquele estado de transe, ao qual me entreguei de todo.

Quando voltei a mim, estavam todos lagrimando, entregues a um verdadeiro frenesi de contentamento. Meu pai lhes falara, por meu intermédio, esclarecendo-lhes as mentes e consolando-lhes os corações.

Foram transcorrendo os dias, os meses e os anos, até que me casei com uma filha do professor Lago. Moça de grandes dotes espirituais, cresceu nos conhecimentos doutrinários, desenvolveu faculdades e passou a trabalhar com afinco. Por esse tempo os livros começaram a invadir o País, levando a Mensagem do Consolador a todos os recantos, vencendo aos poucos os maiores obstáculos. Fizemos questão de criar um clube do livro, para assim conseguirmos distribuí-los melhor. Nem tudo aconteceu do melhor modo, quanto ao clube. Entretanto, continuamos a doar livros, pois alguns outros confrades surgiram, metendo mãos à obra, sem olhar para trás, compreendendo que sem esclarecimento não haverá jamais o triunfo da Verdade.

Meus contatos com meu pai, que eram contínuos, conferiam-me grandes vantagens consoladoras e instrutivas. Todavia, afianço que o fator consolação mantinha supremacia sobre os demais, porque em matéria doutrinária andava sempre em dia, estava sempre a par de tudo quanto ocorria, através de livros e revistas. De modo geral o Espiritismo deu feição nova ao ambiente, pois os temas de contatos derivavam, na maior parte das vezes, de suas questões. Havia sempre do que conversar e com melhores proveitos, como ainda hoje notamos, entre as pessoas devotadas às causas da Verdade.

Meu pai, quando mantínhamos colóquios, não cansava de repetir:

– Meu filho – dizia – mais do que ignorar é saber e mais do que tudo é produzir. Procure aprender o quanto possa, mas faça tudo para produzir o quanto lhe esteja ao alcance. Eu, que em vidas passadas andei sabendo mal e produzindo pior ainda, tive de me arrastar através de uma vida cheia de dores e agravos, como você sabe. Até mesmo depois de abandonar o corpo, perambulei quase cinco anos entre vocês, só encontrando lenitivo nos seus pensamentos bons, nas suas irradiações simpáticas.

Eu sei que você não é um espírito endividado, capaz de assimilar critérios avessos ao Bem. Todavia, qualquer um pode achar que já fez bastante, que já pode abandonar um pouco alguns esforços. Lembro-lhe a vantagem de trabalhar com afinco, pois a morte é continuidade e não interrupção. Ninguém devia pensar na morte como fenômeno que separa, mas sim como acontecimento que liga ainda mais. Liga o indivíduo a si mesmo, à sua história, ao seu carma geral, obrigando-o a sujeitar-se a um estado forçado, contra o qual só poderão novas realizações, através de futuras vidas.

– Concordo – respondia-lhe quase sempre – pois uma vida é uma oportunidade, sendo normal que constitua pequeno destaque, destaque a ser encerrado com a desencarnação, quando o espírito se reintegra ao seu carma geral, a menos que venha a contar, como por vezes sucede, com alguma tolerância, o que só ocorre em virtude de merecimentos indiscutíveis.

– Exato – afirmava ele – posto que todos contamos com relativas liberdades; isto é, o direito de jogar à vontade no rol das verdades flutuantes, das pequenas coisinhas, porém coisinhas que se revelam grandes, que abalam, constrangem e punem, obrigando mais tarde a reparos trabalhosos e difíceis...

Tendo ele, certa vez, ficado a meditar, com acentuada tristeza a lhe minar o semblante, perguntei-lhe:

– Que coisinha o faz assim triste, papai?

Com gravidade respondeu, em tom conselheiro:

– Como estamos conversando, o Plano Geral pertence a Deus e o particular é aquele onde metemos nossa vontade a fim de realizar o que julgamos certo ou melhor. Nada podemos contra o Plano Geral, que se impõe quando chega a hora. Todavia, no plano relativo chegamos a abusar, ou por falta de melhores conhecimentos, ou até mesmo por caprichos e turras. Eu, meu filho, andei usando mal as poucas liberdades de direito, cometendo erros e crimes... Confesso que, embora havendo resgatado bastante, ainda restam-me alguns reparos mais ou menos imperiosos. E como você foi uma de minhas vítimas, espero que me compreenda e auxilie, quando soar a hora de novas oportunidades para mim.

Contrito, afiancei:

– Não tenha dúvida, papai, de que tudo farei por si. Não só o faria para qualquer um, como daria tudo, creio que até mesmo a vida, em seu favor. Compreendo o Universo como um todo,

onde os deveres e direitos, as faltas e os merecimentos podem calhar a todos, cumprindo haver sempre obrigações e necessidades dos melhores entendimentos e devotamentos.

Ele agradeceu-me, observando:

– Normalmente é assim; mas nem sempre assim o compreendemos. A encarnação tapa ouvidos e vistas, embute o espírito nas grosserias do mundo animal e temporal em geral, a ponto de torná-lo um monstro inteligente!... Um monstro!...

Torturado, meu pai sumiu, tendo eu voltado ao corpo, cheio de receios. Quando o dia amanheceu, relatei o acontecido a minha esposa, julgando ela ser vantagem realizarmos uma sessão, a fim de sabermos alguma coisa a seu respeito.

Fomos até a residência da senhora Alzira, já agora bem velhinha, ostentando porém a sua personalidade marcadamente superior, severa e angélica ao mesmo tempo. Ali fizemos uma sessão, tendo vindo meu pai, calmo e ponderado, relatando que graças a Deus sentia repulsa pelos atos antanho praticados, a ponto de sentir necessidade de recolhimento. Nada havia, porém, de mal em tudo isso, pois reconhecer o mal é um pouco da iniciação ressarcitiva.

Tendo eu, movido pelo afeto filial, feito alusão aos devidos deveres desculposos, ele observou:

– Eu lhe agradeço a imensa compreensão e boa vontade; mas advirto que a Lei não é segundo nossas apreciações particulares, apreciações que comportam interesses de relação imediata, como sejam os de caráter consanguíneos e familiares em geral. Pela mesma razão por que perdoamos a uns, podemos incriminar a outros, pelo simples fato de que uns podem ser achegados e outros não. E assim por diante. A Lei, entretanto, que é elemento intrínseco ao Plano Geral, força ao reequilíbrio, impõe a rearmonia total. As criaturas devem perdoar-se mutuamente, mas em tempo, antes que atinjam as questões o plano cominativo. Depois de haver lesão perante a Lei, esta move a Justiça e nada mais pode ser feito, sem ser cooperar para que o andamento dos fatos tenha a melhor solução. Assim, portanto, em primeiro lugar cumpre não criar casos agravantes, que forçam à Justiça; em segundo lugar cumpre, uma vez que a questão haja atingido tal culminância, fazer todo o possível para harmonizar com os fatos punitivos. Então, o melhor é concordar com a Lei.

Havendo pauseado, para facilitar o raciocínio, logo mais acrescentou:

– O perdão entre as partes, lembrem-se, coopera com a Justiça, mas não lhe tolhe a função, porque não elimina as causas. A grande questão é não criar caso, é evitar os erros. Erros valem apenas como desarmonias... E as desarmonias devem ser reparadas. Por isso mesmo, muita razão têm aqueles que conferem mínimos créditos ao relativo livre arbítrio, achando que tudo é questão de Plano Geral, de Supremo Determinismo. Todavia, não têm todas as razões, pois o mesmo livre arbítrio, que é parte integrante do Supremo Determinismo ou Plano Geral, facilitando poucas liberdades, oferece oportunidades múltiplas de ações virtuosas ou criminosas, de onde surtem tremendas dores ou felizes conquistas espirituais. De modo geral, ninguém pode eliminar coisa alguma, nem o poder do Plano Geral nem os riscos do relativo livre arbítrio, porque fundamentalmente é assim. Ninguém é autômato, devendo dar de si a religião ou religação, consoante a Lei de Deus, que é Força Viva regente e não apenas palavras escritas.

Minha mãe anuiu:

– O simples fato de haver Lei, significa a necessidade de advertência; e advertência consiste precisamente em não destoar da Ordem ou Harmonia Universal. Negar o livre arbítrio é como negar a própria Lei, pois a Lei repousa seu mérito em conferir liberdades e pedir as respectivas contas.

Em tom ponderoso, meu pai comentou:

– Seria interessante, de uma vez para sempre, compreendermos que as cogitações humanas não demovem as leis básicas. Aquilo que é, pela Soberana Vontade, isto é e se impõe, normal e seguramente, sem pedir conselhos nem dar contas. De que adiantaria a mim, por exemplo, reclamar o direito de discutir as leis de Deus? Que conseguiria eu, negando ou afirmando, depois de haver errado? É do íntimo das coisas e dos seres que a Lei vige, acionando a Justiça. Vem, portanto, das profundezas do Universo a Lei que o rege, com ou sem o nosso conhecimento, a gosto ou a contragosto de nossas convicções. Aos poucos, sem dúvida, iremos aprendendo a discutir menos e a produzir mais, em conformidade com a Lei.

– Os Grandes Mestres da antiguidade – endossei – consideravam o supremo trabalho aquele que consiste em realizar a harmonia com a UNIDADE SAGRADA; para eles, todos saímos do UM

em condições de gérmen, devendo fazer o retorno em estado de integral consciência. A Verdade não é para eles coisa que se deve apenas aprender que existe, ou para falar a seu respeito, mas é a VIRTUDE à qual devemos o maior esforço realizador, porque é a conquista da consciência universal, conquista que projeta o espírito aos píncaros do poder e da glória.

Meu pai enunciou:

– Tenho estado a seu lado, de ordem superior, quando lê os grandes ensinamentos que eles contêm. Nós, de fato, somos filhos da UNIDADE SAGRADA, que é sempre presente. Realmente, em todas as partes está Deus, como LUZ DIVINA, oculto nas profundezas do mundo material, ou dos diferentes planos do mundo espiritual. Quem pode realizar o Amor e a Sabedoria, pode realizar a integração consciente, a sintonia ou consonância. Não é, porém, apenas com saberes teóricos que se consegue semelhante realização. Desmanchar o coscorão grosseiro já é serviço lento e longuíssimo; quando se praticam faltas agravantes, tudo piora, pois há que resgatá-las, também, para conseguir avançar nos rumos da Pureza e da Sabedoria. De todo e qualquer modo, entretanto, há que conhecer e trabalhar, pois não existe outra solução.

Tendo feito pequeno estacato, lembrou-me:

– Dê-se por feliz, meu filho, de ter conseguido tão bons aprendizados. Com isso e mais as suas faculdades, tem penetrado o mundo espiritual, visto coisas de maravilhar e de assombrar, fato que constitui verdadeira graça de Deus, porque é fonte de grandes certezas e preciosos ensinamentos. E como estamos falando sobre o programa das almas, reparou mais de uma dezena de vezes o que vai pelos rincões trevosos e inferiores, onde as legiões maldosas sofrem as faltas cometidas. Eu perambulei dezenas de anos por lugares assim... Hoje, meus queridos, rendo graças a Deus do quanto já resgatei. Vocês, minhas vítimas de tempos atrás, foram para comigo pacientes e carinhosos. Compreendem como Deus deseja que sejamos irmãos queridos? Eu, que lhes prejudiquei, vim a ser seu amparo e tutor, para mais tarde cair doente e merecer a grande lição do Amor! Eu, que lhes fiz sofrer, agoniar e morrer tragicamente, de vocês mesmos recebi grandes demonstrações de amizade e de sacrifício abnegado.

Quando minha mãe começou a soluçar, ele se despediu e se foi. Nós fizemos oração e demos a sessão por encerrada.

CAPÍTULO V

Um belo fenômeno, e que impressionou bastante, foi o encontro de meu pai, uma tarde, quando passeava nos arredores da cidadezinha, como de hábito fazia, quando nenhuma ocupação me tomava o tempo.

Estávamos entrando no crepúsculo, quando se chegou aos poucos, surgindo bem no centro de uma nuvem azulino-dourada. Após cumprimentar-me, tal como se fosse um homem de carne e ossos, continuou a marcha comigo, entrando a dissertar sobre um seu amigo de antanhos tempos, que em virtude de suas insinuações cometera erros graves, vindo posteriormente a recalcar faltas e agravos, descendo para lugares medonhos, onde tudo fazia para sair, encontrando porém consideráveis dificuldades.

– Esse pobre irmão – adiantou meu pai – clama aos mentores pela sua oportunidade de resgate; os mentores, por sua vez, consideram os motivos de culpa, no mecanismo das vidas e dos eventos funcionais. Como é fácil de imaginar, estou de permeio em toda a trama que o prende à inferioridade. É o círculo social e acional a envolver criaturas e mais criaturas, atingindo aquele grau que se diria de saturação jurídica, sem cujo desfecho não é possível resolver coisa alguma. Estou intimado a dar-lhe atenção, concorrendo com os recursos à mão, a fim de o encaminhar. E como sei de seus propósitos e venturosas faculdades, venho pedir mais esse favor.

Encantado com a oferta serviçal, respondi:

– Tudo, na vida, se resume em ser útil a Deus através do próximo; fora dessa norma fundamental o Céu se recusa a receber o vivente, fazendo-o permanecer à margem de suas glórias. Todos os Grandes Reveladores, e principalmente Jesus, que veio edificar Doutrina sobre a Revelação, assim o ensinaram. Fico-lhe, papai, agradecido pelo convite... Naquilo que Deus queira e eu possa, conte com a melhor das atenções.

Não sabia, no momento, que mão teria apertado, se física ou substancial; sei, no entanto, que lhe apertei a mão, pois ele disse ter pressa e se foi, sorridente e muito feliz.

À noite, depois de fazer minhas orações, ou preparo psíquico, senti que frêmitos deliciosos me envolviam, até que me dominaram por completo. E logo mais, em gozo de espírito, senti que estava no ar, leve qual pluma, entre um grupo de espíritos, dentre os quais meu pai se achava.

– Aqui estamos – disse ele – para trabalhar. Afinal de contas, Teodoro, a vida é simplesmente a luta que se trava entre as trevas e a Luz Divina, no íntimo das almas. Tudo o mais é apenas derivação, é corolário. Um é como todos e todos são como um só. Devemos, portanto, lutar pela redenção de todos. Esse é o modo geral, essa a linha normal e necessária. Acresce, porém, que muitas vezes metemos o bedelho na vida alheia, complicando sua norma evolutiva, prejudicando o programa ordinário. Surgem, então, os deveres de ordem particular, aquilo que deriva de ações incidentais, de compreensões individuais. Dá-se muito desta coisa, meu filho; muitos de nós erramos tremendamente, pensando agir bem.

Um dos presentes, criatura de feições graves, interferiu:

– A regra, no mundo, é que cada qual tem o direito de defender aquela causa que julga ser a justa ou melhor. No entanto, aquilo que é justo ou melhor, segundo o critério humano, pode estar em desacordo com a Lei de Equilíbrio, vindo a registrar agravos, e agravos que deverão ser desfeitos através de obras, assim como através de obras foram levados a termo.

Outro deles, tomou de imediato a palavra, para acrescentar:

– É comum, portanto, que todos possam errar. Visto isso, deve tornar-se comum a noção de compreensão e perdão entre os irmãos em geral. Sem perdão entre irmãos não é possível haver melhora geral; e como sem compreensão não pode haver o indispensável perdão, eis aí que devemos trabalhar pelo esclarecimento. A Doutrina do Cristo fundamenta-se na Revelação que esclarece, para que daí surjam a compreensão, o perdão e, como consequência direta a consumação harmônica. Compreendamos, portanto, que quando houver paz entre as partes, segundo a Lei ou em consonância com ela, haverá paz forçada por ela para todas as partes. Cumpre atender para esta chave – ativar a Lei em favor de todos, para que tenhamos parte na harmonia geral.

Meu pai falou, observando:

– Duro é, porém, fazer com que todos compreendam a função da Lei!

E um deles emendou, concluindo:

– Eis o motivo de tantos trabalhos e de tantos fracassos! Marchemos, porém, em busca do Amor, que o salário vem de Deus e não da incompreensão dos homens, sejam encarnados ou desencarnados. Vamos dizer aos de boa vontade, que as dores representam as próprias faltas cometidas; e aproveitemos a oportunidade para avisar aos endurecidos que ninguém pode lutar contra Deus e sair vitorioso.

Envolvido na aura preciosa que eles formavam, entramos numa zona densa, mal cheirosa e compressiva. Dentro de segundos estávamos numa cidade enorme, ensombrada e triste, porém movimentada, cheia de gente pelas ruas.

– Aquele a quem devemos atender – salientou meu pai – com muito custo atingiu esta região e cidade. Aqui, como devia acontecer, deveria entrar em contato com outros errados ou cúmplices... Eu sou um deles, como já disse. E sou aquele que está incumbido de articular entendimentos entre todos. Como devem entender, alguns estão em situações e condições favoráveis, sendo que outros se acham em tristes lugares. Logo, amigos, a trabalheira vai ser lentíssima em andamento e complexa em suas partes e minúcias.

Um dos componentes anotou:

– Tudo é questão de começar!

Outro anuiu:

– Nada se conclui sem movimento!

Ainda outro observou:

– Temos algum programa elaborado?

Meu pai esclareceu:

– Começaremos levando ao Jonas a certeza do auxílio superior, auxílio que, como soe acontecer, advirá dos trabalhos das partes e do todo coletivo nele entrosado. Saberá que estamos agindo, mas ficará sabendo, também, que não serão de pouca monta os percalços do caminho... Reconhecerá a necessidade premente de perdoar, de ensejar todo o bem possível, de...

Após breve e significativa pausa, concluiu:

– Sim, reconhecerá a necessidade premente de orar com todo o vigor da alma, meditando palavra por palavra o Pai Nosso a proferir.

Mais uma pausa grave, cheia de impressionante comoção, para enunciar:

– Nós cometemos grandes erros, com o nome de Deus e do Cristo nos lábios! Nós fomos verdadeiros hereges! Os nossos crimes trazem as marcas da traição, porque em nome de Deus matamos e fizemos cruezas tremendas, enquanto vivíamos recitando a Lei e pronunciando orações invocativas e de louvor!... Sim, todos nós, aqueles que estamos envolvidos nesse crime, temos o dever de aprender a orar com o coração, para que as obras venham a ser de fato redentoras... Trabalhar com amor, por compenetração das verdades fundamentais, eis a grande oração! Deus não fala, irmãos, sem ser através de atos e fatos! O homem, falho que é, foi quem se lançou a fazer valer mais as palavras do que os fatos; mais a idolatria do que a consciência pura; mais os engodos formais do que a inteligência lúcida!

Descemos e fomos andando pela rua. Nossos trajes eram, agora, os de todos eles. Estranhando a cor local, indaguei:

– Está para anoitecer?

– Não, isto aqui é a plena luz de que eles gozam.

Um outro emendou, simplesmente:

– Sombras por dentro, sombras por fora, nada mais. Não está certo?

Meu pai pormenorizou um pouco:

– Aqui, Teodoro, ainda sobrevivem vetustas civilizações, em concordância e relação com as marcas psicológicas de seus habitantes. É a velha regra: os caracteres fazem o meio e o meio força os caracteres. Como é raríssimo encontrar quem pretenda lutar intimamente pela verdadeira revolução, raramente alguém é atingido pelos recursos estranhos, como agora acontece... Isto é, acontece em parte.

Como fizesse impertinente silêncio, interroguei-o:

– Que quer dizer esse “em parte”?

Lá veio a explicação:

– Eu não poderia, e alguns outros também, progredir, sem fazer o possível para que eles também avancem. Estamos ligados pela engrenagem dos fatos e da Lei, havendo necessidade de melhora geral, para que todos consigam avançar, sem outras dificuldades,

compreendeu?

– E se alguns deles quiserem continuar do contra?

Elucidou-me:

– Eu disse que sem outras dificuldades, não disse? Pois o devido é devido, mas não para todos os efeitos e consequências; uma vez que alguns teimem em fincar pé na má vontade, segue-se o que é segundo a Justiça. O que não pode ser, no entanto, é que alguém fique atrás, sem as devidas atenções por parte dos demais parceiros de falta.

– Como é simples e complexa a Soberana Justiça! – exclamei.

Ao que um deles expressou:

– Ainda que custe bastante, por vezes, ao nosso entendimento...

Curioso, interpelei-o:

– Por que, assim diz?

Ele explicou:

– Você está ouvindo dizer, que seu pai e outros erraram em nome de Deus e do Cristo, não é assim? Pois eu cometi graves erros pelo simples fato de chegar à conclusão de que não poderia haver Deus nem Justiça! Metido que estava em provas duríssimas, para efeito de resgate, mas desconhecendo os porquês, dei para negar tudo, tudo e tudo! Mais tarde, vindo a sobreviver à morte, comecei a reconsiderar os fatos e recebi os devidos esclarecimentos. Mas, para infelicidade minha, outros erros já havia acumulado...

Outro, da comitiva, interferiu:

– Enfim, a dor é sempre filha do desequilíbrio.

Estávamos chegando ao local previsto. Meu pai anunciou:

– Jonas é um clérigo fanático... Isto é, se não fosse fanático não estaria por estas plagas ensombradas e rústicas, mal cheirosas e agourentas. Quero lembrar, no entanto, que devemos evitar certas referências que possam parecer acusações. Esta gente é cheia de nervos e tiques concepcionais, por pouco e por nada entendendo tudo pelo avesso. Creio que devo eu falar a eles, ficando vocês para aquilo que talvez seja necessário fazer...

– Fazer o quê? – perguntei, afoito.

Meu pai deu-me a devida explicação:

– Passaremos por emissários do Supremo Poder, mais do que normalmente o somos, a fim de influir ao máximo. Sugestão é o recurso a ser aplicado, pois temos de abalar nele tudo quanto seja possível, a começar da centelha, isto é, de dentro para fora.

Desejei saber:

– Estaremos em face dos sete corpos do homem, segundo a Teosofia?

– O homem, na carne ou fora dela, tem corpos e mais corpos, porque o perispírito é constituído de elementos vários, em densidade. Começando na centelha ou alma, vem para as gamas energéticas mais sublimes, depois atinge as primeiras gamas etéricas, vindo então para as demais substâncias grosseiras, como sejam os gases, os líquidos e os sólidos do perispírito. Porque, como sabe, para nós este corpo é naturalmente um corpo, apesar de que temos, felizmente, algum domínio sobre ele.

Ainda insuficientemente esclarecido, perguntei:

– Em que sentido iremos atuar através da sugestão?

– Por sugestão entendemos a movimentação dos poderes mentais e eletromagnéticos, por onde começam as ações de caráter mais exterior; iremos fazê-lo pensar fortemente, para que abale em si mesmo o mundo conceptivo em que está envolvido, ao qual se acha escravizado desde muito. O seu Deus é aquele do Velho Testamento, o seu Cristo é aquele da Santa Inquisição e a sua Lei é aquela que não só permite, mas que exige a contradição, para gáudio de seus infelizes arautos. Para ele, Deus está fora de toda a chamada Criação, não havendo irmandade, também, entre tudo quanto existe, seja espírito ou matéria. Rituais e dogmas são os recursos, sendo os clérigos os agentes da salvação. O Amor, a Ciência e a Revelação, tudo isso nada vale. As questões de consciência, que são as bússolas do espírito, também nada representam. Enfim, a idolatria é tudo e os fatores intelecto-morais de nada valem. Pelos seus ídolos e pelas suas bobagens formais, seria capaz de chibatar sua própria mãe e de esganar quem quer que fosse, numa hora de louco frenesi.

Um dos outros emendou:

– Você bem sabe, pois o temos ouvido pregar que a morte não faz santos nem devassos, mas permite ao homem que conserve a sua personalidade. Portanto, tenha em mente que a estupidez

também tem direito a mercado nestas plagas, pois estas plagas, para isso, estão fartas de recursos e possibilidades. Deve saber, antes de mais nada, que isto não é o inferno teologal, porque reina aqui a religião de nossos pais, aquela que Roma inventou, quando corrompeu o Cristianismo verdadeiro, edificado sobre a Lei e a Revelação. Esta cidade, saiba, é para eles muito civilizada!

– Compreender eu compreendo; mas é tão rústico isto que vemos e temos pela frente, que parece apenas um trágico romance.

– Entretanto – advertiu meu pai – a Terra está cheia de gente que não se lembra da Lei, tem horror pela Revelação e vive dobrando joelhos defronte a tudo quanto é idolatria! E tenha em mente, ainda, que se não fossem alguns valiosos recursos da civilização, grandes derramamentos de sangue a Inquisição seria capaz de causar, por afeição à simulação e ao comércio religioso. Não está a Terra longe disto, mesmo naquilo que parece melhor, que sabe a religião, que parece civilidade.

Vencido, admiti:

– Realmente. Quando um homem se veste de tal ou qual modo, e faz imagens de tal ou qual forma, e inventa sortilégios à guisa de atos de fé, postergando, para efeito de religião, a lugar inferior ao que é consciência e virtude, nada mais se pode pretender em matéria de escândalo.

Ao que um outro, sorrindo, anexou:

– Pior fica aquele que paga e sustenta essas besteiras!

Ainda outro ponderou:

– Cumpre notar que há muito de boa fé em tudo isso...

E meu pai sugeriu:

– Quem é que come e bebe, calça e veste, e faz tudo quanto é necessário à custa de apenas teorias e fingimentos? Até quando, em nome da fé, a fraude tem o direito de passar como sendo virtude ou justiça? Quando eu estava no mundo, usando as prerrogativas de alguns conceitos menos elegantes, dizia que a Terra ainda era um mundo de bugios e macacos, tal a quantidade de coisas inferiores que seus habitantes se gozavam em sustentar e fazer funcionar. Devo dizer, depois de tudo quanto tenho visto, que não andei errado, tendo sido apenas franco. A função da matéria é servir, é ser sujeita ao espírito, não é para representar a Divindade,

não é para significar a Moral, a Ciência, o Amor nem a Revelação. Que se deve pensar de quem deixa atrás a supremacia do Intelecto e da Moral, que são os verdadeiros motores do espírito, para se sujeitar a formalismos e a idolatrias, simulações e engodos ritualísticos? Não é própria de símios, semelhante atitude?

A conversa findou na entrada de um templo à romana. Dentro, tal como na Terra, havia de tudo quanto era próprio de quem não sabe amar a Deus em Espírito e Verdade. Muita gente sentada, ajoelhada, fazendo adorações a seu modo, segundo a marca evolutiva de quem era portadora. Cheguei a me sentir mal, constrito, pois eu já havia subido um pouco em matéria de culto espiritual. Notando a minha tortura íntima, observou um dos componentes do grupo:

– Não fique triste e contrafeito por isto, que coisas piores ainda medram por este mundo de Cristo. Na Terra ainda existem seres humanos que comem a seus semelhantes, como existem heróis que falam em Deus e fazem guerras, estraçalhando velhos e crianças. Isto que vê, Teodoro, é apenas a baixeza em feição algum tanto amenizada. Eu creio que deve usar de paciência e de perdão, porque afinal de contas estamos entre criaturas que se condenaram, que se entregaram à inferioridade. E na Terra, que a Humanidade toda festeja seus heróis sangrentos?! E no seu mundo, que nas festas religiosas esfolam inocentes animais e os devoram, como se isso constituísse um ato sagrado?! Quantas formas de roubo têm curso legal no mundo em que vive?! Que povo já abandonou a inveja?! Onde está a raça que repeliu o adultério?!... Quantas criaturas, dentre as que oram, riscaram a mentira de seus usos e costumes?!... Quantos ainda juram pela mentira?!...

– Compreendo, compreendo... – concordei, meio apavorado, premido pelo triste ambiente e pelas verdades dolorosas ali evocadas.

Antes de dar-se por satisfeito, acrescentou ainda:

– Sim, meu amigo, os métodos materiais e grosseiros de culto, que medram nas regiões inferiores, revelam apenas o grau de involução em que se acham tais habitantes, ressumbram o animalismo e o atraso em geral. Na Terra, entretanto, os que mais se julgam sábios e conscientes, senhores da Verdade e fartamente civilizados, eles mesmos são os expoentes da idolatria e do fetichismo. Tanta é a grosseria, e de tal modo reina desenfreada, que apesar de ser simplesmente errada, e nalguns casos criminosa, passa ainda por ser a própria Verdade! Não alimentemos, pois, prevenções contra

esta pobre gente; sendo trevosa e sofredora, é muito mais digna de respeito do que aqueles que na Terra se julgam ministros de Deus, porque a eles cabe, na maioria dos casos, a responsabilidade destas infelizes realidades.

– Tenho, para mim – disse-lhe eu – que a Humanidade melhorada será aquela que viva da melhor maneira a Moral e a Revelação. Enquanto as gentes, para efeito de culto, ou a pretexto de religião, recorrerem a meios materiais e grosseiros, é sinal que interpretam a Deus como igualmente grosseiro e material. Isto é, pretendem que a Divindade seja como a criatura animalizada o é, nada mais.

Quem me estava à direita apontou:

– Olhe para isto e observe; toda esta mediocridade seria o paraíso para aqueles que estão nas trevas, onde reinam o pranto e o ranger dos dentes, onde as criaturas até se deformam, tangidas pelas imposições das forças mórbidas; para nós é apenas bastante sofrível, porque somos ainda pouco evoluídos; e seria infernal para os mais elevados na escala hierárquica. Logo, por Lei e por Justiça, o bom Deus dá a cada um segundo a sua conduta íntima. É pena que tantas criaturas se demorem nos planos dolorosos, por afeição à imoralidade religiosa e à péssima concepção em geral; mas, por outro lado, esse direito que favorece a tortura e a permanência nas plagas torturantes, é o mesmo que, mais tarde, quando bem aplicado, sustentará a grandeza da criatura em Amor e Sabedoria. Cumpre-nos, apenas, o serviço de ensinar o melhor caminho.

Meu pai advertiu:

– Cessou o tempo de livre conversação.

Entramos por uma porta e fomos parar defronte ao padre. Estava sentado e lendo um surrado Missal, com olhos tão pregados que nem sequer nos pressentiu.

– Salve! – saldou-o meu pai, erguendo os braços e se encaminhando a ele.

– Salve! – respondeu, admirado, lançando arguto olhar pela comitiva toda.

Com bastante ênfase, meu pai anunciou:

– Aqui estamos, padre, de ordem superior, a fim de convidá-lo para funcionar como profeta ou senhor de algumas graças! Terá que aprender a perdoar, terá que se fazer verdadeiro discípulo do Cristo, para merecer a graça de curar, aliviar e soerguer os ânimos combalidos. Como recebe, irmão Jonas, esta oferta das Alturas?

Chocado, visivelmente surpreendido, murmurou:

– Já era tempo!... Já era tempo!... Há dezenas de anos que me subtraíram aos piores lugares, pelo muito zelo com que agi, quando ministro de Deus na Terra!.. Fui exagerado, lá isso fui... Mas, já era tempo!... Enfim, terei a oportunidade sonhada... Sarar as doenças, consolar os aflitos, ser inspirado!...

Para mim ele parecia, nada mais do que louco varrido; mas era um padre, um homem que estava certo de não estar errado, embora estivesse de todo viciado nas coisas idólatras, formais e rampeiras, vestígio seguro de ser um espírito bastante inferior, capaz de conceber a Deus como sendo apenas maior nos mesmos erros, nas mesmas grosserias, amante de engodos, pagodeiras e simulações horríveis.

– Aqui tem! – disse meu pai, enquanto sacou de um bolso pequeno manual de ensinamentos.

Ele apanhou o livrinho, olhou-o bem e leu, em voz alta e sonante:

– "AS FORÇAS QUE CURAM, PELOS EXEMPLOS DE JESUS CRISTO".

Meu pai insinuou, falando com autoridade:

– Sua vontade, padre, fará o mais tudo! Viremos dentro de alguns dias, para saber de sua resposta. Está certo?

Afoito, respondeu:

– Dentro de alguns dias?!... Respondo já!...

Teatralesco, meu pai advertiu:

– Alto! Alto! Um padre é apenas um padre, mas um profeta é um profeta!

Diante da sua mudez assombrada, meu pai adiantou:

– Ordens de mais Alto, padre, são ordens de mais Alto! Terá de fazer alguns exercícios mentais, orações, e, acima de tudo, perdoar!... Como se estivesse pregado num lenho infamante, a exclamar: "PERDOA-LHES PAI, PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM!"

O padre estava pasmo, boquiaberto, mudo.

– Como quer entender, padre Jonas? Aceita? – repetiu meu pai.

Erguendo os braços, murmurou, com voz soturna:

– Eu faria isso agora mesmo!... Agorinha!... Eu quero!...

Qual se fora grande artista vivendo cena trágica, meu pai exprimiu:

– Pensar é pensar!... Querer é querer!... Poder é muito mais!...

O padre admitiu, baixando a cabeça:

– Compreendo... Compreendo... Eu pequei, matei... Matei!...

Meu pai prosseguiu:

– Terá que aceitá-lo, rendendo graças a Deus! Virão substituir-lhe... Fará retiro nas montanhas, junto à vida simples!... Sua alma subirá, sua mente alcançará concepções elevadas!... Seu coração fará prodígios sentimentais!... E o bom Deus enviar-nos-á de novo, para sabermos de sua resposta. Fica assim combinado?

– Fica... – respondeu, compenetrado, submisso.

Meu pai armou a cena final:

– Sua aceitação representa merecimento considerável, Jonas! Devemos, agora mesmo, trasladar a benção a si endereçada pela aceitação. Venha, poste-se à minha frente, para que todos lhe imponhamos as mãos em nome do Senhor!

Ele veio, ajoelhou, tendo cada um de nós colocado as duas mãos sobre a cabeça calva do padre.

– Oremos! Invoquemos o Senhor! – bramiu o meu progenitor.

Houve oração profunda, concentrada, potente. O padre fremia debaixo de nossas mãos, trepidava, pronunciava palavras desconexas. Terminando, meu pai avisou-o:

– Iremos daqui, para falar ao seu governador. Assim que for substituído, passe alguns dias longe das gentes, no seio da floresta, compreendeu?

Trêmulo ainda, o padre afirmou:

– Farei tudo a rigor! Senti que o Céu vinha sobre mim!...

Fizemos a despedida e nos fomos, para avisar o chefe da região. Apesar de tamanha inferioridade, apesar da truculência a reinar em tudo e para tudo, a ordem em tudo se cumpria. Nada mais do que um lugar ensombrado para almas ensombradas. Estavam, porém, ligados ao Poder Supremo, não apenas por força da gênese, mas em virtude das observâncias postas em prática, da vontade de acertar. E como poderiam subir, melhorar, conseguir oportunidades, espíritos assim chafurdados no erro e nos tremendos crimes? Como acertar, sem ser lentamente, penosamente?

Foi assim que terminou aquela grande viagem. Adiante direi, como foram concatenadas estas informações, estes registros, a fim de serem relatados.

CAPÍTULO VI

Quando ocorriam tais desdobramentos, acentuadamente conscientes, eu tratava de organizar sessão imediata, com todo o recolhimento possível, a fim de sondar o mapa geral e as partes minuciosas do trabalho levado a termo. Vinham, então, as palestras relevantes e confortadoras, a troca de opiniões e a entrada em conhecimentos de subido valor doutrinário e verdadeiro.

Na tarde seguinte àquele desdobramento, reuni cinco ou seis elementos na residência da senhora Alzira, focando a questão em andamento. Ao vir meu pai, que por ela mesma falava, ratificou as lembranças que lhe relatei, acrescentando informes outros, minuciando fatos:

– Quem sai de tais planos inferiores, Teodoro, nunca fica muito tempo aguardando reencarnação, a não ser que deva muitos trabalhos remissivos e preparativos. Jonas, por exemplo, irá trabalhar alguns anos como aplicador de mãos, em região e cidade pouco mais clara e melhorada, onde vivem cidadãos agravados, em processo de reabilitação psíquica. Ora, observe, a Lei conjuga fatores, elementos e esforços; joga com os recursos devidos e necessários, apanhando o indivíduo no plano geral e movimentando-o da melhor forma no painel das particularidades. Não sendo, de maneira alguma, possível o revolvimento das questões em geral, faz com que a criatura tome o melhor partido ou caminho, por onde melhor e mais facilmente possa encontrar a solução geral. Jonas, pelo que foi determinado, irá curar-se enquanto procura curar os outros, porque as forças a movimentar nos outros são aquelas em que deve se adestrar. Estudará os recursos do espírito; notará a importância dos fatores intelecto-morais; atenderá o quanto importa saber e aplicar as forças de ordem espiritual, mental, fluídicas, magnéticas e acionais em geral, a partir dos meandros cerebrais e emotivos, sem apelar para as grosserias idólatras, sem se valer de instrumentos materiais; isto é, sem fazer de Deus o responsável por tudo quando é rampeiro e degradante, segundo as práticas que lhe são costumeiras, práticas viciosas trazidas do mundo, pelas quais se fanatizara e a bem das quais cometera tremendos erros.

– Saberei, papai, quando ocorrerá a remoção de Jonas para outro local?

– Tomará parte na serviceira em curso, observando a conduta simples e fiel, conforme tem feito, porque foi uma de nossas vítimas. Não haveria obrigação alguma da sua parte, uma vez que está encarnado. Como, porém, sua dedicação à Causa do Senhor tem sido muito bem apreciada nestas plagas, e a sua faculdade oferece campo vasto de auxílio, eu roguei a sua participação, havendo boa acolhida por parte dos Altos Mentores.

– Isto me alegra imensamente, papai.

– Nem poderia ser de menos, meu filho. Afirmo, no entanto, que grandes são as responsabilidades que de tudo isso decorrem. Não se deixe embair de orgulhos e vaidades, e não se julgue cheio de graças, porque isso tudo são apenas oportunidades conferidas, em virtude de merecimentos adquiridos. É como se fossem adiantamentos, compreende? E se não souber usá-los, ficará devendo as contas, de qualquer maneira. Lembre-se, pois, de que a simplicidade e o trabalho profícuo são as marcas do servidor fiel. Tome sempre a Jesus por Modelo, Ele que tinha o Espírito sem medida! Quanto ao mais, aguarde pelo que vier. Boa conduta e preciosas leituras, palavras conscientes e orações meditadas. Vou-me, agora, porque os trabalhos são muitos.

Ele se foi, tendo nós outros encerrado a sessão.

Pelo espaço de quatro dias, nada houve de merecedor de atenção. À noite seguinte, porém, esteve plena de belas realizações. Assim que fui deitar, vi como que desaparecer o teto, ficando o firmamento a descoberto, com as estrelas a cintilar. Era maravilhoso, prendia a atenção, fascinava. Dentro em pouco, foram aparecendo luzes na imensidão, luzes que foram vindo, que se aproximaram, aumentando de tamanho e de vida. Digo vida, porque manifestavam soberbo esplendor inteligente, embora se apresentassem como flocos de luz, de luzes em profusão.

Quando clarinadas soaram nos espaços infindos, como que anunciando a presença de alguém, observei que flocos muito maiores foram aparecendo, como a surgirem no local, não provindos de outras partes. E a imensidão se fez povoada de flocos e mais flocos, por todas as partes surgindo, surgindo, surgindo...

Quando observei, já não estava no leito, mas tomando parte na maravilhosa parada celestial, fazendo parte de um pequeno grupo, aquele mesmo que fora ao encontro de Jonas.

– Sabe o que isto significa? – perguntou-me um dos do grupo.

– Ao certo, não – respondi.

Ele veio, e como era muito mais alto, sem esforço colocou-me a mão direita sobre a cabeça, dizendo:

– Repare que ao centro está o globo terrestre, formando ao redor faixas de luz ou de luzes de diferentes colorações.

Havendo observado, notei que havia um bloco negro ao centro, bloco negro que era circundado por muitas faixas.

– Realmente – respondi-lhe.

– Vá pondo atenção em tudo, mas comece do centro, daquele bloco negro, que é a Terra.

– Terei muito prazer nisso tudo, muito obrigado.

Apliquei o máximo de atenção no bloco negro, observando que ele se revelava também todo escamado, feito de faixas superpostas e concêntricas, porém de coloração escura, entre cinza e marrom. Após, fui erguendo a vista, notando que a imensidão era toda constituída de faixas, de faixas agora mais claras, que se elevavam acima de nós, sumindo nas alturas.

– Que maravilha! – exclamei.

– Recomece, recomece! – ordenou o mentor.

Recomecei, notando que apareceram criaturas, a começar do centro do bloco; já não eram apenas luzes, pois se haviam feito humanidades, legiões de seres, vivendo normalmente. Fui olhando para cima, observando que havia diferença muito pronunciada em matéria de colorações. Compreendi que as categorias hierárquicas ali estavam dispostas, a começar do centro da Terra, invadindo as esferas superiores.

– Olhe para ali – disse, apontando com o dedo, para dentro do bloco negro.

E o bloco negro foi como que subindo, na razão direta em que fomos descendo, havendo nós entrado Terra a dentro. Chegando ao local onde houvéramos estado, pisamos o chão local, como da outra feita.

O tal componente do grupo interrogou-me:

– Tem uma ideia, embora vaga, dos planos espirituais ou da Terra em geral. Já sabe onde estamos. Há irmãos para baixo e para cima, por todas as partes, em conformidade com os merecimentos. Em tudo e para tudo está a Lei. Ninguém está abandonado. No âmbito do Plano Geral, cada qual se movimenta, a fim de ganhar em Pureza e em Sabedoria, para atingir as maiores alturas. Como observou, estamos em processo ascensional, estamos habitando os planos ainda rentes ao bloco terrestre.

– Sim, os mais evoluídos para cima e os menos para baixo.

– Entretanto – emendou ele – todos temos o mesmo PRINCÍPIO por Pai e as mesmas vias a trilhar. Tudo quanto foi ensinado à Humanidade, desde os chamados Grandes Mestres da antiguidade, cinge-se ao programa edificador. Realmente a Verdade nunca foi velha nem tampouco nova; jamais houve, em sã razão, sabedoria antiga ou moderna, para ficar apenas em duas datas conceptivas. Tudo quanto foi ensinado, pertenceu a uma só Verdade; o que agora estamos ensinando, e aprendendo, é parte da única Verdade. Apenas, como é fácil conceber, cumpre respeitar os ciclos evolutivos, os aumentos conseguidos, as etapas vencidas.

– Compreende-se perfeitamente.

– No entretanto – prosseguiu ele – bem viu quantas legiões ainda rastejam nos planos inferiores, ajustando contas com as más obras. Não faça confusão entre a involução e a criminosidade, entre os que devem evolução e os que devem faltas e crimes. Ninguém sofre penas pelo fato de ser involuído, pois aquele que não pode subir, normalmente, merece respeito e auxílio. Mas aquele que comete faltas e crimes, esse paga! Não quero lembrar-lhe os pequeninos, aqueles que estão nos primórdios evolutivos; quero que pense naqueles que pagam dívidas nos lugares tenebrosos, quero que faça oração pelos criminosos.

– Por quê?

– Simplesmente porque nós pertencemos aos serviços de socorro, e serviços que dizem respeito aos errados por causas religiosas. A começar de lugares como este, na subcrosta, nossos trabalhos desenvolvem-se de maneira ascensional, pois a Chefia Geral pertence a Jesus Cristo. E como deve ter percebido, Jesus edificou Doutrina sobre a Revelação, para fazer conhecer o mecanismo da vida planetária, do todo, a fim de, aos poucos, harmonizar os conhecimentos e os trabalhos de maneira prática.

O que ora ocorre, no plano carnal, representa o efeito de uma Ordem Superior, por via de fatores cíclicos; importa exercitar a Revelação, porém dentro do máximo rigor; isto é, tendo por finalidade a edificação intelecto-moral, o aperfeiçoamento em geral, não porém com fins interesseiros, objetivos degradantes, como infelizmente ocorre com alguns irmãos menos avisados, que atendem a espíritos sem a menor autoridade, que apenas vazam seus próprios defeitos.

– Infelizmente – aduzi – muitos são aqueles que perguntam a espíritos sobre questões de ordem puramente alheias ao programa de edificação espiritual. Pretendem que os espíritos sejam seus empreiteiros de bens mundanos.

– Justamente – atendeu ele – onde reside um grave erro. A função do Consolador é informar sobre as verdades fundamentais, é ensinar segundo a capacidade dos instrutores e dos aprendizes, tendo por extensão algumas vantagens curadoras. Resumindo, cumpre-lhe recordar as lições do Cristo, portanto desempenhar a função doutrinadora, exercitando os recursos possíveis em matéria de preservação da saúde física. Como pode compreender, cada cidadão destas plagas pertence a um determinado grau de evolução e plano de habitação, vindo a focalizar as questões em conformidade com o seu caráter e poder de concepção. Disso resulta, que alguns irmãos da Terra, menos avisados, perguntam a certos espíritos aquilo que lhes está acima de cogitações. E outros fazem pior, entregando-se a práticas horríveis, apelando para recursos animalizantes, convocando agentes do pior quilate, agentes que se fazem passar por tudo quanto não são, mentindo para todos os efeitos, com o fito de se fazerem respeitar e honrar.

– Tenho pensado nisso, bondoso irmão.

Distanciando-se de mim, anunciou:

– Fui indicado para dizer o que disse e fazer o que fiz. Agora, Teodoro, o restante é com o seu pai.

Depois de eu lhe agradecer, meu pai comandou:

– Vamos ao governador, tratar do caso Jonas.

Dentro de segundos estávamos defronte ao homenzarrão, que havendo chamado um seu auxiliar, mandou que nos conduzisse ao local onde se achava Jonas.

O padre estava metido em roupas diferentes, habitando uma palhoça nos confins de um vale, bem ao pé de pedregosa montanha. Sua indumentária era simples e grosseira caricatura, sua morada horrível e o local bastante ermo. Havia em tudo aquilo muito exagero, o triunfo do desequilíbrio psíquico; mas o homem estava de acordo, vibrava a favor de inadiável reforma intelectual.

Quando apareceu, vindo das alturas da montanha, parecia um Elias a seu modo e gosto, assim como pôde imaginar, ataviar e aparentar. Daria para rir, não fosse a piedade que inspirava, levando a sério o programa severo, mas de maneira até ridícula.

Meu pai havia advertido, antes de chegarmos, que a situação devia ser respeitada, fosse qual fosse, porque seria o começo de uma grande renovação interior, com o alijamento das formas grosseiras de culto, quer mentais, quer práticas. E assim ocorreu, conforme suas previsões.

– Salve! – bradou ele, cheio de pose, erguendo o seu improvisado bordão.

– Salve! – respondemos nós, erguendo as respectivas destras.

Apontando com o bordão o alto da montanha, explicou:

– Estive orando, para que Deus os enviasse! Fui ouvido e rendo graças!

Em tom cadenciado, enfático a mais não poder, meu pai convidou-o:

– Jonas, chegou a sua hora de servir em Espírito e Verdade! Venha para os lados do Senhor, segundo a Lei de Deus; para que cure muita gente! Bem sabe o que é o mundo espiritual: a cópia exata do mundo terrestre, com as pioras que se pronunciam nas regiões inferiores, onde legiões e legiões penam e gemem a culpa adquirida através de erros tremendos!

Escancarou os braços e exclamou:

– Venha amigo Jonas!... Estes braços amigos o esperam!...

E o padre caiu em cheio naqueles braços amigos, chorando copiosamente, subindo sem perceber para um lugar melhor, uma Terra menos grosseira, porém bastante inferior, onde iria aprender a curar outros doentes, para a si próprio melhorar, a fim de logo mais ingressar em nova investidura carnal.

Ao ver-se em lugar mais claro, onde a natureza revelava as melhoras vibratórias através da fragrância reinante, Jonas ajoelhou

e fez a sua oração de agradecimento. Foi uma cena tocante, porque ele sentia profundamente o que dizia, rendendo graças as mais convincentes e sinceras.

Terminada a oração de graças, disse-lhe meu pai:

– Vamos ao diretor do centro de recuperação!

– Vocês não oram de joelhos?! – perguntou, observando que não havíamos tomado a mesma postura que ele.

– Não! – respondeu meu pai, com firme expressão – Tudo quanto é formal, Jonas, é idolatria! Devemos compreender a importância dos fatores emotivo-mentais, que constituem a unidade consciencional, a fim de abandonarmos tudo quanto for exterior, simulativo e fingido! Quem se vale de recursos exteriores, dentro em pouco acredita mais neles do que na Verdade, relegando a plano inferior os nobres e salvadores sentimentos, bem assim como desacreditando das melhores concepções de ordem mental, por onde o espírito se eleva perante Deus, em sua glorificação glorificando o próprio Emanador!

Erguendo os braços, exclamou meu pai, depois de breve e solene silêncio:

– Jonas, meu amigo! Entre no templo de sua consciência e ore com toda a força de sua mente e do seu coração! Estabeleça contato com a Luz Divina, que é onipresente, através de sentimentos elevados e de nobres empenhos serviçais!

Pasmo diante de semelhantes afirmativas, o padre comprometeu-se:

– Suas palavras valem como ordens do Senhor! Aqui está quem deve obedecer.

– Vamos ao diretor! – tornou a dizer meu pai.

E fomos entregá-lo ao diretor de uma grande casa recuperadora, a fim de começar a pensar em outros termos.

O diretor anunciou-lhe, ciente que estava das ocorrências e objetivos:

– Mais um aprendiz das verdades de Deus! Mais um filho do Senhor que procura nas leis o respeito que ao Senhor todos devemos!

Enquanto pronunciava tais palavras, entregou-lhe outro manual, avisando:

– Este manual, Jonas, contém os melhores ensinos sobre as leis e as virtudes conhecidas e aplicadas por Jesus, e mais tarde transferidas aos Apóstolos, pela Revelação ou Batismo de Espírito Santo. Irá conhecer a Igreja Viva de Jesus Cristo, edificada sobre a Moral e a Revelação; o mais tudo, como lhe irão ensinar e exemplificar, depende de suas próprias aplicações. Eu lhe recomendo, antes de mais nada, que saiba honrar o pensamento e os ditames do coração. Estes recursos é que devem ser postos em aumento, porque são os fundamentais e impassáveis; quanto aos demais recursos, de ordem exterior, apenas atraiçoam o primeiro Mandamento da Lei de Deus! Usará a matéria, apenas como serva do espírito, nada mais! Porque tudo quanto passe disso é idolatria!

Cabisbaixo, o padre assentiu:

– Saberei honrar a Soberana Vontade, usando bem o cérebro e o coração, para jamais apelar aos recursos idólatras. Reconheço que o espírito é mais do que toda e qualquer matéria, e que acima da inteligência e dos melhores sentimentos nada pode existir, como elementos de compreensão e amor a Deus!

O diretor indicou aquele que o devia conduzir ao pavilhão onde iria servir, concluindo:

– Erga sua consciência, como produto de sua elevação intelecto-moral, a fim de ter onde manter felizes contatos com a Luz Divina! Aprenda agora, Jonas, e ponha em prática a grande lição de Jesus Cristo! Porque todas as virtudes estão no espírito e devem ser desabrochadas e aplicadas; e quem é virtuoso, por certo aborrece ao que é idolatria!

Assim que o servente indicado levou-o, disse o diretor a meu pai:

– Somos filhos de quem é Espírito e Verdade; entretanto, quanto custa para abandonarmos a idolatria recalcada!

Meu pai emendou, visivelmente contrito:

– Esquecemos o ritual do Amor e da Ciência, que liberta, para nos lembrarmos de outros rituais, exclusivamente pagãos, que chafurdam o espírito. Sabendo que a verdadeira grandeza está para a frente, onde se encontram as conquistas do trabalho libertador, fazemos questão de manter os ramerrões do passado, cheios de simulações, fetiches, superstições e variantes crimes.

O diretor volveu a ponderar:

– O Céu interior nos convida para o Céu; o primitivismo, que ainda está marcado em nossa estrutura histórica, nos chama para baixo! Ficamos, portanto, bastante perturbados com a situação, muitas vezes não sabendo a quem atender. Há os casos de forçamento proposital, quando as criaturas transformam a religião em fonte de renda, em meio de vida. Nestes casos, engrenam-se vários fatores contrários, havendo rebaixamentos indiscutíveis... É o nosso caso, pois esta região é daqueles que se recuperam de graves faltas religiosas... Os assassinos e os mercenários da fé, por estas plagas, recuperam-se, nem sempre sem tremendos esforços, em vista dos embalos horríveis do passado! Temos outros, piores em crimes, que são os feiticeiros; estes devem ainda outras faltas, pois todo aquele que usa de faculdades para prejudicar, mantendo relações com elementos de baixo calão, apelando para elementais e desviando-os da reta simples, estes pagarão muito mais caro pelas faltas cometidas.

– Tenho-os visto em trabalhos tais! – interveio meu pai – Valem-se de faculdades dignas de todo o respeito, para entrar em contato com os piores elementos humanos desencarnados, apelando ainda para seres de outros graus evolutivos, seres que bem poderiam seguir a linha certa e simples. Ao invés de se afastarem de comidas e bebidas, e outras práticas animalizadas e até bárbaras, entregam-se a isso de corpo e de alma, organizando verdadeiras bacanais hediondos. E o pior, em tudo isso, é que se valem dos nomes de Deus e do Cristo, como lhes ensinam os mais pervertidos espíritos, para terem como satisfazer seus horríveis apetites.

Ficando com a palavra, murmurou o diretor:

– A mediunidade é mesmo, em base, lei de relação. Por isso, onde quer que esteja o espírito, cumpre-lhe avaliar o ato de aplicação, a espécie de intercâmbio a executar. Se é certo que os iguais se atraem, também é certo que todos somos portadores do sagrado direito de relativo livre arbítrio, instrumento natural para toda e qualquer decisão direcional. Quem ornamenta a sua consciência, instruindo o seu cérebro e aplicando os dotes de seu coração, não escolhe jamais os caminhos da inferioridade, quando chega a hora de usar suas faculdades. Se a regra fundamental é ir abandonando a matéria, como apelar para requintes de animalidade, a pretexto de agradar a espíritos tais ou quais?...

Baixando a cabeça, num lance de tristeza, confidenciou:

– Temos errado muito!... Muito!... Todos temos errado muito!...

Um dos companheiros sentenciou:

– Quem se dobra diante daquilo que é inferior, sejam idolatrias ou falsas concepções, não se levanta diante de Jesus! E quem não sabe avaliar os poderes de sua consciência, como bússola orientadora que é, certamente virá a se encontrar muito mal. Todavia, Deus nunca fecha o caminho da saída... Temos, quando nada, o direito de penar e de recuperar o perdido... Somos todos Jonas...

Meu pai, olhando para mim com significativo olhar, aduziu:

– Nas altas esferas as criaturas cantam louvores aos nobres valores acumulados; nestas infelizes regiões, todos acabam debruçando sobre as tristes empresas levadas a cabo. Observe da melhor maneira possível, para subtrair a síntese, a medida geral, no seio da qual os indivíduos se movimentam e reequilibram.

O diretor, levantando a cabeça, proferiu:

– Ainda bem que estou a vencer o meu tempo de serviço nesta região! Creio que devo ter resgatado faltas a valer, pois cada um que chega me faz lembrar as próprias faltas, motivando tristes comoções e dolorosas contrições.

Atendendo à hora em que nos achávamos, meu pai anunciou:

– Devemos ir embora, por hoje. Espero que em breves dias aqui esteja, para saber de Jonas e do grande amigo que tenho em você.

O diretor estendeu a mão, procurou sorrir e agradeceu, considerando:

– Muito obrigado. Algum dia pagar-lhe-ei os bons serviços prestados, trazendo gente cuja melhora para mim representa avanços libertadores. Assim como fizemos pecar, penar e sofrer, assim resgatamos ensinando a subir...

Feitas as despedidas, saímos. Em lugar um pouco distante, fizeram os do grupo a costumeira parada, a fim de mudar os revestimentos e invocar o Amor Divino sobre aquelas regiões ensombradas, onde tanta gente vivia e ainda vive, aprendendo que fora da Lei não se realiza o programa do Céu!

CAPÍTULO VII

Feita uma nova sessão, na residência da senhora Alzira, meu pai comunicou-se, havendo feito algumas considerações. Tendo-lhe feito eu saber que na volta carreava impressões desagradáveis, informou-me:

– É vantajoso que isso ocorra; assim você fica certo de que naquelas paragens a vida transcorre em ambientes de graves compressões emotivas. Já não sofrem certas dores e gozam da graça do trabalho fraterno; mas, como sente, ainda sofrem dores psíquicas, tristezas agudas. Todavia, como a Terra é diferente na ordem vibratória, e o seu grau hierárquico é algum tanto superior, a impressão que traz é mais forte. Eles, como inferiores e acostumados, sentem menos, embora a coisa aperte de quando em quando.

Falei-lhe sobre a grandiosa visão dos planos espirituais, dizendo ele:

– Assim como viu com referência ao mundo terrestre, que se subdivide em planos e subplanos, a começar do centro do bloco, ou da esfera sólida, assim se passa com os demais mundos, havendo fenômeno similar para os sistemas planetários e para as galáxias, e assim por diante. Sempre há uma unidade que serve de base, para todas as realidades fenomênicas do Universo. É o que cumpre saber e atender, pois cada um de nós é apenas parte e relação, tomando vantagens ou caindo em agravos, segundo as concepções e os atos praticados. Ora, como pode ajuizar, em tudo isso reinam, servindo de alicerce, o Amor, a Justiça, a Sabedoria e a Harmonia; como poderia ser que o crime representasse vantagem? Desde os primórdios instrutivos a Humanidade recebeu Leis e Mandamentos. A Índia dos Budas, que somaram quase trinta, não sabe ao certo de quando data o seu Decálogo. E os Mandamentos foram transmitidos para quê?

– Para ensinar que todos devemos respeito à Ordem Universal, pois ela reflete aquilo que se diz ser a Vontade de Deus.

– Justamente, meu filho. Quem desarmoniza fica devendo harmonia. E não poderá ter paz, aquela paz condizente com o seu grau de evolução, antes que reponha o seu estado vibratório.

Resumindo, tudo é questão de vibração, de intensidade vibratória. O mais evolvido é mais intenso, o menos evolvido é menos intenso e mais denso. Levando em conta, como tantas vezes temos lembrado, que Deus reside no Infinito e no íntimo de cada um de nós, a grande questão está, então, no desdobramento das virtudes espirituais. E chegaremos de novo ao local de erro, que é a ignorância, de onde surgem crimes de variada ordem, começando pela idolatria. A Lei de Deus, como sabem, ordena a que se não cometam erros, começando por não admitir idolatrias. Entretanto... Bem, temos errado muito, meu filho, estando agora eu a render graças, pelo pouco que venho alcançando. Já disse que venho também de tremendas faltas, de lugares tenebrosos, lentamente subindo na escala das regiões e das esferas. Se eu conseguir reunir alguns elementos, fazendo-os reencarnar em boas condições, terei ganho uma lascazinha de Céu a mais. Conto com a sua ajuda, pois as suas orações e trabalhos muito me auxiliam... Tenho trazido alguns elementos para vocês doutrinarem, elementos de que necessito, porque foram companheiros de crimes e faltas.

– Conte conosco, pois temos gosto em servir – prometi-lhe.

– Existem fenômenos que decorrem de leis fundamentais, sendo pouco flexíveis, como a morte, por exemplo. Temos rogado pela vida... Temos rogado a Deus e a Jesus, pela sua paz e pela saúde de todos, mormente pela vida desta irmã, pois o seu tempo está findo, está transbordando, bem o sabemos.

Só de pensar na desencarnação da senhora Alzira, um manto de tristeza e de saudades envolveu-nos. Ela era uma luz brilhante, radiante. Quem se lhe chegasse ao alcance de sua pessoa, certamente sentiria a grande alma que era. Indo-se ela, fatalmente que seria para altas regiões, pois sua mente e seu coração planavam desde muito nas mais altas esferas do pensamento. Ela viria, certamente, ao encontro das amizades; mas ninguém teria o direito de pretender sua atenção contínua, já que outras atribuições lhe seriam dadas pelo plano Superior. Havia momentos de lucidez visual, em que eu enxergava tudo ao redor; pois ela brilhava de maneira tal, que era impossível encará-la!

Quando meu pai se foi, disse que viria um espírito sofredor, através de minha mãe. Quando veio, gemente e lastimoso, rogou preces, muitas preces, catadupas de preces.

– Sabes, então, que és desencarnado? – perguntei-lhe.

Esbravejando, respondeu:

– Estou pedindo preces e não perguntas!

– Nós queremos aprender. Tuas palavras servirão de advertência.

Ele retrucou, veemente:

– Façam preces por mim. Se eu melhorar, darei palavras e mais palavras, advertências e mais advertências.

Fizemos oração, com o máximo de concentração possível.

Daí a pouco, disse ele, amuado:

– Agora estou melhor... Mas a tortura volta!... Volta!...

– Por quê? Sabes dizer por quê?

Abanou a cabeça, custou bem, para a seguir informar:

– É muito fácil reconhecer as faltas... Mas não é fácil repará-las!... Eu vivo, como se fosse uma alma danada, rogando preces e mais preces... Fui simplesmente feiticeiro, mas sem dar conta disso. Meus guias mandavam fazer tais e tais coisas, cobrar tanto e tanto, e eu seguia a linha por eles indicada. Fiz muitos despachos e ganhei muito dinheiro... Mas a vida findou-se, não tendo eu conseguido paz em parte alguma. Sinto uma secura na alma, nas profundezas de mim, como se me faltasse a vida, como se brasas me estivessem liquidando, de dentro para fora, numa voragem de fogo e de torturas! É quando rasgo pela Terra, qual fantasma em desespero, rogando preces e mais preces!... Sempre encontro quem faça orações, quem me diga palavras de consolo, quem até chore por mim... Entretanto, passa o mal por algumas horas... Depois volta, medonho e cruel, apavorante!... Volto a correr pela Terra, volto a rogar!... Sempre assim, sempre assim! Meu Deus, eu sei que devo muito!... Piedade, Senhor!... Piedade!...

Convoquei meu pai, que vindo novamente, comentou:

– Noventa por cento daquilo que ele diz está errado. Ninguém é feiticeiro sem saber, nem é tão fácil conhecer e reconhecer as faltas; também não é certo o que diz sobre os guias, pois foi ele quem os obsedou, com o seu forçamento mental, fluídico e acional. A única verdade é que ele sofre tremendamente.

– Então, papai, ele está mentindo?

– Não está mentindo, mas está muito enganado. Ele sofre a tangência de suas obras, porém de maneira para ele sem explicação.

É esquisito, pois quem se esmerou em artes danadas, covardes e traiçoeiras, agora se revela ignorante de leis até bem rudimentares. Observem que traiu a Lei, traindo-se a si próprio, por longos anos; teria sido inconscientemente? Reparem que convocou elementos da pior espécie, talvez todo o tempo em que exercitou o mediunismo; seria sem o devido conhecimento de causa? Esfolou animais, inocentes irmãos, para seus despachos; e não teria certeza do que estava praticando? Cobrou altas contas pelos tristes e repelentes serviços de macumba; teria sido sem querer?

– Devemos ou não pretender auxiliá-lo, papai?

– Sim, com todo o carinho possível; entretanto, reconheçamos primeiro a supremacia da Lei! Ensinar, explicar, incutir pensamentos de contrição. Nunca, porém, julgar a Lei e a Justiça por causa das faltas de quem quer que seja. Devemos desculpas e perdões uns aos outros; acima de tudo, porém, devemos observar os ditames da Lei e da Justiça!

O espírito bramiu, queixoso:

– É o primeiro que me acusa, ao invés de ter piedade!

Meu pai falou-lhe, com brandura:

– Antes de ser um irmão, sou agora um servo consciente de Deus. Jamais poderia trair a Lei e a Justiça, justificando o crime. Tiveste piedade de tuas vítimas? Deixaste de cobrar os teus horrendos serviços? Imaginaste na inocência dos pobres animais esfolados? Consideraste a prisão criminosa a que sujeitaste os pobres irmãos inferiores, com as tuas amarrações fluídicas? Percebeste a gravidade das invocações hediondas, forçando ao erro aqueles que já estavam sobrecarregados de faltas?

– Desgraçado de mim!... Estou perdido!... – bramiu o pobre, torturado.

Meu pai prosseguiu:

– Ninguém está perdido, ninguém é desgraçado. Apenas, irmão, tens obrado o mal e deves ressarci-lo.

– Não sabes o quanto sofro! – tornou o infeliz, desesperado.

– Eu sei, porque também penei nas trevas as mais tremendas dores e os piores assaltos de angústia. Devo repetir, entretanto, que todos os atos são relativa e simplesmente consequentes. Deveriam dar-te as glórias, pelo fato de teres cometido muitas faltas gravíssimas ao mesmo tempo? Empregaste mal os próprios poderes,

ao mesmo tempo que atraíste infelizes irmãos à prática de piores crimes. E como pensaste, a respeito dos miríades de elementais que empregaste mal, insinuando malvadezas incontáveis? Sabes o que acontece a um animal, a um espírito ainda simples e ignorante, quando é feito objeto de imantações feiticeiras?

Gemia o infeliz, sem articular palavra; meu progenitor prosseguiu:

– Demais, cumpre saber, somos centelhas envolvidas em várias espécies de matéria. Começando das mais tênues expressões fluídicas, vamos incorporando outras e outras modalidades de matéria, que parecendo estarem em profusão, realmente estão separadas e distintas, cumprindo suas funções. Pouco importa que sejam as do corpo físico ou perispirital, pois tudo é envoltório, tudo comprime e faz sentir a presença. Quem tantos crimes comete, e comete o crime de forçar ao crime, de induzir ao erro, por certo se forra de matéria doentia, fedorenta e dolorosa! Assim é que estás, infeliz irmão, mesmo depois de teres estado em lugares de inenarráveis tormentas. Andaste muito, correste mundo, procurando fazer mal e ganhar dinheiro... Agora corres mundo procurando lenitivos, rogando um Pai Nosso pelo amor de Deus!... Repara o quanto a Lei é simples... Tens visitado os lugares ermos, as praias, os recantos solitários, as esquinas e os bosques; tens estado em todos os lugares onde andaste operando mazelas, imantando objetos, criaturas e infelizes almas atrasadas, além de inconscientes elementais.

– Pára!.. Valha-me Deus!... – bradou o infeliz, cheio de revolta.

Feito breve silêncio, logo após meu pai esclareceu:

– Não estou acusando, pois eu não poderia acusar. Também invoquei o Senhor para obrar a iniquidade; também arrastei a minha tormenta pelos vales tenebrosos do subsolo!... Aos poucos, um dia, percebi que estava subindo, melhorando, ganhando esperanças... Quanto custou para sentir algumas fugidias esperanças!... E mais tarde, bem mais tarde, prepararam-me para a primeira reencarnação. Não te falo como juiz, mas como irmão que já pecou muito e resgatou, não tudo, porém o suficiente para servir com bastante ponderação ao Poder Supremo que a todos rege e encaminha. Estás revestido de um corpo horrível, cheio de marcas e vincos terríveis, que significam dores agudas, desesperos e angústias de morte. Entretanto, podes crer, estás melhorando sensivelmente,

embora devagarzinho, lentamente. É que, aos poucos, estás modificando a mente e reformando o teu adensado e vincado corpo perispirital. A limpeza não poderá ser repentina, é claro, uma vez que as faltas foram longas, pertinentes e conscientes... Sim, muitas vezes pensaste na Lei, no reverso da medalha, nas consequências posteriores... Todavia, entregue aos caprichos de alguns espíritos desequilibrados, professos do mal, tiveste medo, foste covarde, continuaste o trabalho insano, malfazejo e cruel.

– Por Deus!... Pára!... – berrou o infeliz, num estertor.

Meu pai prosseguiu, sem lhe dar a menor atenção:

– Nossos pensamentos movimentam elementos e forças formidáveis. Os diferentes estados da matéria substancial; os diferentes graus espirituais que por afinidade vibratória se confinam; as cadeias mentais e o equilíbrio moral; tudo se movimenta, ao redor do homem, segundo como na intimidade se prontifique a pensar e a agir. Destarte, interior e exteriormente, valores se movimentam, construindo um estado de ser e estar compatível com a moral empregada. Como pretender melhoras, sem ser pelo refazimento? E refazer como, sem ser pelo trabalho?

– Trabalho!... Trabalho!... Trabalhar como, se estou em desgraça?!...

– Queres trabalhar? – perguntou-lhe meu pai.

– Eu sei que necessito trabalhar!... Eu sei... – respondeu, torturado.

Agindo com autoridade, falou-lhe meu pai:

– Temos para ti ordens a cumprir; deves compreender, porém, que os trabalhos serão da mesma ordem, mas na razão inversa. Formarás na falange dos que lutam contra a magia negra. Recuperarás dos erros do passado, amparando as vítimas de males semelhantes. Entretanto, observa bem, é muito comum haver quem descambe novamente, por força de injunções circunstanciais. É preciso muita cautela, para não destrambelhar, a fim de não tomar medidas que exorbitem daquilo que a Lei determine e ratifique.

Gemente, concordou:

– Deem-me trabalho!... Saberei como pensar, saberei obedecer!...

Ordenou-lhe meu pai:

– Faça uma oração, mas uma oração que valha pela mais firme concentração em Jesus Cristo. Procura produzir o melhor contato mental.

Houve silêncio; moviam-se apenas lábios da senhora por quem ele falava. E ao cabo de segundos, ergueu-se ele, proferindo palavras de gratidão a Deus e a Jesus.

Meu pai, todavia, enunciou-lhe:

– Terás contas a prestar, algum dia, deste adiantamento. Lembra-te, que é apenas adiantamento. Porque, afinal, tens reconhecido as faltas e rogado ao Céu pela tua redenção. Afora o que pagaste sofrendo horrores infernais, terás agora a grata oportunidade dos reparos em serviços de fraternidade, amparando as vítimas do mesmo mal em que te exercitaste. Vem agora comigo, que te entregarei ao chefe sob cujas ordens irás trabalhar.

O pobre espírito delirava de satisfação, rendendo graças a Deus, quando se retirou, para acompanhar meu pai, indo a caminho de sua redenção pelo trabalho.

Antes de se irem, avisou-me o meu progenitor, da possibilidade do encontro, à noite, com aquele irmão. É difícil fazer compreender, até onde tais acontecimentos significavam maravilhosos eventos para mim. Não pense alguém, por fazer cálculos, que o desdobramento de um espírito encarnado lhe seja fenômeno correspondente à vida livre, como sucede com a libertação carnal. Entretanto, como a libertação carnal também não é completa, porque para isso seriam precisos formidáveis recursos evolutivos, e bem pouca gente assim a Terra hospeda frequentemente, devo dizer que é das faculdades a que mais conforta e revigora o viajor da carne. Porque, digam como quiserem os exegetas da hermenêutica doutrinário-mediúnica, até grandes médiuns de outras faculdades padecem de ausências de fé, em muitos transes da vida. O desdobramento consciente é a grande arma de combate contra certas fraquezas e desfalecimentos. Em compensação, podemos garantir, representa apreciável soma de responsabilidade. Como tese ou regra geral, afirmamos que há sempre muito de adiantamento nas questões facultativas; mais tarde ou mais cedo, todos teremos de responder pelo uso feito com todos os bens da vida; acima de tudo, porém, por aquilo que diremos serem as máximas virtudes espirituais.

Saibam aqueles que o desejarem, que a mediunidade é, de fato, nos fundamentos, lei de relação, força de entrosamento ou contato, observando porém a lei das gradações vibratórias, em todos os reinos, em todas as espécies, em todas as famílias, variando talvez ao infinito quanto aos indivíduos. A mediunidade está em tudo, embora em cada meio opere em conformidade com as leis regentes específicas. Quando atinge o plano hominal, naturalmente que observa o princípio que se fundamenta no alicerce intelecto-moral. Isto quer dizer, que essa lei de relação age consoante a evolução dos elementos em seus respectivos meios, havendo portanto, para efeito discernitivo, que considerar os fatores seguintes, pelo menos: gênero, espécie e família, individual e socialmente, sejam elementos materiais ou espirituais. Porque, afinal de contas, em plano algum da chamada Criação, os indivíduos vivem e agem distintamente. Há sempre o regime de interinfluência, motivando abalos e choques ou entendimentos e sintonizações harmônicas, em todos os planos da vida. E nos planos hominais, notemos bem, ainda restam as questões chamadas delegadas, os casos de adiantamentos facultativos. E, infelizmente, devemos dizer que grande é o número dos que malbaratam as vantagens naturais e as graças facultativas. Isto é, não aproveitam o que é próprio e não honram o que é por graça. Não é preciso comentar os resultados, pois as consequências são concludentes.

Se todas as criaturas compreendessem, de uma vez para sempre, que a Lei, através da Justiça, fornece punições e dádivas e que nem o mais arguto espírito encarnado, contando com sublimes faculdades, talvez pudesse chegar a conhecer ao certo, até onde vão os seus recursos naturais ou por evolução, e onde começam a prevalecer as graças facultativas; digo, pois, que muitas criaturas agiriam com a maior prudência, a fim de não se darem a usos comprometedores.

Compreendamos, num lance de raciocínio, que Deus envolve a criatura em verdadeiro ambiente de recursos, oferecendo-lhe, muitas vezes, ainda por cima, graças em adiantamentos, a fim de que se experimente nalguns ramos de atividade. Qual é a criatura que leva a sério a sua responsabilidade? Qual virá a ser o grau de culpa, em virtude dos maus usos feitos? Bem sabemos que poucos são os que se recomendam pelas obras. O grande número faz como bem entende, muitas vezes nem sequer percebendo que há uma responsabilidade em tudo e para tudo.

Naquela mesma noite, conforme a palavra de meu pai, fiz oração e roguei a Deus a graça de um feliz desdobramento. E mantive a palestra alvitrada por meu pai com aquele infeliz irmão que usara suas faculdades, e mais as graças facultativas, para fins condenáveis ou inversos à Lei de Deus.

Ele era um homem louro, bastante alto, meio encurvado, apresentando na fisionomia as marcas de grandes tristezas em mescla com algumas esperanças. Ainda se descobriam, em seus olhos, as expressões de pasmo e horror, desconfiança e medonhos traumas íntimos, coisas naturalmente trazidas daquelas tristes regiões onde estivera. Sua voz era rouca, sufocada, impressionava bem mal.

Abordando-o, procurei fazê-lo com bondade, lembrando que ser cristão é saber, compreender, perdoar e auxiliar nos rumos da Verdade libertadora.

– Então – disse-lhe – estamos sempre defronte aos trabalhos redentores.

Em tom bastante humilde, murmurou:

– Aqui estou com o meu catecismo... Diz ele que o cérebro e o coração deviam ser melhor aproveitados, a fim de conseguirmos mais, sofrendo menos. Infelizmente, porém, descambamos para fora da Lei, criando situações difíceis para mais tarde. Foi o que fiz, pondo a perder o que era produto de minha evolução e aquela partezinha que houvera rogado por graça, como adiantamento.

– Todavia, não se acha defronte aos labores ressarcitivos?

Não havendo dado resposta, porque naturalmente meditara no tempo perdido com as más obras, também nada lhe disse mais, estando disposto a não mais lhe falar. Foi ele, no entanto, quem a seguir comentou:

– Tenho meditado a valer sobre a vida e seus envolvimentos favoráveis. Verdadeiramente, Deus rodeia a criatura de vantagens múltiplas, para que ela tenha o necessário e até mesmo a sobra. A Natureza em geral fornece à criatura elementos fantásticos de aproveitamento, além de sábias lições de ordem e mecanismo, onde o fator Moral se revela pujante. A criatura, no entanto, esquece até mesmo o que é mais evidente, como soem ser os valores telúricos, indo a ponto de menosprezar ao que é de acendrado teor espiritual. Usa estupidamente o Céu e a Terra; emprega a Verdade para efeitos mentirosos; cultiva o ódio em nome do Amor e lança a desgraça por conta da Harmonia!

Colocou a mão direita espalmada sobre o peito, exprimindo:

– Sinto o peito em fogo!... Dói-me a alma inteira!...

Senti que o pobre sofria, porque sua aura me invadiu num instante, trasladando-me suas angústias de espírito e dores corporais. Assaltado por aquela tormenta, veio-me à ideia o desejo de auxiliá-lo, pelo que ofereci, compadecido:

– Em que poderei auxiliá-lo? Sei que sofre horrores...

Erguendo a cabeça de maneira a causar pena, rogou:

– Ore por mim... Mas ore com sentimento, porque só o Amor é realmente grande!... Você disse, enquanto estive comunicando, que se o inferno contivesse um pouco de piedade, certamente deixaria de ser inferno. Digo que é uma grande verdade, verdade que fala através de minhas feridas espirituais. Rogo, pois, que faça preces por mim. Quando os pensamentos bons chegam a mim, sinto que é como se milagroso bálsamo caísse do Céu em cima de minhas chagas e purulências.

Como estivesse ele defronte a mim, recostado numa parede, pedi que ficasse em silêncio durante alguns segundos, com a mente voltada a Jesus crucificado, meditando no imenso ato de renúncia. Enquanto isso, disse-lhe eu, iria fazer uma rogativa de todo respeitosa, desejando a melhora possível, nos pródromos da Lei e da Justiça.

– Confesso minhas culpas – emendou ele, em tom penitente.

– É uma grande coisa reconhecer os erros; pense em Jesus crucificado, vamos ver o que virá.

Aos poucos senti que algo superior vinha sobre mim, em forma de ondas que iam e vinham; eram sublimes descargas energéticas, que eu sentia passarem por mim e irem ao encontro do pobre irmão, beneficiando-o, possivelmente.

Quando se findava a operação de auxílio, vi que ao lado dele apareceu uma senhora ou irmã, criatura de grande esplendor espiritual, porém revelando no semblante os sinais da tristeza piedosa. Permanecendo quieta, apontou para ele, que não podia vê-la por causa das deficiências psíquicas ou vibratórias, indo embora sem nada dizer, mas esboçando agradecido sorriso. Compreendi que ela bem poderia estar simbolizando a piedade, naturalmente a piedade que eu lhe ficaria a dever.

– Acha que adiantou alguma coisa? – perguntei-lhe.

Ele sorriu, um sorriso entremeado de felicidade e de amargura, proferindo:

– O Amor seria capaz, algum dia, de nada significar?

– Bem, mas o senhor sabe que estamos em face da Lei e cumprindo desígnios judiciários. Além do mais, agi por mim mesmo, sem ordem alguma superior.

Ainda com vago sorriso nos lábios, considerou:

– Se eu, agindo por mim nos domínios do Mal, obtive fatos consequentes de subida gravidade, merecendo os infernos de variada ordem e especificação, por que razão o senhor, agindo por si nos domínios do Bem, teria o direito de duvidar do Amor de Deus? Sei que estamos em face da Lei, para todos os efeitos e sempre; é notório, entretanto, que a piedade atinge altas expressões dirimentes, além de estar acima de cogitações. Isto é, humanamente ela deve ser executada, ficando as reações consequentes a cargo de melhores alturas, daquilo que chamaria de Tribunal Divino.

– Agiu muito mal, uma vez que pode pensar tão bem! – observei.

Contrito, aclarou:

– O delírio de poder me engoliu... Todos os enganados pelos espíritos ruins se acreditam fortes e poderosos. O fascínio dos fracassados do mundo espiritual é arma insidiosa, capciosa, difícil de ser vencido. Eles garantem condições de força e de poder, ativando recursos de que podem e sabem lançar mão, até o final da comédia. Depois, como sucedeu comigo, sumiram, abandonaram-me! Ao abrir os olhos para o mundo espiritual, primeiro vi Céus e maravilhas, caindo a seguir num tremedal fantástico, tremedal que a seguir fez treva, dores e angústias que pareciam não ter fim! Eu sei que me fizeram ver o que poderia ter ganho, todas aquelas glórias inenarráveis, todo aquele imenso cabedal de sublimes recursos espirituais, para enfim fazerem-me receber o justo, apenas o merecido, a fim de eu mesmo aprender o discernimento das verdades de Deus.

– Formidável lição! – exclamei.

Ainda sorrindo amargamente, comentou:

– Formidável!... Pois se custam trabalhos as más práticas, por que não aproveitar o trabalho em nobres ações? Se empregamos o cérebro e o coração a fim de obras comprometedoras, por que não usá-los conforme os ensinos da Lei? É de fato formidável a lição;

mas não seria melhor aprendê-la de outro modo? Você, de acordo com o que me disseram, e tudo faz crer pelas faculdades de que goza, não está aprendendo acima de tamanhos sofrimentos e tão significativa perda de tempo?

– Concordo que a dor seja um recurso, não porém o único; acima do sofrimento devem encontrar-se a Inteligência e o Amor.

Imediatamente advertiu:

– Pois eu tenho a mais plena certeza, meu senhor, que a Inteligência e o Amor são os recursos normais e justos, nada mais sendo a dor senão a medida extra ou a fase de forçamento. Basta elogiar a dor para se estar em falta, essa é a concepção a que estou chegando, em breves horas, depois de ler este catecismo. Nem poderia ser de menos, pois até os animais inferiores têm noção do que é melhor, seja por intuição inconsciente, seja lá pelo que for. Ora, meu senhor, isto quer dizer que Deus dá os recursos e oferece os exemplos, antes que a criatura por si mesma cometa erros e se castigue. Demais, como pôde observar através do meu caso, que é similar aos demais, onde estaria a minha razão justa de queixa? Quem foi que empregou mal os recursos naturais e aqueles que foram adiantados por graça? Quem moveu a Lei e a Justiça contra mim, sem ser eu mesmo? E se eu precisasse de conselhos, não teria os conselhos da Lei, os exemplos do Cristo e os anúncios da Revelação? Não é mesmo estupidez, cometer faltas e convocar o império da tortura reparadora?

Tendo-me conservado em silêncio, prosseguiu ele, compungido:

– Não é pela Vontade de Deus que nós chafurdamos no sofrimento. É pelo mau uso que fazemos de nós mesmos, aviltando a Inteligência e o Amor. Quando nada mais tivéssemos para contar, como recurso defensor, teríamos o recurso do instinto de conservação, que é o mais elementar, que é aquele de que até os ditos irracionais sabem usar! Isto quer dizer, então, que os conceitos humanos se acham errados, ou embotadas as virtudes básicas, não é isso?

Tive um ímpeto de riso, pela ideia que me aflorou à mente; como permanecesse calado, manifestou ele a curiosidade, havendo-lhe eu dito:

– Que coisa ridícula chegamos a ser, em face das leis regentes do Universo. Enquanto elas proclamam que devemos viver em equilíbrio permanente com a Harmonia Universal, nós descambamos

para os extremos, usando mal a tudo quanto por natureza pode ser bom. Assim, por exemplo, o culto religioso, que é tristemente adulterado. Alguns pecam pela falta de conhecimentos, negando tudo quanto é espiritual, animalizando-se, portanto, quando não seja fazer coisa pior; outros apelam a todos os recursos idólatras, traindo a disciplina perfeita, que é amar a Deus como Espírito e Verdade, ou em base de Amor e de Ciência; outros, ainda, como no seu caso, até mesmo da Revelação fazem mau uso, descambando para a feitiçaria. É do que me estava a rir, pois até parece jogo de infantilidade.

Abanando a cabeça, balbuciou:

– Antes o fosse!... O mal é que andei lendo muito, acumulando conhecimentos, assumindo graves responsabilidades. E não se diga que os conhecimentos fossem maus; tenho certeza que eram e são bons. Todo o mal derivou da má prática, do abuso feito através de obras, alimentando fitos hediondos.

Meu pai chegou, pois ali me houvera deixado e se fora, noticiando que devíamos partir em busca do padre Jonas, para com quem tínhamos certa obrigação a desempenhar. O pobre homem rogou orações em seu favor, consciente de que muito se pode através dela, quando aplicada em termos amorosos. De fato, pelo que dissera, demonstrava conhecer o mecanismo da força mental, força que arrasta consigo fortes contingentes de valores espirituais, morais, mentais, energéticos e fluídicos, valores que operam maravilhas, quando as felizes associações ocorrem.

Fomos em demanda ao padre; varamos lugares e barreiras, em fração de minuto, encontrando-o em oração, no meio de uma renque de árvores, conservando na mão o livrinho que lhe haviam dado, para se iniciar nos conhecimentos curadores.

– Salve! – exclamamos, a um tempo.

Erguido num repente, respondeu à saudação, revelando grande alegria no semblante.

– Preparando-se? – perguntei-lhe.

– Os filhos de Deus são repositórios de Virtudes Divinas, poderes que devemos desabrochar à custa de trabalhos nos campos do Amor e da Sabedoria. Em lugar de simulacros e salamaleques, rituais e sacramentismos pagãos e comerciáveis, devemos procurar conhecer as leis determinantes dos fenômenos, a fim de aplicá-las bem e para o bem.

Sustentando alto o livrinho, bradou:

– Um grande mestre! Um grande mestre!

Meu pai perguntou-lhe:

– Já começou a funcionar como aplicador de mãos?

– Não. Tenho quinze dias de estudos e meditação, antes de começar. Além do mais, devo saber olhar para a chamada Criação, sentir amor pelas coisas de Deus. Eu jamais teria sabido, antes, como se deve encarar um animal, uma planta, uma flor, as águas, as montanhas e os vales!... Tenho aprendido verdades interessantes, fontes de recursos maravilhosos!

– A grande lei é amar, Jonas. Sempre foi e jamais deixará de ser. Quem não sabe amar não sabe servir a Deus nem a si próprio. E tudo quanto não é simples é superficial, sendo consequentemente corrupção e idolatria.

Compenetrado, endossou a minha palavra:

– Palavras dignas de respeito. Entretanto, a Terra não poderá entender semelhantes verdades. A sua Humanidade é defeituosa, cheia de vícios idólatras, enquanto se acredita sábia e consciente. A cegueira espiritual faz acreditar em tudo quanto é exterior e grosseiro, material e pagão. E como não se pode fabricar evolução para ninguém, consequentemente não se pode exigir que a Humanidade melhore prontamente. Muitos homens, portanto, que a si mesmos se consideram superiores e sábios, continuarão por muitos séculos a dobrar os joelhos diante do pau e da pedra, do gesso e da simulação, porque a idolatria é um vício e dos piores, quando alimentado pelas falsas concepções.

– Jonas – disse-lhe meu pai – estás aprendendo bem depressa! É admirável que um discípulo da idolatria tão pronto se faça um bom filho de Deus, apenas ao ler um bom livro. Nós, que viemos ao teu encontro a fim de serviço, temos grande prazer em saber que estás assim adiantado nas lições da Verdade e do Amor.

– Serviço?! – indagou ele, admirado.

– Sim, viemos para te servir nalguma coisa; dentro de alguns minutos, aqui estará uma outra pessoa encarnada, que muito bons fluidos poderá te fornecer, contribuindo para a tua melhora relativa. Estamos de hora marcada, estamos quase em cima da hora.

– Há em Deus mais Justiça do que parece! – respondeu ele a meu pai, enquanto mantinha o semblante lívido, contemplativo.

– Sim, de tudo chega a hora, pois não? – disse-lhe meu pai, satisfeito.

– Tivéssemos um pouco mais de bom senso – observou ele – e provocaríamos bastantes horas agradáveis. Noto que tudo vem por consequência, que em tudo devemos ser juízes em causa própria. Ontem, estando a ler este livrinho, veio a mim o monitor, entrando em palestra comigo, discutindo questões doutrinárias. Por fim, sacando de um bolso um livrinho, mandou-me ler em determinado lugar; era o último capítulo do Apocalipse, capítulo formidável, porque contém toda a moral do processo evolutivo, lembrando radicalmente a responsabilidade de cada um perante as leis da vida. Ninguém dá nada de graça nem erradamente! Tudo é segundo as obras no âmbito da mais impoluta Justiça.

Mal terminava ele o seu discurso, quando a senhora Alzira chegou, cheia de alegria e toda envolvida em luzes e alegrias. Estacou junto a nós, restringiu o brilho que externava e prontificou-se a servir. Tamanha foi a minha alegria, ao vê-la tão perto e senti-la tão elevada perante Deus, que lágrimas me rolavam pelas faces. Ela veio a mim, beijou-me a testa com maternal carinho, dizendo:

– Bem aventurados devem ser os que sentem prazer na felicidade alheia. Deus te abençoe, Teodoro, pelo fato de poderes amar o próprio Amor.

Jonas veio a ela, com os braços estendidos, exclamando:

– Filha do Céu! Dize alguma palavra boa para mim!...

– Acreditas no Amor? – perguntou-lhe ela, sorrindo com simplicidade.

Jonas encolheu os ombros, sussurrando:

– Não tenho certeza, minha senhora, tão pequenino que sou e cheio de grandes dívidas... Todavia, como possas tu penetrar minha alma, observa que estou arrependido e desejoso de acertar com o Caminho... Se não acredito no Amor, porque para bem crer é necessário bem saber, pelo menos acredito nas almas que já se fizeram dignas do Pai...

Jonas derramava copiosas lágrimas quando terminava suas palavras; ela também tinha o seu semblante puro todo banhado, porque onde não havia lágrimas havia emoção profunda, consternação e carinho. Enquanto a cena se desenrolava, eu me lembrava da frase bíblica, que diz: “Bem aventurados os pecadores que se fazem penitentes”.

Quando a senhora Alzira retirou a sua destra da cabeça de Jonas, ele tremia e repetia orações, tangido por estranha força. Aos poucos, entretanto, voltamos ao normal, prosseguindo a palestra por um pouco.

Ao nos despedirmos, disse-lhe a senhora Alzira:

– Quando te devotares a Deus, em Espírito e Verdade, como te devotaste aos ídolos e simulacros, farás grandes coisas! Lembras-te muito bem das palavras de Jesus, pois não?

Ele repetiu as palavras de Jesus, como se acham no capítulo quatorze do Evangelho segundo João, acrescentando, reverente:

– Se os grandes corações continuarem a me visitar, certamente farei grandes coisas, mesmo antes de tamanho devotamento. Pois se estou sendo visitado assim, apesar de minhas culpas e deficiências, como não devo sentir que o Amor de Deus se derrama sobre mim? Que graça é esta que vem sobre mim, eu que jamais soube o que fosse querer verdadeiro bem a alguém? Não é Deus que vem a mim, através de Seus filhos servidores, para me ensinar a grande lição do Amor Divino? Hei de me lembrar de tuas graças, que deves tê-las recebido de Deus, quando tiver que atender a quem tenha menos do que eu... Creio que aprendi uma grande lição...

Deixamos o padre entregue às suas meditações, volvendo à Terra encantados com a grande viagem.

No dia seguinte, ou quando fora dia, corri a perguntar à senhora Alzira, se tinha lembranças do acontecido. Ela estava serena, simples e consciente de tudo, informando minuciosamente sobre o que se havia feito. E enquanto eu pensava nas importâncias do fenômeno em seus caracteres exteriores, ou no fato em si, tendo ela feito alusão, comentou, observando:

– Os fenômenos dão provas das leis que os determinam; rendamos graças a Deus pelo acontecido, porque isso significa que estamos aumentando nossos créditos perante a Soberana Lei, o que importa dizer que estamos ingressando bem na UNIDADE SAGRADA, na FONTE DIVINA. Esqueçamos o corpo da questão, para lembrarmos o espírito da questão, pois sem atingir as leis mais profundas não é possível provocar os mais intensos fenômenos, porque eles representam, na escala, as diferenciações vibratórias, os graus psíquicos específicos. Tratemos de melhorar os nossos sentimentos, procuremos equipar a mente com os melhores recursos do saber, a fim de conseguirmos subir na escala dos valores imortais.

Para terminar a sua concisa alocução, aconselhou:

– A Terra, Teodoro, em sua fase evolutiva, é um mundo onde a piedade nunca deve ser esquecida; a Humanidade está cheia de trabalhos evolutivos para realizar e de graves faltas pretéritas para ressarcir. A ignorância e a dor campeiam pela Terra inteira, envolvendo as criaturas com seus terríveis grilhões. Antes de mais nada, ponhamos a piedade a funcionar, procurando amar intensamente, fazendo todo o bem possível. Enquanto estivermos com Jesus, nas obras, Ele estará conosco em graças e felizes oportunidades.

Ao despedir-me dela, estava encantado como de costume; ela demonstrara, mais uma vez, que fazia da vida uma prece, um ato de louvor a Deus.

CAPÍTULO VIII

Eu sempre fora crente, sentindo em mim, desde os verdes anos infantis, poderoso pendor espiritual; mas, como não podia ser de menos, essa tangência da alma se canalizava através dos conceitos católicos, que são normalmente filtrados através do mecanismo pagão e idólatra, de envoltura com os rituais e os sacramentos que lhe dão o vigor à custa do que tem vivido. Com a evolução dos conhecimentos, e as vantagens das faculdades despertadas, tive que encarar de frente a muitos problemas de grande significação. Considero o fator Moral o maior, pois sem o sentido de ordem básica nada merece valor nem se impõe como tal. A Sabedoria é o fator complementar, colocando-se em segundo plano. A grande súmula está em harmonizar os fatores, em fazê-los funcionar a bem do espírito, conjuntamente.

Ora, para que isso aconteça, e chegue a operar eficientemente, cumpre que a criatura trabalhe, exercite os poderes latentes, expresse as virtudes através de fatos, produzindo ao máximo, comprovando suas validades. Uma questão de valores intelecto-morais não é uma questão de conversa, é uma questão de fatos concretos, é radicalmente objetiva. Conceitos e preconceitos fazem muito perante o mundo, e chegam a empanar o brilho da Verdade, porque o mundo, semiselvagem como é, necessita de mistificações e de idolatrias.

Em face dos ídolos e das encomendas clericais, tudo apenas formal, a mentira e o roubo, o adultério e a inveja, o falso testemunho e o sacrilégio, tudo fica em oculto, nada se percebe; mas, perguntemos, perante Deus seria assim? A farsa humana conseguiria iludir a Lei e inibir a Justiça? Taparia, como se diz, os olhos de Deus?

E o mediunismo criminosamente cultivado, como se apresenta em face da Lei? O feiticeiro e o charlatão, e aquele que teima em perguntar aos espíritos aquilo de que os bons espíritos não devem tratar, como se haverá em face da Verdade? Seus errados conceitos e práticas fariam recuar a Lei?

Entre o crente hipócrita e o ateu sincero, quem estaria melhor situado? Estaria o falso religioso, perante Deus, em melhor situação do que o bom humanista? Deus ficaria com o lambetismo religioso, para ser contra o homem digno e probo, eficiente em suas obras de fraternidade, sem os engodos com que se armam os viciados em idolatrias?

Quando eu estava no mundo, nos verdores juvenis, e mal nutrido em matéria de conhecimentos espirituais, muitas vezes cheguei a conceituar a crença, qualquer condição de crença, como superior à bondade, à dignidade e à virtude; para mim a religião encobria os defeitos, tornava a alma impermeável, imunizava-a contra os pecados e mazelas. Deus queria ser incensado, bajulado, lisonjeado ou babujado, e não respeitado através de atos conscientes e dignos; eu fazia, enfim, tangido pela viciaria idólatra, um juízo bastante ridículo de Deus.

Nos últimos tempos de vida terrena, quando ainda mais o desgaste físico enriquecera os padrões psíquicos, minha consciência espiritual ganhara vigor, registrara marcas em favor dos respeitos que devemos nutrir pelas leis básicas, pelos quinhões virtuosos, independentemente dos engodos religiosistas, com os quais os empreiteiros de formalismos pretendem denegrir as verdades simples, as verdades contra quem a morte nada pode!

Uma das provas eu tive-a, foi com a morte da senhora Alzira, mulher avessa a toda e qualquer forma de idolatria e rituais. Tudo ela dizia que era por Deus, e que sendo Deus Espírito e Verdade, em Espírito e Verdade deveria ser feito e respeitado. Para ela os serviços espirituais eram de fato espirituais, porquanto o mais tudo, que era inferior, devia ser ocupado relativamente. A matéria e os meneios inferiores, tudo quanto os espíritos medíocres pretendem usar a título de religião, de ato de fé, tudo isso devia ser apenas considerado inferioridade ou mazela, quando muito simples infantilidade, coisas de quem ainda paira nos primórdios evolutivos. Ela sabia aplicar com acerto os poderes da mente, do coração e do trabalho!

Antes de fechar os olhos para o mundo, falou-me:

– Teodoro, vou-me da vida física, mas estarei sempre junto daqueles que sabem amar a Verdade, a fim de através Dela amarem a Deus. Observa que o mundo procura amar a Verdade através da mentira, pensando que é possível ludibriar a Deus. É importante,

Teodoro, saber que ninguém pode servir a dois senhores. Vigia, pois, a tua fé, para que não venhas a crer na mentira em nome da Verdade. O espírito é mais do que a matéria, e um pensamento nobre está acima de toda e qualquer formalidade. Lembra-te bem da nossa velha frase, pois as fronteiras do inferno vão até onde a piedade não existe!...

Tínhamos as faces banhadas, sob o guante da mais premente dor espiritual. De saber que aquele anjo de bondade se iria do meio humano, nossas almas se constrangiam a mais não poder, gemendo nas profundezas de sua sensibilidade.

Suas últimas palavras foram estas:

– Não te esqueças da Lei de Deus e nunca cultives a mediunidade para fins menos edificantes; lembra-te do Divino Mestre, Daquele que veio derramar do Espírito Santo sobre a carne, erguendo bem alto o pálio exemplificador. De Jesus Cristo para cá, em virtude de Seu Batismo de Espírito Santo, jamais alguém deveria recorrer aos simulacros e rituais, pois tudo isso é paganismo. Onde estiver o homem consciente e bom, aí estará o respeito à Lei e à Revelação. Quanto ao Espiritismo, representa e é, de fato, a Restauração do Cristianismo deixado pelo Cristo. Kardec foi o delegado de Jesus, que veio repor as coisas no lugar, assim como foi predito pelo próprio Jesus, durante a Sua vida carnal. (vide o livro O PENTECOSTE).

Horas depois o seu corpo estava abandonado, sem vida, entregue ao vandalismo das bactérias, sujeito à retorta das leis telúricas. Nossos corações estavam sentidos, comprimidos, premidos entre a reverência que se deve a Deus e a pungência da mais angustiosa saudade.

Os primeiros dias foram de torpor e mágoa, de pensamentos e de orações; dias depois, não vencendo a tortura das lembranças pungentes, fizemos uma sessão, apelando para meu pai e outros guias, procurando saber alguma coisa. Foi então que obtivemos o primeiro informe:

– Ela está – disse meu pai – estagiando num plano que não é o de seu merecimento; está em operação adaptável, eis a verdade. Não alimentem pensamentos invocativos, por ora. Quando for tempo, ela mesma virá, pois sua amizade sempre fora sincera e as saudades fá-la-ão procurar-vos, assim que possa. Quanto ao que tendes em mente, sobre ser ou não permitido por Deus, quero vos dizer que vossos pensamentos não estão muito certos,

pois as almas que se enobreceram pelo Conhecimento e pelo Amor, gozam de grandes liberdades, têm um vasto campo de ação. O de que vos deveis lembrar, com respeito, é das leis causais; por via destas leis é que o espírito prende-se e tem necessidade dos efeitos de adaptação. Lembrai-vos de que Jesus retornou em espírito ao terceiro dia, e que isso não foi por cabalismo algum, e sim por via de agências legais e necessárias. É certo que, neste caso, temos um corpo gasto, vergado ao peso dos anos e consumido nos mais nobres labores, enquanto que Jesus sofreu a violência da separação brusca de um corpo jovem. Todavia, se em Jesus temos que reconhecer a separação violenta, que muito choca o espírito, aqui temos o apego afetivo, as longas e profundas amizades. São causas distintas, que produzem pouco mais ou menos os mesmos efeitos. Faz-se, portanto, mister um período de adaptação.

Daquela hora em diante, passamos a enviar a ela as nossas orações, porém sob aspecto mental bastante diferente; desejávamos o seu bem, procurando eliminar o quanto possível as ingerências do nosso egoísmo. Não poderíamos eliminar totalmente, de nossas mensagens afetivo-mentais, aquele mínimo de apego que trairia a nossa própria razão. No entanto, sufocando a custo as premências do coração, fazíamos o possível para lhe desejar a mais franca e pura liberdade sobre as peias do mundo que vinha de relativamente abandonar.

Quase um mês depois, quando ninguém suspeitava de sua presença no ambiente, deu ela a sua primeira comunicação, prometendo auxiliar-me, dizendo que noutros tempos fôramos grandes adversários, pois ela vivera a personalidade de uma grande sacerdotisa egípcia, enquanto eu fora um dinasta bastante avesso a seus vaticínios, tão avesso que lhe empreendera a morte traiçoeira.

– Entretanto – assinalou – quis o Divino Senhor que tudo viesse a calhar, a fim de que eu pudesse dar-lhe a recompensa, com o pouco de verdades e de sincero afeto fraternal com que lhe pude servir. Estou realmente feliz, porque o seu coração agora está comigo, livre de qualquer divergência, vibrando nas alturas do grande Amor, onde um dia todos nos encontraremos envolvidos, transformando a vida numa eterna oração de graças e benditos trabalhos.

A seguir, lembrando suas últimas palavras através de seu desgastado corpo, recordou a importância do mediunismo exercitado com todo o carinho possível, advertindo que as más práticas

mediúnicas marcam gravemente os espíritos, ligando-os a elementos de baixo calão, de ínfimo padrão vibratório, elementos que se agarram a todo custo, que enganam e mentem, e que mais tarde abandonam suas vítimas em má situação, quando não as prendem e jungem a seus infelizes misteres.

Havendo-lhe eu feito referência direta, pois suas palavras vieram como que de recônditas mágoas, confidenciou ela:

– Falo-lhes com inteireza de verdade, e para efeito de advertência, grimpada em efetiva autoridade, visto que eu mesma estive metida em semelhantes faltas.

– Aconteceu isso há muitos séculos? – perguntei-lhe.

– Aconteceu há muitos milhares de anos, nos últimos tempos da Atlântida. Eu fora, então, uma simples feiticeira, assim como tanta gente ainda o é. Apenas, para efeito de análise, devo dizer que abusei em demasia dos direitos de relativa liberdade. Quero que entendam em sã razão, a tudo quanto for do alvedrio humano, a respeito das leis e dos recursos oferecidos pelo Emanador. Nunca se façam considerações supersticiosas, eivadas de misticismos tolos, embrenhando a mente nas dobras de cogitações misteriosas, milagrosas ou coisa que o pareçam, porque a verdade simples ordena que se diga isto, apenas isto: o espírito inferior ou involuído tanto pode usar bem como pode usar mal os elementos que o Emanador lhe oferece normalmente. Os mais sábios são mais prudentes, e os mais ignorantes são menos prudentes, nada mais. Ninguém usaria mal aos bens naturais, legais e de fato, que lhe são ofertados pelo Divino Senhor, se soubesse estar cometendo tremenda falta contra si próprio. Vejam bem como agem os idólatras e simuladores, e todos aqueles que fazem da fé meio de comércio; não é certo que tudo fazem em nome de Deus, e pretendem com isso estar a serviço de Deus? E quantos milhões ainda vivem, na face da Terra e nos planos inferiores da erraticidade, a cultivar o temor em lugar do amor a Deus? Quantas legiões transformaram o medo em religião? E os que acreditam em rituais e idolatrias, ao invés de confiarem no Amor e na Ciência, não compõem a imensa maioria humana? Que é tudo isso, senão involução e mediocridade? Qual a porcentagem de casas, meus queridos, onde não se adoram fetiches, onde não entram superstições, onde simulacros e salamaleques não tomam o lugar da Moral e da Revelação, como prática de religação a Deus, à DIVINA ESSÊNCIA que é o FUNDAMENTO de tudo e de todos?

Minha mãe adiantou:

– Difícil é saber adorar a Deus em Espírito e Verdade! Por força da inferioridade, a criatura toma o que é exterior pelo que é INTERIOR, aceita o que é grosseiro no lugar do que é DIVINO. Sendo espírito, que é mais, transforma-se naquilo que é menos, sujeitando-se à matéria. Um pedaço de pau ou de pedra termina valendo mais do que um pensamento elevado, ou ainda mais do que um sentimento nobre! Um homem fazendo gestos pagãos, vestindo roupas simplesmente pagãs, cobrando pelo que faz sem o menor conhecimento dos possíveis ou impossíveis resultados, vale mais, para o espírito medíocre, do que uma oração breve e sincera, feita em conformidade com o ensino de Jesus, que mandou entrar no quarto e orar em secreto! Enfim, irmã Alzira, a Terra ainda é um mundo incrédulo, cheio de fetichismos e de superstições. É o mundo em que a própria Revelação serve para fins que contrariam a Lei de Deus e os exemplos de Jesus Cristo!

Ela respondeu, convincente:

– Por isso mesmo, queridos amigos, as Altas Regiões fazem honra aos altos merecimentos! Quem poderia discutir a autoridade daqueles que se elevaram pelos grandes conhecimentos e pelas virtuosas exemplificações? Eis aí, meus queridos, que as leis do Senhor estão vigilantes, para que a cada um seja dado conforme os merecimentos...

Num repente ela estacou, ouviu alguém ao lado e transmitiu:

– Seu esposo está dizendo, para que não esqueçam jamais os ensinos do último capítulo do Apocalipse. Verdadeiramente, o Anjo Relator do Apocalipse disse ali tudo quanto tinha a dizer, sobre as leis de Causa e Efeito, em síntese.

Aproveitando o lapso de tempo havido, minha mãe perguntou-lhe:

– Como se sentiu em seguida ao desencarne?

Ela respondeu:

– Ao desligar-me do corpo, ou ser desligada pelo Oficial que cortou o liame fluídico, apenas tive tempo para ver os amigos e parentes que me vieram receber no pórtico da Vida Maior. A seguir adormeci, entrei em letargia, só acordando muitas horas depois, envolvida e penetrada de sublimes vibrações. Estava como se fosse embalada por brisas divinas, pairando acima de condições humanas,

usufruindo bem aventurança angelical. Foi então que foram se chegando alguns parentes e amigos, e também servidores do local, todos muito felizes, trazendo seus cumprimentos, apresentando as boas-vindas.

Lembrando lições ouvidas, minha mãe perguntou-lhe:

– Consta que é preciso treinar o poder mental, a fim de controlar os recursos motores e volitivos; como poderia nos explicar isso?

– Explicar é fácil – disse ela – mais difícil, e por vezes impossível, é a realização, quando o espírito não dispõe de recursos evolutivos e merecedores. É necessário, para efeito de concretizações funcionais, partir sempre do estado de merecimento, pois a questão executível está sempre relacionada com a situação evolutiva e com as disposições conceptivas. Muito daquilo que se pode pretender não se pode resolver, por falta de merecimentos e de recursos positivos. Quanto aos demais fatores, pertinentes à economia geral, tendo início no plano espiritual e atravessando o moral, o mental, o intelectual e a vasta gama fluídica, tudo se torna simples processo de adaptação, mormente pelo fato de influírem amigos e funcionários amorosos e competentes, agenciando ordens superiores. Como podem observar, tudo é questão de merecer. Quem interpretar o ensino de Jesus terra-a-terra, deverá fazê-lo de maneira ampla, alçando-se ao plano espiritual, pois também nestes reinos consegue mais aquele que em primeiro lugar busca o Reino de Deus e a sua Justiça. É um erro muito grande, saibam, fazerem separação entre os diferentes planos da Vida, uma vez que, tanto para melhor como para pior, há um traço que tudo liga e relaciona. Ora, sendo normal que os recursos estão na intimidade profunda do espírito, e que dele dependem os desabrochamentos, também é normal que o agente de ligação esteja no próprio espírito, em forma de leis fundamentais.

– Essa realidade – interferiu minha mãe – é maravilhosa! Honra o filho e glorifica o Pai Divino, porque apresenta e testemunha os direitos e os deveres, além de garantir relativas liberdades de ação, através do que o filho se transforma em usufruário de suas próprias realizações.

– Essa – tornou o espírito da senhora Alzira – a grande questão a ser reconhecida. Quando o filho chega a compreender que as glórias espirituais lhe estão na estrutura individual, apenas aguardando manifestação, e que a manifestação deriva de trabalhos amorosos e

sábios, em pouco tempo e à custa de poucos esforços pode libertar-se dos embaraços pagãos e idólatras, forçando a projeção nos domínios realmente superiores. Tenho a dizer, tomando o meu caso por exemplo, que a certeza da Presença Divina me auxiliou divinamente; vivi cultivando a sintonia e desencarnei embutida na certeza da UNIDADE! Quando, pois, estive a par de minha desencarnação, ao acordar do sono feliz, tudo quanto tive a fazer foi concentrar o pensamento e harmonizar a situação em consequência da feliz mentalização. Se é para dizer tudo em uma simples palavra, direi que nada mais fiz do que concentrar a mente em Deus, na Gloriosa Luz Divina, procurando agradecer os proveitos da encarnação. Amei, a fim de poder agradecer, e, com isso, harmonizei a minha situação psíquica. Ao invés de imaginar na estrutura do corpo perispirital, da vasta gama que o forma e caracteriza, eu tudo resolvi apenas amando intensamente. Pode ser que existam muitos outros recursos, conforme ensinam certos livros ditos ocultistas, livros muito cheios de arrazoados sectários, livros realmente cheios de concepções obsoletas; pode ser, repito, que existam muitas outras maneiras de se equilibrar a situação e organizar a economia motora em geral. Eu, no entanto, assinalo a importância do Amor! Quem mais compreende e aplica os recursos do Amor, como Lei e como função executora, a se espraiar em obras de fraternidade, esse é que consegue mais em menos tempo, e à custa de menores esforços, porque o Senhor sabe e pode mais do que as pobres concepções de alguns de Seus presumidos filhos.

Encantada, minha mãe agradeceu-lhe os ensinos, havendo ela concluído:

– Não nos esqueçamos, meus queridos, que as leis derivam de Deus, sendo que Seus filhos apenas devem aprender a usá-las, aplicá-las bem. Não se inventem, portanto, regras e artifícios complicados, quando por Deus tudo é simples. De todas as ciências, a maior é a do Amor. Quem mais ama é aquele que mais pode, porque enquanto os fracos em Amor necessitam recorrer a mil e um artifícios e esforços, o que mais pode em Amor executa com o poder de sua vontade. É por isso que, na razão direta em que nos planos inferiores prevalecem as máquinas e os instrumentos, nas regiões superiores prevalecem os poderes diretos da simples vontade.

Tendo volvido a mim, anunciou:

– Seu pai diz que está com dois serviços marcados para esta noite; pede que esteja pronto, equipado de valores na hora certa.

Depois dela ter-se ido, encerramos a sessão, amplamente satisfeitos, ungidos de sublimadas graças. De minha parte, com a mente volvida aos trabalhos no plano espiritual, sustentava alto padrão de vida moral, pois o pensamento e os nobres sentimentos perfazem o eixo, em torno do qual giram as eficiências do fenômeno desdobrante. Aguardei a noite, portanto, como quem aguarda, estando sedento, a água com que mitigar a sede.

CAPÍTULO IX

Uma das características que manifesta a estultice humana, em matéria de religião, é a sem-cerimônia com que alguns grupos sectários, pretendendo foros de autoridade, arquiteta, planeja e aplica conceitos menos respeitáveis à Verdade. O sectarismo é, sem dúvida, uma das expressões da involução, do atraso espiritual; é por ele que, em nome de Deus, se cometem todas as faltas contra as leis de Deus, obrigando as criaturas à prática de erros crassos.

Talvez que menos faltas houvesse, a engrossar o farnel das culpas, se a questão espiritual não estivesse tão ligada aos imperativos do bolso, do estômago e de outros interesses mundanos e fisiológicos. Porque, uma vez tornado o homem sujeito às necessidades inadiáveis e intransferíveis, e estas necessidades funcionando como primaciais, acima dos deveres de máximo respeito à Verdade, tudo faz compreender que o homem, necessitado e fraco que é, baqueia em face da Verdade e proclama os interesses mundanos e fisiológicos. Posterga a Deus em benefício da pança e de outros misteres realmente subalternos!

De todos os erros considerados como produtos da falibilidade humana, ou derivados da incapacidade de conceber melhor aos fundamentos e planos da Verdade, a grande maioria tem alicerce nos reclamos do mundo e de suas paixões. Quem faz da religião o seu meio de vida, nunca poderá ser realmente sincero para com a Verdade. Chega a hora em que, embora reconhecendo algumas verdades melhores, tenha de calar ou até negar, em virtude dos reclamos inferiores. Convida o Céu a calar, para que o mundo animal possa clamar!

Esse foi o tema que envolveu a questão tratada naquela noite, o primeiro trabalho ao qual nos demos a resolver.

– Temos – disse meu pai – um pequeno serviço a realizar. Há uma criança, que está agora com cinco anos, e que vem sofrendo de ataques desde os seis meses de idade. Como tenha sido examinada e tratada pelos melhores médicos, nada resultando em seu benefício, deram os pais em recorrer ao Espiritismo.

Como sabe, todo e qualquer pedido feito em base de seriedade, movimenta nestes lados todo o mecanismo para isso disposto.

– Sem dúvida, papai, temos conhecimento dessa verdade. Aliás, sempre nos disseram os guias, da necessidade total de atenção aos pedidos feitos, uma vez que os espíritos têm muito o que fazer, não podendo empatar tempo naqueles rogos menos respeitáveis, ou que não mereçam dos encarnados a melhor atenção.

Ele explicou:

– Exatamente e por dois motivos primordiais; um é por causa da eficiência, visto como as atenções humanas são veículos de elementos energéticos. São forças mentais de ligação, forças que lastreiam fluidos eletromagnéticos, com os quais podemos contar. A fé reclamada por Jesus, lembremos, nunca foi em caráter contemplativo, mas sim mecânico ou eficiente, como instrumento de ação direta. O segundo motivo, Teodoro, talvez tenha razão ainda mais justa, pois se prende ao plano moral-religioso do suplicante ou dos impetrantes. Temos por dever encarecer as razões educativas, muito mais do que as puramente imediatistas. Se fosse para tratar apenas de curar os corpos e beneficiar os interesses imediatos ou temporais, nenhum merecimento teriam os nossos trabalhos intercessórios. Visamos o bem geral, honesto ou segundo a Lei, mas temos em mente, acima de tudo, a edificação espiritual. Quem procurar o mundo espiritual, para efeito de intercessões, lembre-se de que lhe cumpre atender aos deveres de melhora espiritual, antes de mais nada.

Como lhe aguardasse o pronunciamento específico, atinente ao caso em foco, atendeu, esclarecendo:

– No caso presente, o primeiro a ser tratado, temos uma família de oito elementos, todos envolvidos numa questão ruidosa e criminosa, vivida há mais de duzentos anos, na Espanha. É apenas um caso, como o são tantos outros milhares de casos, em que famílias de prol se liquidavam, em lutas de vida e morte, ora tomando feição ostensiva, ora deslizando para o terreno das brenhas tenebrosas da traição. Como, porém, todos estamos por natureza endereçados ao Reino do Céu, devendo realizar o serviço da harmonia, porque fora da Lei ninguém pode vencer, eis que retornam alguns dos implicados ao plantel da carne, a fim de que sejam postos em função os primeiros recursos conciliatórios. E como não existem mistérios nem milagres na Ordem Emanada,

eis também que os mesmos interesses de famílias os terão que reunir e tornar realmente amigos. Por questões de famílias, desavieram-se e por questões de família far-se-ão de novo amigos. Antes estavam em lados opostos, motivo por que se chocaram, criando carma doloroso; agora estão ligados por laços de sangue, razão por que lutarão pela harmonização. E nas bases está a lei reencarnacionista, o instrumento de evolução e de redenção, lei até odiada pelos que se dizem ministros de Deus!...

Considerando o quanto é ridícula a conduta humana, quando para atender a seus mesquinhos interesses se esbate contra as leis de Deus, anuí:

– Dentre muitos outros erros, esse é um dos piores, porque atenta contra o princípio de Justiça, de maneira direta e violenta.

Bastante contrariado, meu pai comentou:

– Os que negam as leis de Deus são quase sempre aqueles mesmos que jamais procuram as investigações de modo acima de sectarismos e parcialidades. Fazem em nome do fanatismo que esposam, fanatismo que, infelizmente, tem nas bases alguns ou vários interesses temporais e mesquinhos. E como por princípio nenhum outro bem é de tão magna importância, como sói ser a libertação espiritual, entristece muito reconhecer que os bens mundanos constringem as verdades de Deus. Todavia, antes de mais nada, vamos movimentar os primeiros recursos, conforme os rogos de que fomos objeto, rogos aliás feitos com rigorosa atenção, porque movidos pelos mais vigorosos sentimentos, como costumam ser os sentimentos paternais.

Tomando a direção de modesta casa operária, num subúrbio de grande cidade, fomos deparar com a família reunida, comentando a questão. O relógio de parede estava assinalando o nadir, quando ali demos entrada.

– Vamos deitar – disse a senhora da família, tomando no colo a menina, aquela que meu pai dissera ser, agora, a vítima de cruel perseguição.

– Vamos ver em que dará mais este tratamento – considerou o pai de família, não muito seguro das possibilidades, consoante as radiações emitidas.

– Quando nada seja a eles possível – disse a mulher – tudo fazem gratuitamente, sem objetivos de lucro. Confiemos, portanto.

Meu pai explicou-me:

– Por intermédio de pessoa amiga, fizeram consulta em um Centro Espírita; e havendo feito alguns servidores as devidas investigações, encontraram os tristes acontecimentos do pretérito, ligados aos imperativos da lei ressarcitiva; isto é, em tempo de ser iniciada a movimentação dos recursos conciliatórios. Descobriram, enfim, que a Justiça os colocou em face da questão, em fase recuperativa, ocultando-lhes o conhecimento de causa. Todos estão sofrendo com o mal da criança, nem de leve supondo que são entre si velhos devedores, verdadeiros cúmplices de faltas gravíssimas. Temos aí, defronte a nós, os pais e cinco filhos, sendo a caçulinha a que sofre de ataques, aquela que traz a família toda em dolorosa apreensão.

– Apesar de reconhecer a lei de Causa e Efeito, ou de Absoluta Justiça, dói na alma a tristeza que os domina. Sente-se que sofrem tremendamente.

– Sem dúvida! Aí estão, no entanto, grandes senhores do passado, grandes endividados perante a consciência. O pai e a mãe pertenceram a uma das famílias beligerantes, enquanto os filhos pertenceram à outra. A criança que sofre o assédio cruel, hoje uma linda menina, foi naqueles dias um ardiloso matador traiçoeiro, homem que, mais tarde, também veio a morrer violentamente. Os dois espíritos monstruosos que a castigam, foram recrutados pelos adversários desencarnados, quando se deu o desligamento. Andaram trocando violentas perseguições, até poucos dias antes de renascer o grande matador, nesse corpozinho feminino. Mais tarde, sem o saberem, foram colocados frente a frente, continuando a perseguição, a fim de, pelo sofrimento, não só irem resgatando um pouco mais, como criando clima para o rompimento dos vincos odiosos, além de se irem engrenando as peças do processo intercessório.

– Então – intervim – o ponto em que chegaram agora, depois de tantos recursos baldados, estava no programa judiciário?

– Simplesmente. Fora elaborado programa, pelos servidores da Lei e da Justiça. Como são todos entre si devedores, e de modo geral perante a Lei, foram traçados os planos e colocados os indivíduos nos respectivos lugares. Alguns outros elementos estão no rol da família, como tios e primos, que também têm sofrido,

embora sob outras condições e situações, além de tomarem parte nesta chaga viva e cruciante.

– Como iremos agir? – perguntei, sequioso de ação, desejoso de saber como iriam reagir aqueles dois monstruosos elementos que envolviam a menina com os seus infernais propósitos.

– Iremos agir – disse-me ele – de maneira a que sintam as influências de suas próprias atenções para com as verdades espirituais; importa mais o reconhecimento, por parte de todos, das realidades imortais e responsáveis, do que mesmo o caso em si. Tudo isso teve uma causa, que foi a inconsciência religiosa; e, por isso mesmo, importa mais a causa do que o efeito. O efeito, como deve compreender, será apenas o pretexto, visto como a grande questão é a confraternização pela educação.

– Teremos a cooperação de outros servidores da Lei?

– Teremos tudo quanto venha a ser necessário, uma vez que os familiares se prontifiquem a agir com consciência e vigorosa certeza. De um modo, porque sofrendo pela causa própria, muito já têm os seus elementos sofrido torturas tremendas; e de outro, porque hão de ser grandes servidores da Causa do Senhor. Desde que venham a ter bons conhecimentos, serão encaminhados a servir, porque desejarão expandir as verdades conhecidas. É isto, saiba, um vasto programa, que tenderá a se desenvolver, tendo por base apenas algumas sanguinárias inimizades do passado. É a Lei que se imporá, transformando perseguições em obras de renúncia, ódios de morte em trabalhos de amor, aversão à Lei em programas ideais. É sempre, Teodoro, a Verdade a se radicar nas almas, lastreando nas penas impostas as bênçãos do feliz aprendizado.

E para dar-me resposta direta, completou:

– Assim que a menina esteja a dormir, quando os trevosos elementos começarem a persegui-la fora do corpo, faremos o devido. Porque assim tem sido, de alguns tempos a esta parte. Quando o espírito deixa o corpo, embalado pelos pensamentos de criança, pensando em seus amiguinhos e brinquedos, os dois monstrengos aparecem, causando terrível pânico. É quando a menina acorda, às vezes com gritos e gemidos profundos. Às vezes com ataques que duram alguns minutos.

Meu pai estava assim falando, quando chegaram alguns espíritos servidores, homens e mulheres, equipados de aparelhos esquisitos, como se fossem lança-chamas.

– São trabalhadores do Centro de que lhe falei, desempenhando o rotineiro serviço de ronda. Atendem os casos possíveis, pois os serviços especiais ficam subordinados a outros. Neste caso, enquanto tivermos que lidar apenas com os dois monstros, isto bastará. Logo mais, teremos aqui médicos e passistas competentes, para reparar no corpozinho os estragos que já se evidenciam, pois a pressão contínua faz tender para as alterações patológicas.

Entrando no quarto, vimos que os dois vultos negros estavam a dois metros de distância da menina, porém ligados a ela por um tênue fio, um cordão que oferecia coloração distinta nos extremos, sendo azulado perto da menina e preto junto deles dois. Notava-se, também, que os dois estavam parece que ligados, como se fossem xifópagos.

– Por que não nos veem? – perguntei.

– Por que estão brutalizados a ponto de estarem em piores condições de inibição do que os encarnados, do que aqueles que sofrem as restrições do corpo denso. O cordão que os une é por via das trocas contínuas de fluidos, é o vício ou trauma fisiológico. E como cada qual quer aproveitar mais o ato vampiro, pois a menina oferece vasto campo de energias para eles agradáveis, acomodam-se de comum acordo, evitando brigas e contendas que os prejudicariam mutuamente.

O chefe daquele grupo chegou-se à menina, aplicou-lhe passe, tendo ela ameaçado deixar o corpo. Quando olhou para o lado e viu os dois, soltou um grito e retornou ao corpo, continuando a gritar. Foi um alvoroço na família toda, pois foram vindo, um por um, para atender a pequena.

– Vamos orar – disse a mãe – conforme nos ensinaram no Centro.

– Por que não lhe dar água fluida? – acrescentou o filho mais velho, um menino de uns quinze anos, que se mostrava torturado.

– Façamos tudo – aventou o pai, condoído.

A mãe colocou a mão direita sobre a cabeça da menina, que olhava para o local onde vira os dois vultos negros, mas sem dizer palavra. Vimos que orava com fervor, emitindo ondas de luz que variavam de cor e de intensidade. E como o seu trabalho estava sendo intensamente auxiliado, a menina sossegou e dentro em pouco adormeceu.

– Procurem atuar sobre todos os familiares – disse o chefe do grupo – para que sintam o auxílio rogado.

Todos os servidores começaram a trabalhar, aplicando mãos e orando. O chefe do grupo veio a mim, dizendo:

– Teodoro, eu o conheço bem, embora você não tenha lembranças de mim. Venha emprestar o seu apoio de espírito encarnado, de quem age como fonte de fluido animal eletro-magnetizado; venha colocar sua mão sobre a cabeça deste homem, o pai da menina, o menos esperançoso de todos, aquele que mais necessita de amparo moral. Faça-o como se fosse a um seu filho doente; faça-o como se a menina fosse sua filhinha.

Compreendendo suas intenções, falei-lhe:

– Eu sei que o Amor é a grande arma de combate. Pode estar certo de que saberei ter piedade, pois embora sejam antigos inimigos e grandes devedores, também me reconheço humano, falho e pai de muitos filhos...

Auxiliado pelo chefe do grupo, meus fluidos foram canalizados para um ponto certo – o plexo solar. E de tal modo intenso fora o jato, que o homem sentiu a tangência, demonstrando admiração e algum receio primeiro, para depois serenar e enviar a Deus um pensamento de gratidão, pois se julgara de fato atendido.

Quando todos os familiares se haviam acomodado, o chefe do grupo falou:

– Vamos retirar o espírito da menina, sem que vejam os infelizes. Eles irão seguindo, conduzidos pelo cordão, até certo ponto. Quando chegar a hora de vê-la, hão de querer atacá-la, como de hábito. Nessa hora, fiquem alerta, a menina será amparada por mim, e dois de vocês descarreguem os aparelhos sobre eles. É muito provável que procurem o corpozinho da menina, refúgio de longos anos e fonte de elementos energéticos. Se assim for, eu ficarei com o espírito da pequenina, onde quer que esteja, perseguindo vocês, os dois. Tenham cuidado, não descarreguem os aparelhos contra o corpo da menina, a fim de atingir os dois infelizes irmãos. Devemos agir com toda a prudência, para poupar à menina qualquer dano.

De fato, ele envolveu a menina em sua aura luminosa, forçou a saída e, conservando o cordão, foi se afastando devagarzinho, sendo acompanhado pelos dois. Nós também fomos atrás, pouco distante, observando o movimento dos dois. Quando em determinado lugar, o chefe tornou a menina exposta, adensando a sua própria aura e a da menina; ao invés deles dois atacarem a pequena espiritual,

voltaram e foram agarrar-se ao corpozinho. Não falavam, mas emitiam rugidos longos e cavernosos, como se fossem uivos de feras ou queixas dolorosas.

Nós voltamos ao corpo da pequena, a fim de pôr em prática a ordem do chefe, conforme fora dada, sem atingir o corpo. Em vista, porém, de se acharem eles interpenetrados, isto é, os três formando um bloco, não pudemos agir, pois os jatos iriam prejudicá-la. Fomos ao chefe, seguindo o liame que unia a pequenina ao corpo, informando-o do ocorrido:

– Não é possível atacá-los, porque estão interpenetrados os três!

O chefe voltou, com a pequena sob a sua proteção, tendo visto como as coisas se estavam passando. Foi então que entregou a pequena espiritual a um dos comandados, dizendo-me:

– Você, que lastreia e pode fornecer elementos energéticos potentes, visto ser encarnado, ponha a mão na cabeça do corpozinho, procurando orar com todas as forças da mente e do coração. Eu farei o restante.

Volveu aos demais comandados, ordenando:

– Não deixem que se escapem, ainda que seja necessário feri-los bastante. É bom que se adensem ao máximo, para agirem com toda a eficiência e rigor.

E a operação foi executada a rigor, pois as mentes e as consciências foram empregadas a todo fervor, reforçadas ainda pelos impulsos da piedade que a todos dominava. Depois de desligados e afastados, quando grunhiam como se fossem feras acuadas, nada mais foi preciso fazer, porque estavam como que atrofiados, sem poderem locomover-se. Pareciam dois monstros patetas, sonambulizados.

– Que monstros! – exclamei, horrorizado.

O chefe do grupo socorrista, condoído, esclareceu:

– A isso conduz a maldade. São muitas dezenas de anos que vivem perseguindo, malfazendo, brutalizando. Quando foram encostados a ela, para efeito de Justiça e cumprimento de programa, passaram a usufruir das vantagens que a encarnação oferece, com os seus imensos recursos fluídicos. Quanto mais foram descendo na escala vibratória, pela continuação do erro, tanto mais foram sentindo necessidade dos benefícios fluídicos. Por isso,

foram cada vez mais se unindo e penetrando, invadindo a seara física da menina. Se não fosse de Justiça a interferência da obra socorrista, dentro em pouco a menina iria perdendo a noção de si, e, aos poucos, o fenômeno patológico ir-se-ia pronunciando, alterando-a anatomicamente.

– Quer dizer – perguntei-lhe – que agora a menina ficará logo boa?

Atencioso, respondeu-me:

– Não deve, segundo o programa traçado, ficar boa assim tão depressa. Este caso se apresenta como efeito, vindo na trilha de causas graves do passado; traz, porém, em seu bojo e mecanismo, elementos de causas e efeitos, como quase sempre acontece, devendo produzir benéficos efeitos para seus implicados, no porvir. Os grandes inimigos hão de se tornar amigos, além de virem a trabalhar nas hostes do Consolador. Iremos, segundo as atenções que os encarnados nos forem oferecendo, atendendo aos poucos, até a cura radical. Devem reconhecer a intervenção do plano espiritual, segundo a Vontade de Deus; devem estudar; devem chegar ao conhecimento de grandes verdades e devem desejar cooperar nas obras luminosas do Consolador em processo de avançamento. Isto, em resumo, quer dizer o seguinte: os grandes inimigos e errados do passado, por necessidade, devem procurar o Céu, colher seus benefícios e tudo consertar, além de se fazerem servidores da Lei.

– Quem irá prejudicar a menina, de ora em diante, com o afastamento desses dois? – tornei a perguntar.

Simplesmente respondeu-me:

– Os fluidos por eles deixados ainda farão muito mal por algum tempo. Não os retiraremos, para que a cura vá ocorrendo aos poucos. Caso contrário, levaríamos a menina-espírito para os nossos laboratórios, onde seria tratada em seu corpo perispirital, e cujos efeitos repercutiriam normalmente no físico. Poderíamos, também, se houvesse ordem, tratar de tudo no próprio corpo físico. Porque, afinal, tudo se pode quando as leis e as ordens estão a favor.

– Obrigado pelas explicações – disse-lhe eu, satisfeito.

Sorrindo com bondade, redarguiu:

– As lições pertencem à própria vida, e as explicações devêmo-las a quem deseja saber, para bem aproveitá-las.

Depois de se irem, levando prisioneiros os dois, perguntei a meu pai:

– Então, papai, esses dois irmãos malfeitores não pertenceram ao grupo das famílias em luta?

Enquanto vagávamos a caminho do outro serviço, explicou-me:

– Não pertenciam a nenhuma das famílias, havendo sido recrutados. Acontece frequentemente que espíritos inteligentes e malsãos, principalmente entre os elementos feiticeiros, recrutam pobres criaturas que, por falta de valores adquiridos e ligações com os planos melhores, são forçadas a servi-los. Trabalham como escravos, porque escravos de fato o são, ficando sujeitos a castigos, se não quiserem atender aos chefes das falanges maldosas. Lembre-se de que isso é comum na Terra e por estes planos. Quem não faz questão de ser melhor, adquirindo o direito de amparo feliz, pode vir a ser presa de empreitadas criminosas, forçado por elementos maldosos da mais variada espécie.

– Considero – aventei – que a passagem pela Terra, como encarnado, representa coeficiente enorme de direitos adquiridos, representando, mais ainda, grandiosa soma de obrigações. Assim considerando, penso que a grande maioria dos encarnados vive ao acaso, a esmo, fazendo transcorrer os dias sem aquilatar as tremendas responsabilidades daí decorrentes.

Com grave entonação, meu pai comentou:

– Atacou, meu filho, o ponto crucial de uma grave questão de ordem espiritual. Ninguém nasce na Terra, para viver por acaso ou a esmo; a encarnação significa sagrado compromisso perante as leis de Causa e Efeito, visando a libertação final, a glorificação pelo desabrochamento dos valores internos. Infelizmente, porém, a grande maioria esquece os sagrados compromissos assumidos, relegando para planos inferiores os deveres de ordem moral. A criatura chafurda na carne, escraviza-se aos vícios, entrega-se aos domínios temporais. Pensa que o espírito seja coisa ulterior, diferente, estranha, adventícia... Considera os problemas do Céu como sendo problemas dignos de poetas e sonhadores, quando não de utopistas e quiméricos pensadores. No entanto, um dia encontrar-se-ão vivos depois da Morte, apenas sem a casca mais grossa, e desprovidos de qualquer categoria, realmente pobres de tudo! Saem do mundo como criaturas de sobrado, acostumados aos galardões sociais, e aqui virão a ser elementos de sarjeta,

duendes e choramingões dos abismos! Isto é, serão tratados pelos problemas do espírito, assim como trataram dos problemas do espírito.

– Realmente, papai, observo que bem pouca gente, no mundo, sabe tratar dos problemas do espírito.

Muito grave, parece que sentindo angústia na alma, anuiu:

– Está com a razão, meu filho. Apesar de ser a Terra um compartimento do Céu, bem pouca gente lhe confere o devido respeito, usando-a como instrumento de ascensão íntima. O bolso e o estômago, as vaidades e o sexo, costumam poder mais, muito mais do que o bom senso, imensamente mais do que as virtudes exemplificadas por Jesus Cristo. A seguir, portanto, as trevas imperam e a criatura chora e geme inutilmente, sem ter para quem apelar, pois as dores e agravos representam apenas o produto de suas obras malsãs.

Estávamos entrando por um recinto a dentro, com o respeito que se deve ao ambiente familiar, quando fomos abordados por um senhor, um espírito raivoso, que nos interpelou:

– Mais dois intrusos?! Quem os convidou aqui?!...

Encarando-o com autoridade, meu pai respondeu-lhe:

– Convidar, alguém já convidou, pois do contrário não saberíamos do seu caso. Todavia, aqui viemos a serviço da Lei, pouco importando a sua opinião! É do Céu que nos vem a autoridade, compreendeu?

Furioso, gaguejando a valer, o homem ralhou:

– Isto é uma farsa! É um canalhismo! Todo mundo, agora, faz patifarias em nome do Céu!... Onde está o Céu?!...

– O Céu – respondeu-lhe meu pai – está dentro de cada um de nós. Porque somos todos herdeiros de glórias em potencial, glórias que devemos despertar, a fim de nos tornarmos livres e poderosos. Acontece, porém, que vivemos por acaso, cogitando de coisas mundanas, esquecidos de que, chegando a hora da morte, o panorama fatalmente mudará, terá que se defrontar com diferentes espécies de situações, quer interna, quer externamente...

Abanando a cabeça com acendrado amargor, ele nos advertiu:

– E os senhores ainda acreditam nessas coisas?!... Deus, leis, espíritos, imortalidade!... Ainda há quem se dê a isso?!... Ora, façam outras coisas!...

– Por que, então, não pode a morte contra a vida? Faz vários meses que você desencarnou, que deixou o seu corpo denso... E vive a molestar a uns e a outros, sem ser compreendido, sem ser ouvido sequer... Perambula de um lado para outro, fala com todos e ninguém fala consigo...

– Esta noite falei com o meu filho! – interveio, triunfante.

– Para causar-lhe um sonho infeliz – redarguiu meu pai, consciente.

O pobre homem ficou entre pasmo e revoltado:

– Que situação!... Estarei louco? Será isto um manicômio?!...

Cheio de brandura, falou-lhe meu pai:

– Jamil, ninguém está louco; apenas aconteceu que você desencarnou. Todos morrem um dia para o mundo, continuando a viver em espírito, com o corpo que lhe é próprio, segundo o grau de evolução. Você, Jamil, que viveu muito animalmente, que pensou muito nos interesses do mundo, nada fez pela melhora espiritual, vindo a desencarnar em estado de grande atrofia psíquica...

– Atrofia psíquica?!... Isso é doença?!... – interrompeu ele, assustado.

Rimos, porque o caso era de rir, embora fosse também de lastimar; entretanto, passado o riso, disse-lhe meu pai:

– É doença, Jamil, e das piores; porque é mal do espírito!

– Do espírito!... – bramiu ele, acabrunhado.

– Sim, do espírito... Quem gosta muito do reino do mundo, atrofia as virtudes do espírito, embrutece-o, torna-o pesado, chumbado ao mundo. É por isso que você desencarnou e ficou rondando a casa, molestando a uns e a outros, feito um fantasma malcriado...

– Eu?!... E vocês o que são?... Também são fantasmas?...

– Somos – explicou-lhe meu pai – espíritos servidores da Lei de Deus; aqui viemos para libertá-lo da tristeza em que se acha, porque, afinal, é mais ignorante e menos maldoso. Errou, cogitou apenas do mundo e dos seus quitutes, mas não cometeu males de maior gravidade.

– Quem os avisou?

Meu pai informou-o:

– Um seu familiar, que teve alguns contatos consigo, e por isso andou sofrendo perturbações, foi a um Centro Espírita e pediu auxílio.

E como os pedidos sinceros movimentam os servidores deste lado, aqui estamos para o bem de todos. É uma questão de conhecer, não é uma questão de acreditar. Os tolos dizem que não acreditam, enquanto os inteligentes procuram aprender, procuram saber. Creio que você, Jamil, devia entrar para o lado daqueles que usam melhor a inteligência e o coração. Que me diz?

O homem que pouco antes estava raivoso, que nos interrompera o caminho com a brutalidade própria do estado em que se achava, agora estava atônito, desconfiado e medindo-se todo, procurando reconhecer se de fato estava morto ou vivo.

– Mas eu estou inteiro!... Inteiro!... – gemeu, tristemente.

– Nós também – disse-lhe meu pai – estamos inteiros; mas estamos vivendo no corpo perispirital...

– Que é isso? – perguntou, enigmático.

– É aquilo – disse-lhe meu pai – que a descrença jamais conseguiria destruir. Assim como a negação humana jamais poderia destruir a Deus e Sua Emanação. Porque são acima dos conceitos e preconceitos humanos, assim também o corpo perispirital é acima de cogitações. Um espírito, Jamil, nunca deixa de ter um corpo, nem que seja de gloriosa luz! Aqueles, no entretanto, que vivem para as verdades inferiores, mesmo depois da morte continuam a ter corpos densos e pesados. Você, Jamil, bem poderia melhorar depressa, pois não fez coisas muito erradas, a não ser que procurou gozar bem a vida, chegando a negar a existência de Deus, com o que mais se brutalizou.

– Também fiz alguns bens, dei muitas esmolas! – alegou, justificando-se.

– Exato. Por isso estamos a convidá-lo para melhores rumos, desde que se arrependa e proponha a reparar as faltas em serviços de fraternidade.

Abanando a cabeça, murmurou, em tom de lástima:

– A questão é saber se morri de verdade!...

– Isso – informou-o meu pai – cumpre a nós. Estamos autorizados a lhe dar as provas, desde que se compenetre das verdades de Deus.

– Provas... Eu saberei que provas pedir?

Apiedado, propôs-lhe meu pai:

– Para andar pela casa e não ser visto nem atendido, bastará que se acredite adoentado, enlouquecido, etc. Se nós quisermos, poderemos demonstrar que somos espíritos, com toda a facilidade e de muitas maneiras. Você, no entanto, não merece coisas assim... Nada fez para merecer avisos importantes nem alertas dignos de criaturas melhores. Porque, afinal, até para as razões mínimas, cada qual recebe segundo os merecimentos. Podemos, todavia, dar-lhe uma prova à altura de seus direitos. Quer aceitá-la?

Olhou-nos com a máxima desconfiança, perguntando-nos:

– Devo confiar em sua palavra?

– Mais do que Deus pôde confiar na sua conduta, Jamil – respondi-lhe.

Nada havendo dito nem comentado, ficara em silêncio a meditar. Visto sua incerteza, meu pai apanhou-o pela mão, dizendo-lhe:

– Afianço que em tudo haverá sinceridade, a mais intensa sinceridade. Venha conosco e confie em Deus, que já é hora de fazer alguma coisa certa. Não observa que sua vida é infernal? Não vê que dormem todos os familiares? Não repara que os espíritos abandonam os corpos, e vão por aí em fora, sem lhe darem a menor atenção? Por que, afinal, deve apenas julgar-se um louco varrido? Ou todos aqui estariam com febres delirantes?

Conturbado ao extremo, balbuciou:

– Não sei o que pensar... Não basta a vida para fazer sofrer?...

– Não esqueça as bênçãos que o Senhor espargiu no seu caminho, Jamil. Tudo quanto chegamos a ter, bens e males, devem servir de lição edificadora. Você, que procurou gozar a vida, e gozou-a em larga escala, tem o direito de pensar assim? E aqueles, então, que nascem alijados de quase todos os bens, que atravessam a vida cheios de torturas, de aleijumes horríveis, ou que findam seus dias no fundo das piores condições e situações, quer seja como prisioneiros, quer seja como doentes incuráveis, ou ainda nas guerras, perdendo tudo, bens e famílias? Por que, não pensar naqueles que têm por casa as sarjetas, por regalia a esmola merecida e por graça alguma palavra afetuosa? Ademais, que lhe estamos oferecendo? Não é o direito de ter paz e trabalho?

Algum tanto animado, ofereceu-se:

– Façam como julgarem melhor... Eu não sei o que desejar.

Eu também não sabia em que as coisas iriam dar, pois meu pai nada me havia dito. Assim que vi meu pai apanhá-lo pela mão direita, procurando sair para fora, fui colocar-me a seu lado, pensando auxiliá-lo. A questão é que fomos andando, até que depressa atingimos um bem conhecido cemitério, cujo portão se abriu à nossa passagem, assim como se abriam as portas, comumente, à nossa vontade.

O pobre Jamil estava estupefato, mas não ousava dizer coisa alguma; quando porém enveredamos pelo cemitério a dentro, teve um impulso de reação. Meu pai, que vinha mantendo oculto sorriso, perguntou-lhe:

– Já está com medo, Jamil? Isto é apenas um depósito de matéria usada, nada mais, e que costuma cheirar mal.

– Que temos com isto?! – perguntou ele, horrorizado.

Meu pai olhou bem, pensou e depois perguntou-lhe:

– Permite que lhe faça a mesma pergunta dentro de dois minutos?

Jamil, sem poder pronunciar uma só palavra, emitiu um som ininteligível e fez sinal de sim com a cabeça; bem se via que estava transido de medo.

– Venha, então, e confie em Deus – recomendou-lhe meu pai.

Quando chegamos defronte a um riquíssimo túmulo, perguntou-lhe:

– Conhece?

Jamil respondeu, muito mal:

– Conheço... É... É nosso... É da fa... família...

Meu pai ordenou-me colocar a mão direita na cabeça do pobre Jamil, fazendo a concentração costumeira. Por tudo quanto foi feito, eu sei que em dado momento estávamos os três junto a um defunto em adiantadíssimo estado de putrefação, exalando o pior dos fedores. Com aquilo tudo acontecendo assim de repente, sem aviso de espécie alguma, repeli com tanta violência a situação, que me vi num repente acordado, assustadíssimo e sentindo o fedor inaturável. Devo dizer que passei dias e dias sentindo aquele cheiro horrível, saindo não sabia de onde.

Uma noite, quando realizando a sessão costumeira, meu pai anunciou:

– Como já lhe disse, Jamil vive atarantado, clamando a Deus por um recurso qualquer. Se não fosse aquele trabalho, quem o faria pensar nos destinos da alma? Quem lhe lembraria as finalidades sagradas da vida? As muitas riquezas e o grande apego ao mundo, fizeram-no escravo ferrenho da Terra, chumbado ao solo e aos gozos temporais. Dizia, em vida, que a Terra é para ser aproveitada, sugada para todos os efeitos. Embora não sendo ruim, nem maldoso, tantas pequenas faltas cometera, que de vergonha passara a não pronunciar o nome de Deus, vindo a, dentro de pouco, dar-se a comentários negativos. Foi aí que piorou, porque mentalmente forjou a separação vibratória. E como tudo quanto é de Deus, para ser e vigorar não precisa do beneplácito humano, eis que a morte o pilhou de improviso, como o tal ladrão da parábola evangélica. E nós, meu filho, fomos acordá-lo para a verdadezinha que mais lhe toca...

– Logo estará melhor? – perguntei, interessado.

– Hoje mesmo se comunicará aqui... E o fedor desaparecerá...

– Por que, papai, tenho sentido o fedor horrível?

Meu pai sorriu, explicando-me:

– Ele é devedor, sem dúvida; mas eu lhe tenho piedade, porque também o sou, e por ter encontrado quem usou para comigo de grande piedade, quando precisei. Eu é que o andei levando e trazendo, sem ele perceber, para que os seus pensamentos o beneficiassem. E tudo saiu bem, graças a Deus. Afinal, meu filho, muita gente há que não atende aos belos e bons conselhos, mas que sente a importância do próprio defunto, mormente quando putrefato e mal cheiroso, capaz de a um tempo ser nojento e pavoroso.

Pouco depois, Jamil estava comunicando, encarecendo as finalidades da vida, os objetivos do trabalho e as lutas do porvir. Não o fazia de acordo com a melhor ética, sentindo a importância natural das boas obras, através das quais se harmoniza com a Lei Geral de Harmonia, cuja resultante é a felicidade maior. Ele estava terrificado, e por isso procurava uma saída para a dificultosa e repelente situação. A sua boa vontade era de indústria, era sobreposta, cheirava a recurso de última hora. Por isso mesmo, falando-lhe por outro médium, avisou-o meu pai:

– Suas credenciais, Jamil, perderam algum tanto de merecimento, em virtude da pouca ou nenhuma vontade em favor da Verdade; além das faltazinhas acumuladas, a demonstração de má

vontade desfavoreceu algumas oportunidades, por isso mesmo vindo a sofrer a compressão da Lei. Tivesse feito bom uso de nossos conselhos, ao lhe falarmos pela primeira vez, e teria sido melhor tratado; isto é, seria encaminhado em melhores condições, sem o tremendo impacto que sofreu, e que vem mantendo sua mente em sobressalto desde aquele dia.

Humildemente, anuiu:

– Reconheço minhas faltas e meu descaso para com o Senhor... Não posso, entretanto, prosseguir assim, cheio de dores e de tormentas de variada ordem. Bem sei que estão a par de minha tristíssima situação; quero lembrar, todavia, que o mau cheiro me fez revirar o estômago, pondo-me a vida infernada! Peço a sua atenção, a sua clemência...

– Eu sei – interrompeu-o meu pai – que agora pensa assim, todo reverência aos Poderes Superiores; é lamentável que só agora assim o faça. Por que, não pensou antes, dessa maneira? Por que, não nos ouviu em tempo?

– Tenho sofrido tanto!... – gemeu, contrito.

– Bastante fez sofrer, diga assim. E se não fossem as caridades que andou fazendo, sabe por ventura em que plagas estaria e como? Quem erra, Jamil, sempre espalha o sofrimento ao seu redor, além de insinuar para que outros também o façam. Observe que, nestes últimos dias, sofrendo horrores por causa do mau cheiro que andou arrastando consigo, foi também passando aos outros o mal-estar, as náuseas e ânsias de vômito, inclusive os desesperos. Se tivesse ouvido as nossas palavras, teria poupado a si grandes males e aos outros infelizes influências. Os familiares e alguns outros, inclusive meu filho que aí está ao seu lado, todos se viram atingidos pelo seu sofrimento. Onde passava, e conseguia atingir com as pestilentes radiações, ali deixava o mal. Observe, para efeito de aprendizado; porque as lições decorrem da vida comum e amanhã terá que ensinar a terceiros. Terá que dizer, pelo menos, que as nossas glórias dependem de nossas realizações nos domínios do Amor e da Sabedoria; isto é, que somos juízes em causa própria. E que, acima de tudo, é mais prudente atender a um bom conselho do que tremer e berrar à frente de uma grande tortura. Terá que dizer, enfim, que aos filhos rebeldes cabe a dor, enquanto que os inteligentes se acomodam ao bom senso, poupando-se de erros e de torturas.

Ato contínuo mandou-o pensar em Jesus Cristo, lembrando-lhe:

– Uma personalidade significa um tom vibratório na escala dos valores universais. Pensar em alguém, e fazê-lo com o melhor sentimento possível, é forçar a sua aura individual através do grau geral. Quem consegue atingir elevado grau de concentração, naturalmente atinge o ponto ideal de realização. Queremos que pense em Jesus, eficientemente, equipando os recursos de sintonia de que é possuidor.

Ao cabo de pouco, à custa de muito esforço, conseguia algumas vantagens, sem o auxílio alheio. Foi então que, por ordem de meu pai, apliquei-lhe a mão sobre a cabeça, procurando beneficiá-lo. E o foi, porque ele dera de si a boa vontade que devera dar. Isto é, agira bem na função de religar.

Quando passara a render graças a Deus, pelas melhoras obtidas, foi meu pai quem comentou:

– Eis aí como temos andado em caminhos errados, e como temos pensado mal a respeito de Deus. Agora deu de pensar bem e conseguiu o bem; quando, porém, Deus o proibiu de fazer antes? Estas melhoras estavam ao seu dispor desde quando? É bom, portanto, irmos aprendendo as lições melhores, reconhecendo que temos vivido a julgar a Deus e Sua Justiça, quando as questões dependem de nós mesmos. Em Deus tudo é questão de leis regentes, e isso data da Eternidade! Quem força as portas do conhecimento e procura agir bem, esse é que faz a Vontade de Deus. E a Vontade de Deus, saibamos, é de sempre e para sempre!

Quando se foram, encerramos os trabalhos, rendendo graças pela feliz oportunidade; mais uma vez, desejando servir, fôramos grandemente servidos.

CAPÍTULO X

Por estas alturas, a minha vida física beirava os sessenta anos, estando minha mãe muito avançada em idade; longe poucas horas da largada final. Estava eu lendo um livro espiritualista, cujas bases doutrinárias vinham dos Vedas, onde haviam sentenças deste porte:

“O homem é, como espírito, imortal, responsável, evolutível e reencarnável; quando livre da matéria, em determinadas circunstâncias pode comunicar-se, falar aos ditos vivos.”

“Por natureza Deus lhe deu poderes e virtudes, em estado latente, a fim de que, desabrochando, se eleve à categoria dos Grandes Mestres.”

“Cada espírito traz em si, por expressa Lei Suprema, o poder de edificar para si as glórias do Bem ou as trevas do Mal; ele mesmo tem o direito de ser o seu construtor, e tem o dever de fazê-lo, pois a Lei Suprema é, para todos os efeitos, geral e acima de particularidades.”

Estava lendo, como disse, tais palavras, quando ouvi alguém dizer, nos meus ouvidos, as seguintes palavras:

– Visite sua mãe o quanto antes!

Corri à sua residência, encontrando-a recostada num amplo sofá, sofrendo tremenda falta de ar. Colocando-lhe a mão sobre a cabeça, e fazendo oração, procurei passar-lhe fluidos ao máximo, para revigorá-la. Conseguida a melhora, enderecei pensamentos contínuos ao guia que por ela costumava comunicar, a fim de obter algum informe sobre o que fazer. E obtive a comunicação.

– Cheia está a medida – disse ele – e bem farta será a colheita no Reino de Deus, que são as regiões felizes, onde vivem os que cumpriram bem os seus deveres, trabalhando pela melhora própria e geral. Embora a separação envolva as criaturas em seu manto de luto, creio que deve sentir imensa alegria, porque é grato perante Deus e o mundo, saber que uma alma viveu a melhor conduta, executou o programa decente, armazenando glórias para si e conforto para todos aqueles que amam a Verdade e o Bem.

Depois de outras breves palavras, partiu, deixando patente que não mais falaria comigo, a não ser na vida espiritual, quando também eu deixasse o plano carnal.

Chamado o médico, e feita a consulta, diagnosticou o fim da vida física pelo esgotamento geral. Horas depois, dormindo o sono brando, envolvida por uma legião de amigos, desligou-se e planou a uns dois metros do corpo. Vi perfeitamente que fizeram a operação do corte fluídico, pelo que foi ela afastada por um grupo de irmãos servidores. Só tornei a vê-la na hora do enterramento do corpo, visto que aqueles irmãos a trouxeram. Estava sonolenta, parecia querer dormir, mas estava aureolada e o seu semblante revelava candura contagiante. Observei que os servos do Senhor haviam-na isolado, a fim de que as vibrações dos encarnados não lhe atingissem.

Feita uma prece pelos irmãos em Doutrina, a caravana espiritual partiu, assim como todos os demais. Vi que espíritos inferiores ali ficaram, curiosos e perambulantes, tecendo comentários os mais contraditórios, dizendo que ela devia ser alguma protegida de Deus. Se tivesse podido, diria a eles que em Deus não existem proteções nem perseguições, de caráter algum, porque em Deus tudo é segundo leis regentes, fundamentais e eternas, estando em cada um o dever de construir a sua glorificação, pelo trabalho desabrochante. Não foi possível dizer coisa alguma, naquele momento, nem depois, visto que outras foram as ordens recebidas. Ao querer convidá-los, mais tarde, para serem orientados nas sessões espíritas, tivemos ordem em contrário. Não mereciam, ainda, o amparo da Lei, visto como nada haviam feito em vida nem ainda pretendiam fazê-lo na morte. Estavam desprovidos de recursos favoráveis, tendo em contrário, ainda, maus juízos a respeito da Soberana Justiça.

Todavia, depois de alguns dias, minha mãe apareceu pela primeira vez; estava em companhia de meu pai e outros, porém era maior do que eles. Se alguém a visse, tal qual como se apresentou, e esse alguém fosse pouco ciente das grandes verdades do mundo espiritual, seria capaz de tomá-la pela Mãe de Jesus. Alguns espíritos, muito menores em hierarquia, já foram assim considerados; gente sem a devida noção dos fatos, gente piegas, tem visto espíritos um tanto luminosos e tem interpretado as coisas de modo exagerado. A gama hierárquica é vastíssima e não é assim tão fácil discernir as tonalidades evolutivas.

Todavia, de longe em longe ela comparecia, tomando parte nalguns trabalhos e alegrando a todos com a sua graciosa presença.

Apenas uma vez convidou-me a acompanhá-la, transportando-me a um plano onde a Luz Divina era exposta em grandiosa evidência; devo dizer que eu estava longe daquelas alturas vibratórias, suportando aquela ambiência formidavelmente intensa à custa de sua ajuda. Diante de tamanhas glórias, defronte a tão intensas vibrações, eu tremia e chorava, mergulhado num sentimento de Amor e de Harmonia, como jamais poderia imaginar que existisse.

Durante a lenta viagem de retorno, falou-me ela:

– O grau ótimo individual é aquele que se caracteriza pela equidade entre o tom vibratório interior e o tom vibratório exterior ou ambiental; naquelas alturas ficam bem aqueles que, por evolução, por capacidade vibratória íntima, estão em sintonia, pairam no mesmo plano.

Cheio de gratidão, comentei:

– Todavia, mamãe, sou grato pela grandiosa oportunidade; afinal de contas, tenho ido a lugares feios, auxiliando nos serviços socorristas, poucas vezes tendo ido a lugares bonitos. A viagem de hoje, para todos os efeitos, valeu como recompensa e medida estimuladora. Nunca mais, até que viva sobre a Terra, esquecerei semelhante graça de Deus.

Já ao lado do meu corpo, ao qual seria entregue, disse-me ela:

– Devemos graças a Deus, por tudo quanto nos dá, visto que de tudo podemos extrair grandes lições. Observe que, estando tudo ao dispor dos filhos, nada se consegue de favor. Ao invés, portanto, de ladainhas tolas, de bajulagens e engodos, de rituais pagãos e salamaleques comprados, procuremos agir decentemente, fazendo o bem e aprendendo as grandes lições da vida. Deus quer Amor e Sabedoria e não pieguismos ignaros, tudo isso que o paganismo dos tempos primitivos inoculou nas almas, e que até agora as escraviza e retém nas esferas inferiores do pensamento. Enquanto a criatura apelar para as formas e os meneios, curvando-se aos rituais que são apresentados como atos de adoração a Deus, claro que não estará praticando a sua libertação espiritual. Ao que é material deve-se usar para fins materiais, e ao que é espiritual deve-se atenção espiritual. Se dar culto melhor ao cérebro e ao coração não agrada ao Senhor, muito menos agradará fazer ofertas onde o fetichismo e o paganismo interferem, além de intervir,

por acréscimo, a sanha político-comercialista. Devemos, pois, grandes trabalhos à Humanidade. Tome conta de seu corpo, até que Deus queira, procurando trabalhar o quanto lhe seja possível pela melhora espiritual dos irmãos em Origem e Destino.

Tomando conta do corpo, tudo era lucidez, como de costume; portanto, de alma encantada e cérebro exuberantíssimo, rendi graças a Deus. Já havia, muitas vezes, derramado cálidas lágrimas de gratidão; naquele dia, porém, selei a grande ventura, porque foi de todas, a maior das graças recebidas. Não é possível relatar o que seja ter um contato assim com a Luz Divina, Luz que é FUNDAMENTO ONIPRESENTE.

Quando cheguei ao tempo em que deveria entregar à Terra aquilo que devia ficar na Terra, fi-lo com a mente voltada à Luz Divina; porque, graças a Deus, não tive a morte como dificuldade, para entrar na Grande Morte como espírito consciente. Ao invés de me apegar ao mundo, tive a ventura de me agarrar à Luz Divina, procurando manter o melhor contato.

Ao me achar desligado, pairando sobre o corpo, sentindo em mim uma leveza indescritível, ouvi atrás de mim alguém dizer, com voz potente e penetrante:

– Deus quer boas obras e não adorações contemplativas! Receba aquilo que tem de direito, lembrando que é por Lei e por Justiça, nada mais e nada menos, porque assim o quer Deus! Quem oferece idolatrias, recebe idolatrias! Quem oferece crimes, recebe crimes! Quem oferece mentiras e fingimentos, recebe mentiras e fingimentos! Quem oferece Amor e Sabedoria, recebe Amor e Sabedoria! Porque, conforme está escrito, a cada um será dado consoante as suas obras!

Eu estava assustado, porquanto a voz era potentíssima, penetrava os espaços e fazia estremecer o mais íntimo da alma. Quando volvi a face, para ver quem emitia aquele brado fantástico, vi que pairava no espaço uma folha de livro, folha de livro que reluzia, que irradiava luzes multicolores, luzes que eram palavras, e palavras que eram aquelas que se achavam no último capítulo do Apocalipse.

Quando a calmaria voltou a reinar, foi então que vi um grande número de parentes e amigos, que vinham para me cumprimentar e abraçar. Entreguei-me ao devaneio e, derramando copiosas lágrimas, fui conduzido para bem longe, até que fosse hora de enterrarem o bom instrumento que fora meu corpo carnal.

Estava longe de poder falar, tamanha a comoção de que estava possuído; entretanto, um dos grandes amigos, tomando o meu lugar, disse em voz alta, dirigindo-se a Deus, à Luz Divina, que é FUNDAMENTO ONIPRESENTE:

– Senhor! Recebe em Teu Seio de Luz e de Glória a gratidão de Teus filhos e servidores! Sábias e justas são as Tuas leis e muito podem colher aqueles que se dão a compreendê-las e a executá-las! Graças a tudo isto, Senhor!

Finda a fúnebre cerimônia, a caravana ergueu-se, conduzindo-me ao local onde ficaria entregue a um sono reparador.

Quando acordei, ouvindo música sublime ao longe, e tomado de envolvente embalo deslumbrante, reconheci que ao redor estavam bastantes amigos e parentes. Foram todos vindo e falando, até que minha mãe chegou, a última de todos, feita a imagem da bondade ou da santa maternidade...

Eu não sabia o que ela iria dizer, pois em seu meiguíssimo olhar pairava um enigma. Todavia, quando falou, anunciou-me:

– Filho! Jesus nos aguarda para trabalhos de suma importância, trabalhos informativos e consoladores. Vamos tratar daqueles que ainda pairam nas regiões inferiores, nas esferas onde as graças de Deus se acham distantes de Seus filhos, quer seja por faltas cometidas, quer seja por ausência de evolução. Para que falar deste reencontro, meu filho, se tantas vezes nos temos reencontrado, no curso das mortes e das vidas?

Depois de algumas palavras a mais, perguntei-lhe, assim que pude conversar:

– Eu sei que, na Terra ou no Céu, variam ao infinito os ramos do saber e de atividades. Que irei eu fazer?

Veio meu pai, saindo dentre os amigos e parentes, colocando-se ao meu lado.

Apontando para ele, minha mãe falou:

– Não sabe ainda que coisas temos do pretérito, com toda a exatidão; mas, afinal, sabe um pouco. Se quiser saber tudo e da melhor forma, será muito fácil, porque os merecimentos o garantem. No entanto, em linhas gerais, estamos articulados, algumas dezenas de irmãos, a grandes prejuízos. Alguns foram algozes, outros foram vítimas... Deus, porém, quer a todos como a filhos, ensejando oportunidades de paga e de redenção. Graças a Deus,

temos conseguido bastante, pois durante séculos temos voltado ao plantel carnal, onde as vítimas abraçam e embalam os algozes, e vice-versa, até que a compreensão e o Amor tomem o lugar da ignorância e do ódio...

Olhei bem para meu pai, enquanto ela falava, reparando que ele derramava, em silêncio, copiosas lágrimas. Ela, entretanto, prosseguia:

– Eis aí, meu filho, que seu pai o aguarda para serviços de reconciliação e melhoras em geral. Foi ele, em dias que vão longe, o algoz de todos nós, um dos maiores errados religiosos da História, um dos grandes perseguidores dos primeiros cristãos, volvendo mais tarde a reincidir em faltas, tornando-se inquisidor e dos mais fanáticos... Devemos, portanto, a ele, trabalhos de perdão e de auxílio... Porque muitos outros ainda se acham em piores situações, revoltados e odientos, vingativos que se tornaram, por causa dos tremendos sofrimentos. E, saiba, a todos devemos trabalhos fraternos, em conformidade com a Lei: onde pudermos semear a compreensão, e por ela a reconciliação, e, por esta, a obra de soerguimento em geral, façamo-lo. Porque, um dia, quando todos os grandes divididos estiverem de novo reunidos, viremos a sentir em nossos respectivos corações a maior de todas as graças, que é sentir intensamente a felicidade daqueles que foram os nossos maiores inimigos. A verdadeira glória é filha dileta da Harmonia.

Apanhando-nos pelo braço, aproximou-nos, dizendo:

– Abracem-se com ardor e carinho, porque tudo isto custou muito a ser obtido!... Eu rendo graças a Deus, porque o programa de trabalhos está em curso e os resultados têm sido grandes. E enquanto penhoro a Deus todas quantas atividades venha a poder executar, reclamo de todos a melhor cooperação, em benefício daqueles que ainda se acham entregues à ignorância e à dor, à idolatria e ao paganismo. Irão ver, e podendo servir, a muitos que se acham afastados da melhor conduta, gemendo e chorando, blasfemando e causando males, esquecidos de si mesmos, alheios aos divinos bens de que são portadores...

E lastimando em si mesma a incúria de muitos, propôs:

– Vamos, afinal, depois de tantos séculos de luta, vitórias e fracassos, dar um impulso a mais na campanha redentora de nossos irmãos sofredores, daqueles que se acham enredados em nossa história? Vamos dizer-lhes que se esqueçam das contendas

individuais e que se lembrem da hora cíclico-histórica que bate às portas da Humanidade? Vamos dizer a eles, meus queridos, que deixem a Justiça por conta de Deus, e que se entreguem aos trabalhos de redenção, porque a hora cíclica é premente, reclama severas atenções?

Como tivessem feito, alguns espíritos, desde muitos anos, alusão à hora cíclica em curso, advertindo sobre a sua influência de ordem geral, influência que teria ação irrevogável sobre todas as criaturas terrícolas, encarnadas e desencarnadas, perguntei-lhe:

– É assim tão importante a questão cíclica, para que dela todos falem com acendrado zelo?

Fixando-nos bem, um por vez, respondeu-me:

– Assim como as criaturas têm suas diferentes idades, e devem corresponder a elas, assim os mundos e suas Humanidades devem também corresponder aos tempos. Quando para um mundo e sua Humanidade aparece uma hora de transição, significa que haverá melhora para uns e piora para outros; porque, verdadeiramente, sempre existem os que ficam para trás, envolvidos em suas infelizes realizações, enredados em seus próprios crimes e apegados a seus próprios conceitos inferiores. Ora, convenhamos, a Terra se acha em hora convulsiva, por causa da transição cíclica, em cujo bojo está saliente e patente a Restauração do Cristianismo do Cristo, ou da Igreja Viva, edificada sobre a Revelação.

Incutindo à voz entonação grave, como que a lembrar a grandiosidade da hora em curso, emendou:

– Para dizer-lhe o quanto é importante a transição cíclica em curso, quero dizer que a vinda do Cristo se processa através de Seus Imediatos, movimentando as legiões que atingirão até aos mais afastados rincões e mais endurecidos irmãos, sacudindo-os, procurando movimentá-los, acordando-os para o progresso necessário. E se calhar, como infelizmente acontecerá, de muitos não quererem ouvir o grande chamamento, então haverá degradação... Porque, saibamos, quando um mundo e sua Humanidade evolvem, alcançam melhoras, fatalmente descem aqueles que fecham seus ouvidos ao brado de alerta, aqueles que fincam pé em suas estultas convicções. É que a Lei presidente de todos os fenômenos, vigora para todos os efeitos, conferindo a uns na razão direta de seus impulsos progressivos, assim como a outros pela recalcitrância nos erros. A direita e a esquerda, compreendemos,

estão ligadas pela mesma força propulsora; a diferença é de ser atrativa ou repulsiva a influência, nada mais. Quem não atende ao apelo atrativo, inclui-se na ala repulsiva. É o fenômeno do peso específico, é autoclassificação, cuja força embaladora, para estacar, só mesmo à custa de tremendos esforços empregados em contrário. Quem se negar aos convites da hora presente, entregando-se à rebeldia ou descaso, no amanhã se terá em péssimas condições, custando muito mais para subir e se harmonizar com a Grande Lei de Harmonia Universal.

Refeito da comoção que o afetara, meu pai balbuciou:

– É certo que temos dentro de nós mesmos o Reino de Deus; não é fácil, porém, movimentar os recursos construtivos, quando nos apegamos aos imperativos do individualismo, principalmente quando tangidos pelos fanatismos religiosos. Quero crer que hajam muitos errados, tortuosos, que conduzem à treva e suas amarguras; entretanto, parece-me, os errados religiosos quase sempre são os mais ferrenhos e endurecidos. Eu, por exemplo, quando me falavam de reconhecer as faltas, os crimes hediondos, os horríveis morticínios, sentia crepitar em mim a chama das reivindicações a que julgava ter direitos, endereçando a Deus toda a ira de que era capaz. Hoje tudo isso parece estranho, mas a verdade é que eu pensava ter feito bem a Deus, e a Jesus, matando e trucidando por divergências religiosas; arrogava-me, portanto, direitos que julgava justos e acima de cogitações. E como tudo permanecia em trevas e tormentas, descendo cada vez mais, tanto mais cresciam os ódios em minha alma. Creio que cheguei a ser ódio puro!...

– Onde está Jonas? – perguntei-lhe.

A lembrança fê-lo sorrir, havendo anunciado:

– Jonas está se curando, enquanto se esforça para curar os outros... Leva tão a sério a sua função de passista, que se impõe rigorosa conduta mental. Estuda tudo quanto lhe cai em mãos, demonstrando grande interesse pela chamada Sabedoria Antiga, pelos ensinos dos Grandes Mestres do passado. E como todas as Revelações Antigas são caminhos que conduzem à Síntese Cristã, que se constitui da Lei Moral e do Batismo de Espírito Santo, eis que Jonas enriquece a mente com as leituras proveitosas, enquanto se modifica vibratoriamente com os trabalhos de cura e com as concentrações porfiadas a que se entrega. Já está muito distante daquela característica idólatra e ronceira com que se apresentou naqueles dias, quando o fomos retirar daquela região inferior.

– Gostaria de vê-lo – pedi.

Minha mãe sorriu, afirmando:

– Sem dúvida! E terá de vê-lo, e de auxiliá-lo, pois estamos incumbidos da nobre função de soerguimento. Todos quantos fazem por acertar, aceitando o convite da Verdade, se fazem credores de nossos préstimos. Através dele, e de outros muitos Jonas que se acham agrilhoados aos tremendos crimes, faremos um grande e honroso trabalho, recambiando ao Reino de Deus aqueles mesmos que em nome de Deus praticaram terríveis ações. Já que estamos em melhores condições, façamos tudo quanto seja possível e justo por aqueles que se acham entrevados, desde que manifestem tendências de reajustamento intelecto-moral.

Nessa hora, deu presença a senhora Alzira, que me envolveu com o seu halo de luz, amor e simpatia. Sua chegada movimentou a todos os presentes, porque sua elevação absorvia, encantava e sugeria adoráveis emoções. Ela tocava, com o seu amoroso e poderoso tom vibratório, o íntimo das criaturas que se lhe chegavam ao alcance da palavra. As almas que se edificam, que vão ingressando na esfera do Grande Amor, causam esses fenômenos, imantam as pessoas de boa vontade, porque têm o condão maravilhoso de atingir, com as suas emissões vibratórias, a intimidade das almas irmãs. A Sabedoria tem o seu modo de se impor, causando admiração, prendendo o intelecto; mas a maravilha das maravilhas está no Amor, porque este encerra a um tempo, a maior soma das Virtudes Divinas. Quem sabe é importante, mas quem verdadeiramente ama é muito mais ainda, é glorioso!

O meu primeiro grande contato, depois da pequena morte, da largada carnal, foi realmente uma grandiosa entrada na Grande Morte, nos felizes planos da Vida Maior. Se ainda falamos nos planos da Morte, devemos discernir entre uma e outra, pois que, de fato, nem sempre se encontra a Grande Morte, por mais justo e certo que jamais se poderia escapar da pequena morte. Verdadeiramente, uma vez que temos de enfrentar a pequena morte, porque não cuidar daquela que significa a Grande Vida?

Outro fato surpreendente, para mim, foi reconhecer, depois da liberdade carnal, que muitos dos amigos e conhecidos da Terra, haviam sido criaturas com quem havia tido contatos em outras vidas, sendo algumas delas elementos consanguíneos, familiares bem chegados. Pude observar, também, que nalguns casos tínhamos tido empreitadas idênticas, trabalhando pela melhora de outros,

mas nem sempre focalizando as condições e situações com inteireza de pontos de vista, de onde surgiram não poucos entraves à obra benfeitora.

Durante os dias terrenos, por exemplo, alguns confrades sustentaram divergentes pontos de vista, achando que devíamos endereçar práticas e atividades para tais e quais rumos, não faltando quem se desse a interpretações diferentes, quer a conceitos doutrinários, quer a trabalhos mediúnicos. Durante aqueles dias, procurei conselho com os guias, dizendo eles que nem todos podiam focalizar as variantes questões pelo mesmo prisma, por causa das diferenças hierárquicas e psicológicas, além daquelas que decorriam dos princípios educativos admitidos. Contudo, avisaram-me, então, que ninguém tinha obrigação de querer ficar bem com todos, sendo até imperioso, em certos casos, e para determinados fins, que convinha ficar do contra, ser avesso.

Ora, como cada facção alegava estar agindo em conformidade com as instruções de seus respectivos guias, tornei a falar com os meus, dizendo eles que isso tudo estava certo no plano geral, mas que viria a estar errado no plano particular, uma vez que o mundo espiritual se caracterizava pela diversidade formidável de regiões e esferas hierárquicas, alojando criaturas de diferentes tonalidades evolutivas, de onde surgiam as divergências de conceitos e de gostos.

Vim a encontrar a exatidão da afirmativa, e a razão de ser das vastíssimas modalidades de culto nas hostes espíritas, por causa das variantes regiões e esferas, de onde vêm os encarnados, e de onde são os guias espirituais. Assim como são divergentes os graus evolutivos, na carne e fora dela, assim são divergentes os conceitos e os matizes doutrinários, práticos e teóricos. A grande regra é melhorar sempre, avançar tantas quantas vezes seja possível, jamais estacar nas vias do progresso; mas, infelizmente, nem sempre as criaturas assim o entendem. Parece estranho, mas é comum que haja dialética para tudo; por isso mesmo, enquanto alguns há que se sacrificam para melhorar sempre, outros há que se esforçam nos domínios da iniquidade, do mau uso das faculdades e dos recursos que Deus coloca ao dispor de Seus filhos.

Nem sempre a vida terrena ensina o melhor, restrita que é por natureza das densidades ambientais; também é certo que nem sempre a desencarnação pode ensinar tudo quanto poderia, visto como não lhe cumpre fazer santos nem devassos, mas apenas entregar o indivíduo a seus próprios merecimentos. Merecimentos quer significar esferas, regiões, locais de habitação, condições e situações, etc.

Cumpre, portanto, aprender ao máximo e ao máximo fazer tudo quanto é bom; a mania de adiar para amanhã, ou talvez para o futuro, qualquer iniciativa digna de atenção, tem posto muitos elementos em situação crítica. Olhar para trás, depois da pequena morte, nada resulta! Para melhorar, até mesmo para melhorar, cumpre levar em conta as oportunidades do presente, as ofertas da hora precisa, porque o tempo nem sempre tem o mesmo valor, como capital a ser empregado. Quando chega a ser tarde, para alguns arrependimentos, que outro recurso resta sem ser aguardar novas oportunidades? E quem sabe ao certo em que bases virão, para aquele que se fez de esquecido em face dos mais íntimos e sagrados deveres?

Faz poucos dias que, visitando em companhia de meu pai a residência de um confrade, ainda encarnado, fomos surpreendê-lo em atividades francamente condenáveis, metido entre elementos de baixíssimo padrão vibratório, sustentando os piores propósitos. Ora, este homem, apreciavelmente inteligente, que tivera a ventura dos bons conhecimentos doutrinários, por que se enredara com elementos espirituais de baixo padrão? Ouvimo-lo defender sua tese, sua concepção, mais de uma vez, acompanhando-o alguns dias; estava certo de estar em boa companhia e fazendo o bem. E argumentava, com bastante ênfase, que suas influências cresciam, dia a dia, junto ao mundo espiritual.

Diante de tamanha descida, lastimei, falando a meu pai:

– Não existem, realmente, conceitos e opiniões que não sejam defensáveis; a questão, no entanto, não é convencer a si e aos outros: é convencer a Lei de Harmonia Universal, é conseguir o equilíbrio no porvir.

Versado na tarimba dos tremendos sofrimentos, meu pai afirmou:

– A vantagem, Teodoro, é que de tudo chega a hora. Agora, para ele, chegou a hora de pensar assim, movido pelos interesses imediatos; amanhã, quando tiver que deixar o plano carnal, terá que, consequentemente, enfrentar outra hora. E poderá, à custa de sacrifícios, chegar a grandes conclusões! Eu sei que não é esse o sistema usado pelos mais prudentes; mas, ponderemos, quem é obrigado a ser prudente de um salto? O bom senso é filho do acaso?

Pesaroso, intervi:

– Ele teve boas informações doutrinárias; conversou com espíritos cristãos e dignos de apreço. Desvios conscientes terminam custando bem caro!

Encolhendo os ombros, meu pai argumentou:

– Você ainda não sabe tudo a meu nem a seu respeito; mas eu já revi tudo quanto poderia ter de mais proveitoso e interessante. Que maior falta, do que matar em nome da fé, julgando fazer bem a Deus? Afinal, Teodoro, não é da Lei que ninguém tem o direito de matar? E não matei eu, assim como o fizeram outros, e como tantos outros vivem fazendo ainda? Como regra geral, ou medida coletiva, onde está a prudência? Não observa que, vinte séculos depois de edificada a Igreja Viva, sobre a Revelação, pelo maior espírito planetário, ainda se fazem os piores erros, ainda se aprimoram idolatrias, ressomando aparatos pagãos e comerciais, em nome da fé? Que povo está isento de maus elementos? Onde não espocam taradismos e atos horrendos? Em que parte da Terra a Justiça não sofre corrupção? Qual a religião que não aloja corruptos e marginais da pior espécie?

Observando minha tristeza, depois de fazer breve estacato ponderou:

– Meu filho, minha vítima de outros tempos! Você está retornando agora do mundo carnal, cheio de belas conquistas, equipado de santas realizações. Sua mente paira num plano superior, longe das misérias das regiões inferiores. Eu sei o quanto se chocam os conceitos e preconceitos, de homem para homem, de local para local, de esfera para esfera. São brutais as divergências, são terríveis as comparações! Entretanto, bem sabe, a Grande Lei põe cobro a tudo, no curso dos tempos e das vidas... Levanta-se ela do íntimo de tudo e de todos, do indivíduo e das coletividades, forçando ao equilíbrio, impondo a ordem, fazendo atingir o ponto final.

Não se apoquente, portanto, ao defrontar um irmão que se desvia, depois de saber o que é melhor; isso é triste, mas é possível, porque todos podemos jogar, até certo ponto, com o relativo livre arbítrio. E o erro de um tempo representa a dor de outro tempo, restando ainda, como consequência, a experiência para outros tempos, talvez para a eternidade!

– É compreensível, mas é doloroso – pontilhei.

Encolhendo os ombros, gesto bastante seu em casos tais, retornou:

– É simplesmente humano... As grandes lições teóricas, valem muito para os grandes espíritos; porque os medíocres pensam e agem de outra maneira. Se um companheiro de trabalhos deixa o bom caminho, estribado nos ensinos do Evangelho e da Codificação, e lança-se nas dobras do mediunismo comprometedor, visando vantagens mundanas, isso apenas constitui uma falta humana, coisa que vem dos primórdios da Humanidade. Está jogando com a liberdade relativa que o Céu lhe confere; no porvir, certamente colherá os produtos da falta, nada mais. A Lei é viva e a Justiça vem sempre a tempo. Pior faríamos, lembre-se, empatando tempo com quem o não merece... Vamos à cata de outros, que sabem e querem o melhor. Não percamos tempo com o ruim defunto, como diz o refrão!...

Foi, em verdade, cheio de pena que deixei o recinto daquele irmão, que havendo perfilhado a sã Doutrina, descambara nos rumos de práticas nocivas, vindo a se mancomunar com elementos espirituais de padrão bastante inferior, que lhe consumiam o precioso tempo e lhe exigiam práticas viciosas e comezainas deprimentes, em troco de serviços rampeiros, de préstimos comprometedores, advindos por vias escusas.

Fomos apreciar, a seguir, em outros recintos, os serviços educativos, com base nos trabalhos mediúnicos escrupulosamente cultivados. Como ninguém ali era de má conduta proposital, ninguém procurava desculpar suas faltas, armando discrepâncias para com os dispositivos da Lei de Deus e dos ensinos do Cristo. O ambiente psíquico era superior, pode-se dizer sublime! Nenhum espírito prometia atos prodigiosos, nem reclamava práticas e quitutes animalescos... Todos insinuavam boas leituras, felizes aprendizados, nobres empreendimentos. Na lembrança de todos estava o Reino do Senhor, que é íntimo a todos os filhos de Deus, e que deve desabrochar à custa de esforços sábios e amoráveis.

Fomos colher, enfim, na semeadura do passado, os frutos saborosos da vinha do Senhor!

O novo presidente da Casa, lembrando-me o acendrado penhor doutrinário, nas bases fundamentais do Divino Mestre, anunciou aos presentes, com grande alegria:

– Faz hoje, meus irmãos trinta dias que o nosso querido irmão Teodoro partiu na direção das plagas superiores da Vida! Bem sabeis o quanto era evangélica a sua formação doutrinária, o culto de sua própria conduta humana! Iremos hoje, em seu louvor, comentar aquele capítulo que lhe era tão caro; aquele capítulo que deve merecer de todos os espíritas grande respeito, porque testemunha, radicalmente, ser o Espiritismo a Restauração do Cristianismo do Cristo. Faremos a leitura do capítulo quatorze, da primeira carta de Paulo aos Coríntios, onde se lê, onde se aprende que Jesus veio derramar do Espírito Santo sobre a carne, conforme a promessa antiga, e que os Apóstolos, em seguida ao Pentecostes, foram pelo mundo espalhando a grande novidade, a Doutrina da Verdade!

Foram lidas e comentadas as palavras de Paulo, fazendo o novo presidente as devidas comparações com os dois primeiros capítulos do Livro dos Atos, para extrair a conclusão irretorquível, de ser o Espiritismo a Restauração do Batismo de Espírito Santo, razão de ser da vinda de Jesus Cristo ao plano carnal.

F I M

UNIÃO DIVINISTA
www.uniaodivinista.org